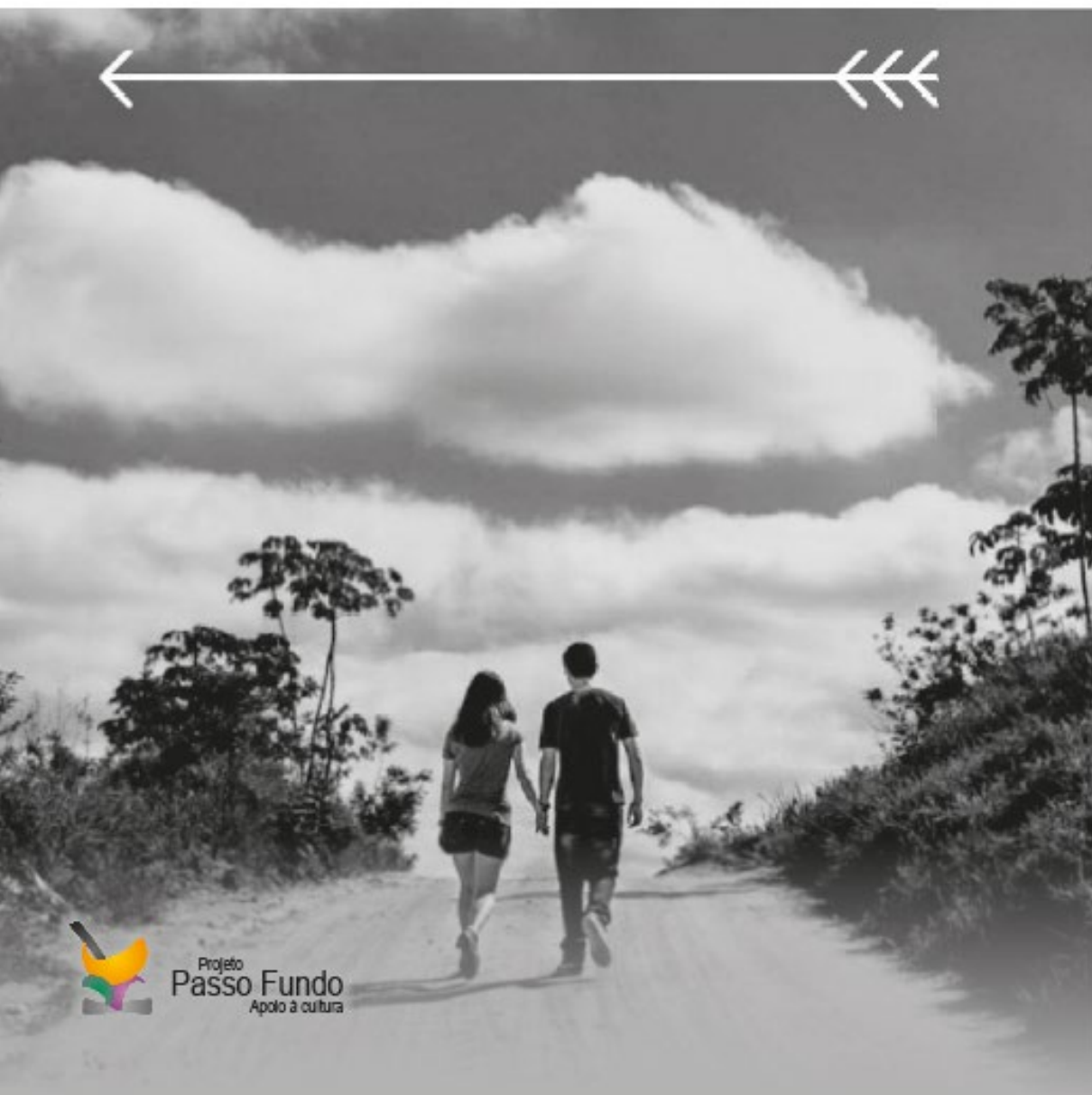


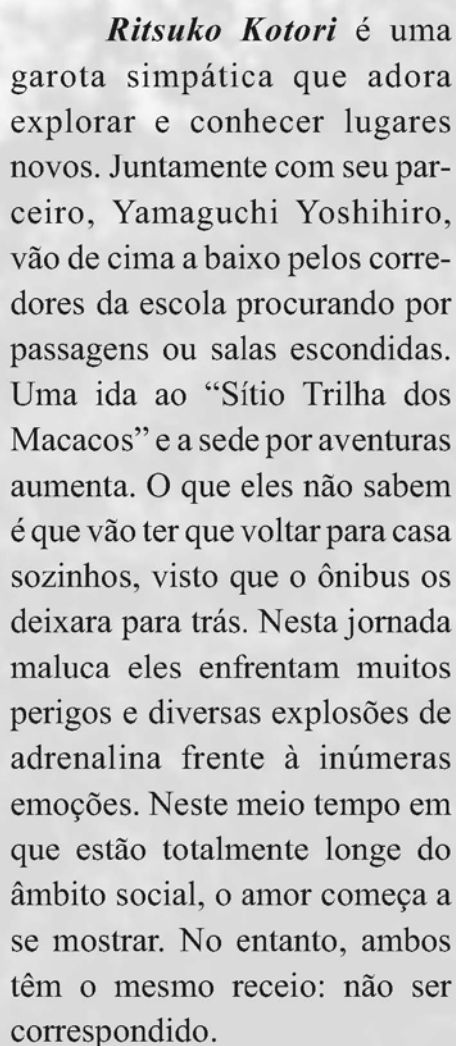
BY VITÓRIA SABRINA

Back Home

“DE VOLTA PRA CASA”



Projeto
Passo Fundo
Apelo à cultura



Ritsuko Kotori é uma garota simpática que adora explorar e conhecer lugares novos. Juntamente com seu parceiro, Yamaguchi Yoshihiro, vão de cima a baixo pelos corredores da escola procurando por passagens ou salas escondidas. Uma ida ao “Sítio Trilha dos Macacos” e a sede por aventuras aumenta. O que eles não sabem é que vão ter que voltar para casa sozinhos, visto que o ônibus os deixara para trás. Nesta jornada maluca eles enfrentam muitos perigos e diversas explosões de adrenalina frente à inúmeras emoções. Neste meio tempo em que estão totalmente longe do âmbito social, o amor começa a se mostrar. No entanto, ambos têm o mesmo receio: não ser correspondido.

Back Home

“DE VOLTA PRA CASA”



BY VITÓRIA SABRINA

Back Home

“DE VOLTA PRA CASA”

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Romance. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2017. 164p. ; 23 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR);

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 06/10/2017

Capa: Vitória Sabrina

S118d Sabrina, Vitória

De volta pra casa [recurso eletrônico] / Vitória Sabrina.

– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

4,1 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-313-5

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

CAPÍTULO 1 – <i>O passeio</i>	7
CAPÍTULO 2 – <i>Sítio Trilha dos macacos</i>	19
CAPÍTULO 3 – <i>O acidente</i>	41
CAPÍTULO 4 – <i>No hospital</i>	51
CAPÍTULO 5 – <i>Problemas à vista</i>	61
CAPÍTULO 6 – <i>A caverna</i>	71
CAPÍTULO 7 – <i>Um dia perfeito</i>	81
CAPÍTULO 8 – <i>Achando a estrada</i>	89
CAPÍTULO 9 – <i>Na casa de Touko-san</i>	99
CAPÍTULO 10 – <i>Uma nova amizade</i>	109
CAPÍTULO 11 – <i>Passando a noite fora</i>	115
CAPÍTULO 12 – <i>O sequestro</i>	127
CAPÍTULO 13 – <i>Contato com a polícia</i>	135
CAPÍTULO 14 – <i>De volta pra casa</i>	147

CAPÍTULO 1

O passeio

P.O.V. Kotori

Não sei como consegui acordar antes do despertador, creio que é porque estava um tanto ansiosa para a viagem da turma. Iriamos passar duas noites em um acampamento. Olhei para o despertador em meu criado mudo, ele marcava 5:17, tinha o programado para as 5:30. Vendo que restava alguns minutos, resolvi checar a caixa de mensagens do meu celular. Eu tenho o costume de por ao lado do meu travesseiro e deixa-lo carregando durante a noite, mas por algum motivo ele não estava ali.

Estava tentando acordar meu cérebro de vez quando ouvi um bipe. Sentei na cama e olhei ao redor, me dando conta que tinha o deixado na estante de livros enquanto arrumava as coisas ontem à noite. Levantei e fui até lá, com o aparelho em mãos desconectei do cabo e sentei na beira da cama. Duas mensagens novas dos meus dois melhores amigos. Uma era de Misa, morena de olhos castanhos, uma garota simpática que sempre fora um pouco hiperativa. Ela me disse mais de 1500 vezes para não esquecer o bendito colar de pedra que eu havia pegado emprestado na semana passada. A outra era de Yoshi, cujo qual eu tinha uma paixonite secreta. Ele vinha aqui em casa para irmos juntos pra escola. Comecei imaginar como seria nossa viagem, mas o alarme me tirou do meu pequeno devaneio.

Depois do banho sequei meu cabelo, me vesti e desci comer alguma coisa. Optei por um copo de suco de soja e uma barrinha de cereal. As porcarias estavam separadas em uma sacola para comer no ônibus. Chequei a hora e me apressei em subir para organizar minhas coisas. Peguei minha mochila que depois de alguns anos de uso aparentava um jeans desbotado, com vários chaveirinhos presos nos fechos. Me certifiquei de que os documentos estavam dentro, junto com todas

as coisas que eu achava importante. Depois de escovar os dentes deixei um recado para Amy, minha madrasta, e saí.

Logo na porta me deparei com aquele sorriso branco, cujo dono Yamaguchi Yoshihiro, estava a minha espera como prometido. Ele era moreno e tinha buracos negros no lugar dos olhos, nos quais, às vezes, eu me perdia. Eu batia na altura do pescoço dele, não querendo acusar que eu era um pouco baixinha. Sua jeans clara combinava com a camisa branca, onde o peito esquerdo abrigava o emblema da escola. A mochila, como sempre, pendia só de um lado. Ele tinha essa mania, eu não conseguia carregar a minha sem vestir as duas alças, parece um pouco brega, mas não tinha o que me fizesse mudar.

O céu ainda estava um pouco cinzento, mas tinha esperanças de que no decorrer da manhã ele iria abrir. Eu me aproximei do portão e peguei a chave para abrir.

— Bom dia — disse ele mostrando os dentes. Sua voz soava animada, animada de mais para aquela hora da manhã. Eu respondi com outro sorriso, mas logo o troquei por uma careta. A tranca estava enferrujada e era sofrido para conseguir fechar — Quer ajuda? — ele largou a mochila no chão e colocou as mãos por cima das minhas, eu assenti. Não sei o porquê, mas ele estava gelado considerando o clima razoavelmente quente — Pronto — nós sorrimos um pro outro.

— Trouxe os documentos e a autorização? — eu perguntei e tomei a frente dando início a caminhada até a escola. Guardei as chaves na mochila, antes de desaparecer como aconteceu com a última. Eu sou realmente boa em perder qualquer tipo de coisa.

— Olha, creio que sim — ele riu — Dei uma revisada antes de sair de casa, não costumo esquecer coisas importantes — eu não estava o olhando, mas percebi o sarcasmo em sua voz.

Ele sabia que eu não era boa em guardar coisas e adorava jogar isso na minha cara. Só porque uma vez eu esqueci da minha mochila na escola. Foi aí que nos conhecemos, ele tinha ficado para fazer um trabalho e eu idiota do jeito que sou, deixei a mochila na sala de aula, não perguntem o porquê, eu simplesmente deixei ela lá. Yoshi descobriu meu endereço e levou para mim. Desde então ele tira sarro da minha cara.

— Que engraçado você — eu mostrei a língua pra ele, sim, de um jeito bem bobo mesmo. Essa era eu, minha cara de jovem escondia a criança em minha mente. Claro que tinha aqueles que me julgavam,

mas essa foi a única forma que eu encontrei de me adaptar depois da morte da minha mãe.

— Eu lembro o nosso último passeio que o Yuuta se esqueceu da autorização e nós tivemos que ficar esperando 20 minutos a mãe dele vir trazer — Yoshi recordou franzindo o cenho. Eu não lembrava desse fato, mas eu fingi um sorriso daqueles que você usa quando não escuta o que a pessoa falou e concorda com um “aham” ou “ah é”.

— Eu não sei no que ele fica pensando, sempre se esquece das coisas, mas é incrível que ele vá super bem na escola — ele realmente ia muito bem na escola. Deve ter algum tipo de câmera escondida ou um gravador, porque começa a aula e lá está ele com a cabeça abaixada tirando um cochilo. É sério, eu não entendo como. E quanto a mim, que me mato estudando, acabo sempre ficando “na média”.

— Pois é. Eu acho que ele deve estudar em casa ou algo parecido, do tipo ter aulas particulares pela internet e de graça — mais uma coisa sobre o Yuuta, ele era o gênio do computador. Sempre dava um jeito de burlar o sistema dos sites pagos e acessar eles sem dificuldade alguma. Claro que isso era errado, então a gente tentava não se envolver muito nesse tipo de coisa.

— Mas você é outro que vai super bem na escola — eu o olhei pedindo algum tipo de explicação, mas já sabia a resposta. Eu e ele sempre estudávamos para as provas cumulativas, ele bem mais que eu. Eu tinha um certo probleminha chamado: preguiça. Para mim, passar de ano era a conta. Todo novo ano eu jurava que ia ser melhor, tentei até ser NERD, mas descobri que isso não foi feito para mim.

— Eu tento me esforçar para poder ter uma boa vida no futuro — o tom de sua voz mostrava deboche, enquanto um sorriso brotava no canto de sua boca.

E assim seguimos. Nossa saída estava marcada para as sete em ponto, mas era certo que nunca saíamos na hora. Por causa disso, caminhávamos tranquilos. O céu estava ficando cada vez mais azul e eu me sentia feliz.

P.O.V. Yoshi

Então na hora marcada lá estava eu, esperando uma garota, Ritsuko Kotori, não era qualquer garota, eu gostava muito dela. Sua saia

azul pelas coxas e seu cabelo castanho pela cintura me encantavam, sem falar nos seus olhos verdes e no seu jeito de ser. Estávamos indo para escola, e eu pensava comigo mesmo o que poderia fazer para que naquela viagem eu parasse de ser um trouxa e contasse pra ela o que estava sentindo.

Na metade do caminho nós fomos parados por uma reforma que acontecia em uma ponte que se erguia em cima de um lago. Tinha vários tijolos e sacos de cimento ali, sem falar nas ferramentas que estavam jogadas de um lado. Não tinha como atravessar a não ser pela ponte. Era muito cedo, os homens que estavam trabalhando lá ainda não tinham chegado. Como não podíamos esperar resolvemos tomar outro caminho. Nós andamos um pouco até chegar em frente a uma estradinha de terra com árvores em ambos os lados.

— Você sabe onde isso vai dar? — eu tentava enxergar algo tapando o sol com uma mão na testa, cujo qual resolvera aparecer. Eu realmente nunca tinha pego outro caminho diferente do da ponte, não para ir à escola. Contudo, não poderíamos ir tão longe, eu não era a pior pessoa para achar lugares, até que levava jeito para isso.

— Não faço a mínima ideia, mas acho que é a nossa única opção — Kotori olhou em volta. Eu não tinha certeza, mas aquele caminho não me era estranho. Fiquei com um pouco de receio em entrar com ela, caso fosse perigoso. Claro que a pior coisa que poderia acontecer é de nos sequestrarem, venderem nossos órgãos e enviarem nossos corpos mutilados para nossas famílias — O que você acha? — ela perguntou me arrancando dos meus pensamentos pessimistas.

— Não acho que vamos cair num buraco sem fundo — eu sorri e agarrei meu telefone do bolso — Temos tempo ainda, são 6:37 — ela assentiu e eu tomei a frente. Pensei em perguntar se ela queria parar um pouco, mas ela sorriu e começou a saltitar na minha frente.

Eu sorria enquanto via seus lindos cabelos dançarem com o movimento do corpo e os chaveirinhos da mochila que tilintavam um no outro. De repente ela olhou pra mim e eu percebi que ainda estava sorrindo.

— Tudo bem? — ela para e me encara corando. Droga! Acho que ela percebeu que eu estava olhando pra ela, é óbvio que ela viu.

— Sim tá tudo bem — eu dou um sorriso forçado enquanto passo a mão nos cabelos. Sinto que estou um pouco suado.

— Isso parece não ter fim! — disse ela olhando ao longe, eu concordei. Era uma reta, uma enorme reta rodeada por árvores e arbustos. Pensei em voltar e chamar alguém, mas agora já estávamos ali. E pra falar a verdade eu estava meio curioso para saber o que tinha para aqueles lados.

Nós seguimos pelo caminho silencioso, o vento fazia as árvores dançarem, enquanto algumas folhas caíam pelo chão deixando um cenário extraordinário com as cores laranja, vermelho e amarelo, o que era típico do final do verão.

Quando estávamos começando a sair de baixo das árvores encontramos cinco caminhos diferentes. Fiquei confuso e parece que Kotori também. Ela me lançou um olhar de “e agora?”. Pensei um pouco e olhei ao redor. Avistei uma casinha de madeira com uma senhora sentada em uma cadeira de balanço. Fiz um gesto e apontei para a casa.

— O que acha de irmos até lá tentar a sorte? — eu arqueei uma sobrancelha. Ela pareceu pensar um pouco e por fim apenas concordou.

Nós corremos até a casinha onde logo ouvimos o ronco da senhora. Percebi seus cabelos brancos amarrados num coque. Parecia ter de 75 a 80 anos. Me perguntei como acordá-la ou se deveria mesmo fazê-lo. Kotori disse para eu falar alguma coisa, mas com base nas minhas experiências com idosos ela não iria acordar com um simples oi, ou sei lá. Decidi tentar algo que não a assustasse também, da última vez que gritei com minha vó quase fui amassado por uma vassoura.

— Com licença — eu tentei tocando em seu ombro. Nada. Movimentei minha mão devagar e repeti a saudação um pouco mais alto. A senhora abriu os olhos devagar. Eu me afastei.

— Olá jovens, eu sou a tia Mitsuki. — disse ela despertando de seu sono já sorrindo para nós de um jeito muito simpático. Pensei o porquê dela mesma se denominar “tia” considerando a possível idade, mas deixei esse pensamento de lado. Nós nos curvamos em sinal de respeito. Eu agradei mentalmente por ela não ser uma idosa rabugenta.

— Prazer eu sou Yoshihiro e essa é minha amiga Kotori — eu nos apresentei devolvendo o sorriso. Pensei o porquê dela morar aqui sozinha. Ela nos convidou para entrar, mas eu disse que tínhamos um pouco de pressa.

— Como vocês vieram parar aqui? — ela voltou a sentar e juntou uma revista do chão, sobre algo que eu não consegui ver.

— Nós estamos perdidos. Estávamos indo para a escola, mas nosso caminho diário estava bloqueado. Então pegamos essa estrada de terra e agora não sabemos pra onde ir — expliquei com as mãos no bolso.

— Pobres jovens. No que eu poderia ajudar? — ela abriu a revista e tirou um óculos de grau dali. Provavelmente estava lendo algo antes de cochilar. Não sei o porquê, mas os idosos sempre acordam cedo e vão fazer algo do tipo ler, tomar um café ou sentar na varanda.

— Sabe qual daqueles cinco caminhos devemos pegar para chegar à escola Sakurami? — eu apontei e percebi que Kotori tinha um inseto em mãos, deixei escapar um riso. Ela corou e sorriu também.

— Claro. Faz 27 anos que eu moro aqui, já sei cada caminho de cor. Vocês devem pegar o do meio, ele os levará a outros dois caminhos, chegando lá peguem o da direita e assim sigam reto até chegarem à praça principal. De lá vocês sabem para onde ir não é?

— Sim. Muito obrigado — eu agradei e dei continuidade a nossa caminhada. Esperei Kotori mencionar um tchau, juntamente com um aceno. O inseto levantou voo e seguiu seu rumo.

— Se cuidem jovens. Qualquer coisa voltem que eu sirvo um chá para vocês — ela sorriu para nós e agradecemos outra vez.

Dando as costas para a casa nós seguimos com atenção as instruções da tia Mitsuki. Entramos no 3º caminho, onde tinha rastros de pneus. Conforme íamos andando a poeira levantava.

— Simpática ela, né? — puxei conversa sem olhar para o lado.

— É, mas por que será que ela não pega uma casa na cidade ou vai pra algum lar de idosos? — Kotori perguntou, o mesmo que eu havia pensado alguns minutos atrás.

— Ah não sei. Talvez ela goste de viver em um ambiente mais sossegado — minha opinião sobre viver sozinho se baseava na ideia de que duas pessoas juntas são mais felizes que uma, mas sempre tem aqueles que preferem a companhia da natureza ou de um animal de estimação.

— Tomara que ela esteja certa, porque não estou a fim de perder a viagem da turma — nem eu estava. Resmunguei algo do tipo “é” e nós

seguimos em silêncio, não totalmente, pois Kotori cantarolava algum tipo de música. Ela tinha essa mania quando estava animada.

Antes de chegarmos na praça nos deparamos com uma cerca de arame farpado. Eu a segurei para Kotori passar e quando a soltei senti uma agulhada no dedo. Xinguei baixo. Automaticamente levei à boca e percebi o gosto do sangue.

— O que houve? — ela me olhou preocupada.

Eu atravessei a cerca e franzi o cenho olhando para o polegar. Ela pegou minha mão com delicadeza e examinou tirando o sangue.

— Tá muito feio? — eu brinquei a olhando com um beijo.

— Sim, suas tripas vão sair pra fora, vamos ter que costurar — ela ironizou enquanto imitava um sotaque de médico. Da mochila, ela tirou um BAND-AID e colocou sobre o corte. Eu agradeci e sustentamos o olhar, ela desviou rapidamente e pegou a mochila do chão.

Logo estávamos na praça, inteiros. Eu chequei a hora no meu celular “6:56”. Bom, dali não demorava muito até escola, no máximo uns 10 minutos.

— Agradeço muito a tia Mitsuki — declarou Kotori.

— Eu também — concordei. Passei as costas da mão na testa para conferir se tinha suado muito, mas não. Estava apenas um pouco úmido.

Nós continuamos, agora num passo mais rápido. Já da esquina, vimos o pessoal esperando na calçada, pelo jeito a maioria já havia chegado. O ônibus já estava estacionado próximo ao meio fio.

Eu vou descrever nossa escola pra vocês, digamos que não era lá muita coisa, mas a estrutura do lugar era típica de ensino particular. Só para constar que eu havia conseguido uma bolsa para estudar ali. As cores branca e azul predominavam nos prédios e um grande toldo transparente se estendia do portão até a entrada principal. Duas colunas brancas estavam postas uma de cada lado do toldo, e ao fundo o símbolo da escola, um leão rugindo, que podia ser visto de longe.

Nós cumprimentamos nossos colegas com acenos ou toques de mãos e entrosamos na conversa. Tratava-se sobre leite de cabra, algo muito normal entre adolescentes da nossa idade.

— E aí Yoshi, vocês chegaram tarde, o que aconteceu? — e lá vinha Natsume, um carinha que sempre sabia das coisas. Por quê? Por-

que ele era o bendito repórter da escola. Até as coisas mais simples ele precisava saber. Ele me lançou um sorriso e arqueou as duas sobrancelhas. Eu entendi o lance.

— NÓS estávamos apenas vindo para a escola juntos — Kotori concordou cruzando os braços — Nosso caminho normal estava bloqueado, estão reformando a ponte, aí nós pegamos um caminho diferente, por isso a demora — eu sorri torto.

— Que bom que vocês conseguiram chegar a tempo não é mesmo? — ele continuou a jogada, mas eu resolvi ignorar apenas assentindo.

— Ei que horas que nós vamos mesmo? — desviei a atenção para a pergunta de Chiba, um aluno meio fora, mas muito gente boa. Ele era a desinformação em pessoa. Caraca, não sei como ele nunca sabia das coisas.

— Era pra ser às 7:00 — respondeu Yuuta, um grande amigo meu. Não tinha o visto ainda. Me espremi por entre as outras pessoas até chegar nele. Nós tínhamos inventado um toque desde o início do ensino médio, quando ele entrou pra escola.

— Fala Yoshi! — ele abriu um largo sorriso quando me viu — Preciso de uns conselhos de amigo, sabe do que eu falo não é? — sim, eu sabia. Dei uma rápida olhada para trás e percebi que Kotori e Misa estavam conversando sobre algo, ambas muito animadas. Me virei de volta pra Yuuta.

— Diga — eu lancei. E lá vamos nós.

Os pais dele são donos de um mercado, mas estavam tentando vender porque as coisas não iam muito bem, caso eles conseguissem, Yuuta teria que se mudar com a família no final desse ano. Acontece que ele não quer de jeito nenhum sair daqui, pois já é a quinta cidade em menos de 10 anos. A partir daí ele está tentando dar um jeito pra que a barra não fique muito pesada e eles não precisem ir embora.

P.O.V. Kotori

Achei legal a gente ter pego outro caminho. Eu confesso que fiquei um pouco nervosa em ficar sozinha naquela reta rodeada de árvores. Tá que o Yoshi estava junto, mas ele não daria conta de uma gang de salteadores ou sabe se lá o quê. De qualquer jeito, peguei ele me olhando no caminho. É meio difícil não corar quando algo do tipo acontece. A cor me denuncia.

Já aconteceram situações assim na sala. Quando ele vinha de dupla comigo, ou me observava da sua carteira. Não sei como eu comecei a gostar dele, mas esses episódios contribuíam para alimentar meus sentimentos.

Depois que chegamos na escola, encontrei com Misa. Nós nos abraçamos e começamos a jogar conversa fora. Eu lembrei do colar e achei melhor devolve-lo agora do que esquecer de novo depois. Larguei a mochila no chão e sentei no meio fio, Misa me acompanhou.

— Acho que isso é seu — eu a ofereci o colar. Ela dizia que ele trazia sorte e eu o pedi emprestado para ir no parque com o Yoshi. Acontece que nós encontramos todo o pessoal lá também e acabamos indo para um karaokê. Aí já viu não rolou nada.

— Obrigada — ela agradeceu e o empurrou pela cabeça. O nó da cordinha ficou emaranhado em seus fios ondulados e eu tive que intervir antes que ela arrancasse uma boa quantia da madeixa.

Ficamos ali sentadas não mais que 5 minutos, pois dois dos professores responsáveis pela turma chegaram em um carro preto. Eu sempre achei que eles tinham que ser os primeiros a chegar sabe, ir verificando se todos tinham pego os documentos, ir fazendo uma lista de quem já havia chegado, essas coisas. Mas não, chegaram depois. E ainda atrasados.

O mais novo era Sugata, tinha 29 anos. Cabelos pretos e olhos castanhos puxados para caramelo. Era alto e magro. O mais velho era Akihiko-Sama, 33 anos. Tinha cabelos loiros meio amarronzados e olhos verdes. Era um pouco mais alto que Sugata. Antes de se voltar para nós ligou o alarme, fazendo os faróis piscarem.

— Todo mundo pronto para o passeio? — disse Akihiko-Sama empolgado e o pessoal gritou coisas do tipo, “sim” ou “vamos de uma vez”.

Ele era nosso professor de história, o mestre das piadas sem graça. A turma podia escolher apenas quatro responsáveis para ir junto e eu acho que fizemos uma boa escolha. Todos que estavam sentados ou mais dispersos vieram para perto.

— Vamos esperar só mais alguns minutos para entrar no ônibus. Lembrem-se de verificar se seus documentos estão consigo, identidade, planos de saúde, etc. — disse que eu estava falando, ele poderia ter

chegado bem mais cedo para ver isso. Enquanto segurava uns papéis na mão direita a outra repousava na cintura.

Sugata era o tio dos canetões. Sério. Devia ter um estoque na casa dele porque na aula ele sempre tinha uns 15 dentro do estojo. E adivinhem pra que tantos? Atirar em nós. É, é isso mesmo. A matéria dele, matemática, não agradava a todos e quem inventasse conversar na aula dele levava um canetão de presente, porque ele atirava. Nunca chegou acertar ninguém, é claro, ele só fazia isso pra tirar sarro da nossa cara.

Foi sempre meio metido à líder, mas sempre interagia com a gente e tinha um coração de mãe. Soa meio estranho, mas ele sempre buscava saber o que estava acontecendo com quem estivesse mau e sempre dava os melhores ensinamentos de vida.

Não deu nem 2 minutos e chegaram os outros dois professores que vieram caminhando. Era a Keiko Nakamura, baixinha de olhos azuis, cabelos longos e pretos, de 26 anos, e o Tadashi Hashimoto com seu cabelo rebelde e olhos cor de mel, tinha 31 anos. Eles eram um casal, apesar dos gostos serem bem diferentes. Ela era apaixonada pelo teatro e ele gostava de explodir coisas com os elementos químicos.

Keiko dizia que nós podíamos ser quem a gente quisesse, com tanto que fosse para agradar a nós mesmos. Tadashi realmente gostava de explodir coisas. Às vezes os experimentos não saíam como o planejado e eles estouravam. Não que ele não soubesse, mas ele era daqueles que adoravam criar coisas novas. Ele sempre preparava coisas legais que muitas vezes davam certo. Posso garantir que o que estava escrito nos livros era muito bem feito. Por precaução era muito importante que nós usássemos uma roupa adequada nas aulas práticas de química.

Eles cumprimentaram o pessoal já pedindo desculpas pelo atraso. A cadela deles resolvera dar à luz justo ontem a noite. Aposto que foi bem difícil encontrar alguém de última hora para tomar conta dos novos integrantes da família. Mas enfim.

Todos estavam muito animados para a viagem que havia sido marcada para às 7:00 horas da manhã. Claro que agora já deveria ser quase 7:30, mas já estamos acostumados. Nós iríamos para o sítio Tri-lha dos macacos, ficava mais ou menos 5 horas daqui.

Os professores deram a ordem para nós subirmos no ônibus e a maioria entrou correndo. Sugata fez eles descerem, pois precisava checar a identidade de cada um.

O veículo era um modelo de dois andares, com fundo azul marinho e detalhes pretos. No seu interior os assentos eram estofados e a cor azul marinho prevalecia. Em cada um deles continha um pano em cima com o nome da empresa. No andar de cima 2 televisores se revezavam um instalado bem na frente e outro no meio. No final do corredor um banheiro. No andar de baixo uma sala de jogos e um frigobar.

Eu e Misa sentamos no meio e Yoshi e Yuuta atrás de nós. Atirei a mochila para cima, onde tem tipo aquelas prateleiras para guardar as bagagens de mão e deitei o banco. Sorri para Yoshi que me encarava, eu perguntei se estava incomodando e ele garantiu que estava tudo bem. Eu preferia a janela, era bom olhar a estrada e as coisas pelo caminho.

CAPÍTULO 2

Sítio Trilha dos macacos

P.O.V. Kotori

Sugata fez a chamada e o único que havia faltado era Ash. Como já estávamos um pouco atrasados o motorista teve a permissão para dar a partida. Estávamos em 23 com os professores. Muita gente tinha colocado o nome na lista para ir. Houve muitas desistências na hora de pagar. Por conta disso, sobrou muito lugar dentro do ônibus. Pensaram até em contratar um menor, de certa forma seria melhor devido ao preço, mas o pessoal cismou em ir com o de dois andares.

Para matar o tempo uns cantavam, outros dormiam e nós, bem, não sei ao certo, olhávamos um para cara do outro. Eu e Misa estávamos deitadas de bruços na poltrona, encarando os garotos. Ninguém falava nada. Até que Yuuta resolveu puxar um baralho da mochila e decidimos descer para a sala de jogos. Eu sentei nos bancos que eram de frente para o motorista. Não me sentia bem viajando como se fosse de ré.

Ficamos jogando por quase 2 horas. Logo que voltamos para cima, dividimos um salgadinho tamanho família. Sim, era um pacote muito grande. Ficamos conversando sobre coisas aleatórias, depois eu me virei e encostei a cabeça na janela. Foi uma fração de segundos para que eu adormecesse.

Sabe quando você sonha que está caindo e dá aquele mega pulo quando acorda? Pois é isso aconteceu. Abri os olhos devagar e apenas mudei de lado, meu cérebro adormecido ainda. Quando acordei me deparei com um Yoshi bem próximo do meu rosto. Eu esfreguei os olhos e sorri pra ele. Não sei quanto tempo fazia que ele estava ali. Torci para

que eu não tivesse feito nada de idiota enquanto dormia do tipo babar ou falar. Sei que fiquei feliz ao ver ele ali do meu lado.

— Eu estava só te protegendo das pegadinhas do Kirito — contou parecendo dar uma explicação, visto que eu não parava de olhar pra ele. Kirito era o peste da sala. Tinha uma certa felicidade em ver os outros se dando mal com suas travessuras.

— Obrigada — eu agradei, provavelmente corando.

P.O.V. Yoshi

Eu estava batendo um papo com Yuuta, até que Misa anunciou que havia perdido a companheira. Olhei para Kotori e vi seus olhos fechados, a cabeça apoiada na janela. Sorri sem mostrar os dentes. Misa levantou e se juntou ao grupo dos cantores. Peguei meu telefone e conectei os fones de ouvido.

Me dei conta que Yuuta não estava mais do meu lado, olhei para minha playlist e já tinha tocado umas 7 músicas sem que eu percebesse, deduzi que havia adormecido por alguns minutos. Vi Kirito sentar ao lado de Kotori e me perguntei o que ele iria aprontar. Fiquei observando o que iria fazer. Quando agarrou uma pasta de dente eu o impedi no mesmo instante, o tirando dali e sentando eu ao lado dela.

Vi ele se afastando e tentando outro alvo, mas Sugata o pegou com a mão na massa. Kirito foi puxado pelo professor até seu assento bem na frente onde, se eu o conheço bem, iria ficar lá só por uns 5 minutos e daria um jeito de se desvencilhar.

Joguei os olhos para a garota em meu lado. Dormia tranquilamente, a respiração um pouco acelerada. Ela se remexeu no banco, virando para mim e continuou dormindo. Eu me deixei deitar e ficar a observando. Dei uma olhada para fora, reparando o imenso azul do céu. Voltei minha atenção para o celular e escolhi uma musica que nem sabia que existia ali.

Antes de eu virar para o outro lado, Kotori suspirou alto e uma mexa caiu no seu rosto. Não contive o desejo de coloca-la para trás. Quando fiz isso, a prendendo atrás da orelha dela, deixei meus dedos escorregarem pela sua bochecha, macia como parecia.

Ela abriu os olhos devagar e depois de esfrega-los sorriu sonolenta. Ela continuou me encarando e eu logo expliquei o porquê de eu

estar ali. Nós continuamos naquela posição, conversando baixinho. Eu a ofereci um lado do fone e quando aceitou coloquei uma música da banda que ambos gostávamos.

Estava tão bom ali que eu me perdi nos meus pensamentos. Levei um susto quando Yuuta enfiou a cabeça entre os bancos e ficou agitando com a gente. Eu desconectei o fone para ele ouvir também. Logo Misa voltou e sentou ao lado dele. Nós ficamos ali até a viagem acabar.

A velocidade foi diminuindo e os professores se levantaram. Tadashi anunciou a nossa chegada. Chequei a hora, “12:36”, tínhamos ido rápido até. O pessoal foi se levantando rapidamente para pegar as mochilas, tirando aqueles que já estavam de pé. Ainda havia os que dormiam tranquilamente e eram acordados pelos colegas que passavam pelo corredor, com tapinhas ou sussurros no ouvido. Akihiko pediu para que nós permanecêssemos sentados até o ônibus parar.

Era um sítio bonito com muitas plantas e árvores diferentes, à esquerda encontrava-se um lindo riacho com água cristalina. Ao entrarmos por uma estradinha de terra, um homem deu sinal para o motorista, dizendo onde estacionar.

Nós quatro esperamos para descer. Assim que todos se encontravam ali fora o proprietário que aparentava ter uns 50 anos foi na direção dos professores. Eles conversaram por um momento até que um sujeito alto, de cabelos curtos e loiros que aparentava 25 anos se juntou a nós com um grande sorriso no rosto.

— Bom dia pessoal! Eu sou Yagami Shouta, o guia turístico de vocês, vou conduzi-los durante a trilha dos macacos e contar algumas curiosidades — nossos olhos curiosos rodeavam por todo o recinto.

Ele pediu para o seguirmos até um galpão de madeira. Parecia ter mais de meio século e estava cheio de teias de aranha em um canto, mas a boa pintura escondia os possíveis danos que sofrera ao longo dos anos. Era alto e largo, com uma grande abertura na frente. Dentro da construção havia um quadro antigo com a foto do fundador.

Nós largamos nossas coisas e sentamos para a dita explicação rápida. Eu e Kotori começamos a debater sobre as fotos que estavam penduradas atrás de nós, na parede. Houve uma breve saudação entre nós e Shouta começou:

— Muito bem — ele esfregou a palma das mãos — Eu vou contar um pouco sobre o lugar e logo em seguida partimos para o almoço.

Ele continuou o discurso e muitos de nós não estávamos prestando atenção. Ouvei algo sobre as espécies de animais enquanto fazia guerra de dedo com a Kotori. Eu ganhei três das 4 vezes. Ela fez um beijo e cruzou os braços. Eu ri debochado, um pouco alto demais devo dizer, pois levei um puxão de orelha.

Quando passamos para a sessão de perguntas alguém pediu sobre atividades radicais. Havia uma tirolesa e uma trilha em cima das árvores. Fiquei imaginando como seria isso. Sei que curto muito isso, coisas como escalada ou ficar nas alturas. Pretendia ir ver depois.

O pessoal já estava começando a reclamar da demora até que nos chamaram para almoçar. Pegamos nossas coisas e seguimos o guia até umas mesas ao ar livre. Vários tipos de árvores davam sombra ao lugar, as mesas eram de concreto. Mais para perto do galpão tinha duas churrasqueiras de tijolos, logo ao lado tinha uma quadra, com goleiras e cestas de basquete.

As mesas já estavam postas. Um que outro apanhava uma toalha para comer na grama. Tinha bolinho de arroz, oyakodon (frango e ovo) e teriyaki (carne de peixe ou vegetais passados no molho de soja doce).

Logo após comermos, nos direcionaram para o lugar onde iríamos ficar. Eram quatro pessoas por cabana. De um lado ficava a dos meninos e do outro a das garotas. Eu e Yuuta acabamos ficando com Kirito e Chiba. Nossa cabana ficava na frente da de Kotori. Sorri com o fato. Largamos nossas coisas, eu botei uma bermuda e fui jogar basquete com os meninos.

P.O.V. Kotori

Nossa cabana tinha dois beliches, eu fiquei com a cama de baixo e Misa em cima. As outras duas garotas eram Kira e Erio, não éramos muito próximas, mas creio eu que elas não eram más pessoas. Tínhamos um tempo livre até às duas horas. Peguei meu caderno de desenho e um estojo e parti com Misa até uma sombra. Ficamos olhando os garotos jogarem. Depois de um tempo ela resolveu ir caminhar com as outras garotas, eu decidi ficar ali.

Quando a partida acabou Yoshi veio e sentou comigo. Ele estava escorrendo, não tinha como não, jogando em baixo daquele sol. Ele reparou no meu caderno. Estava tentando desenhar eles, com ele

fazendo uma enterrada. Claro que meus traços não eram perfeitos, mas acho que dava a entender que era ele, com seus cabelos rebeldes cheio de voltinhas.

— Nossa! Você podia seguir algum ramo que envolvesse desenhos na faculdade não acha?! Ficou muito lindo, muito lindo mesmo! — ele apanhou o caderno e olhou mais de perto — Esse sou eu? — ele sorriu olhando pra mim apontando para o desenho.

— Obrigada! E sim, era pra ser você — eu respondi devolvendo o sorriso e pegando o caderno das mãos dele. Ele me olhou com uma cara de tipo “ei”, mas não podia deixa-lo ver as outras páginas. Tinha muitas outras artes com ele como principal.

Ficamos ali conversando, eu juntei as coisas do chão e deixei do lado oposto ao que Yoshi estava. Fui me apoiar pra trás e acabei encontrando a mão dele. Eu o olhei sem tirar a mão e me perdi na escuridão dos seus olhos. Minha mecha decidiu intervir e tapou uma de minhas vistas. Ele a ajeitou com a outra mão e sorriu pra mim. Sim eu corei.

Sempre que estamos tão próximos alguém chega para participar, dessa vez foi Keiko nos chamando para irmos até o galpão. Yoshi levantou e estendeu a mão pra mim, eu aceitei e nós fomos até lá. Antes, passamos na minha cabana deixar meu caderno e estojo. Eu peguei meu celular e fechei a cabana. Cada uma de nós tinha uma cópia da chave.

Shouta estava falando algo sobre irmos a uma trilha quando nós chegamos. Senti os olhares sobre nós. Minhas bochechas devem ter nos denunciado porque nos lançavam sorrisos maliciosos. Enfim, depois de falar tudo que precisava, ele nos levou até o começo de uma trilha.

— Fiquem todos juntos e longe das árvores, pois podem abrigar animais perigosos. Não se distraiam é bem fácil se perder por aqui. Tenham o máximo de cuidado possível. Então pessoal me sigam! — e iniciou a caminhada.

Era um caminho não muito estreito, rodeado pela vegetação. Nas laterais havia uma cerca baixa feita de corda, com o intuito de não irmos além dela. Estávamos atrás do guia e a maioria escutava com atenção o que ele falava. Yoshi ficou lá na frente, enquanto eu preferia apreciar as coisas com mais calma, deixando que todos me passassem para trás.

E assim fomos uns 200 metros pra dentro da imensidão verde. Dali uns instantes o guia pediu para que parássemos. Eu olhei adiante

e vi uma ponte de madeira e cordas, não consegui ver a altura, estava muito atrás ainda. Digamos que se o negócio for muito alto, eu não vou conseguir atravessar.

— Pessoal um de cada vez, eu vou acompanha-los — eu ouvi Shouta anunciar alto. Ele atravessou primeiro e deu a ordem para que o próximo fosse.

De um em um foram passando, eu fiquei por último. Já na beirada eu olhei para baixo e meu estômago embrulhou. Era tipo uns 50 metros de buraco e uns 20 de ponte até o outro lado. Eu comecei a empurrar meu corpo, mas ele não se mexia. Foi aí que eu percebi que Yoshi já estava na metade da ponte vindo em minha direção.

Foi muito legal da parte dele me ajudar com esse lance do medo de altura. Uma vez já tínhamos passado por uma situação parecida quando eu não queria ir na roda gigante. Ele me fez entrar no brinquedo e realmente a vista compensou meu nervosismo. Mas acontece que ali não tinha vista para se ver. Apenas um abismo sob meus pés.

— Obrigada! — eu disse quando ele me puxou pela mão.

Nós atravessamos devagar com ele me encarando e sorrindo ao mesmo tempo. É claro que quando chegamos do outro lado o pessoal resmungou coisas do tipo “awn” ou “que fofos”.

Nós seguimos a trilha, Yoshi seguiu de volta lá pra frente, não antes de me lançar um sorriso. O guia andava alguns metros e parava para nos mostrar algum tipo de espécie de planta. Aprendemos sobre as gimnospermas e angiospermas. Já tínhamos estudado isso em biologia, mas na prática era muito melhor.

Eu estava observando os diferentes tipos de folhas quando flagrei uma aranha se alimentando de uma borboleta. Nunca fui muito fã de aranhas, então resolvi deixa-la em paz. Em outro momento peguei um macaco me encarando, ele era todo preto. Puxei rapidamente o celular para bater foto dele.

No decorrer do caminho pudemos apreciar uma pequena cascata d'água. Shouta informou que aquela água era de nascente e podia ser para consumo. Alguns que tinham as garrafinhas em mãos as encheram, outros bebiam direto e poucos molhavam o rosto. Estava ficando bem quente.

Logo o chamado foi dado para que todos voltassem à trilha. Mais alguns minutos caminhando e nos separamos com um imenso

gramado verde, pelo jeito bem cuidado. A grama não estava alta e tinha lixeiras por ali.

— Vamos descansar um pouco pessoal, curtir o ar puro — antes mesmo dele terminar, nós já nos dispersávamos pelo campo, a maioria com os celulares em mãos.

Yoshi veio rápido para meu lado e nós fomos até a sombra de uma árvore. Logo Misa e Yuuta se juntaram a nós. Mencionei que estava morrendo de calor e fui acompanhada pelos três. Os garotos sentaram como índio, já eu e Misa sentamos sob os joelhos, apesar de que sempre usávamos um pequeno short por baixo da saia. Eu perguntei pra eles o que o Shouta havia dito.

— A nada de mais — foi Misa quem falou — Só algumas coisas sobre um musgo de árvore que deve ser para fabricar remédios e um cogumelo que pode ser confundido com o caseiro podendo matar dentro de 1 hora se não tomar o antídoto. E você o que viu?

Eu falei sobre a aranha e o macaco. Ela pediu fotos dele, de primeira eu neguei, mas depois cedi, sabia que ela iria me infernizar se não mostrasse as fotos agora. Eu catei as fotos na minha galeria e deixei que ela passasse. Os meninos também estavam de olho.

Quando ela passou de mais para um lado, minhas fotos idiotas de ontem foram reveladas — ontem eu tinha saído com minha avó para um festival no interior e eu deixei que pintassem meu rosto de acordo com a cultura de uns povos indígenas. Foi realmente muito divertido e eu acabei tirando algumas fotos para registrar o momento — aí eles continuaram a passar. Eu tirei o celular das mãos de Misa e Yoshi reclamou. Ele se levantou pedindo que eu devolvesse, mas eu ergui o celular no alto negando. Não adiantou muita coisa porque do mesmo jeito ele conseguiu pegar de minhas mãos. Ele as segurou com uma mão e continuou a passar com a outra. Tentei me desvencilhar, mas ele era um tanto forte. A última era a que eu mais gostava, nós ganhamos uma coroa de flores no final, e eu não estava fazendo caretas. Era uma foto descente, comigo apenas sorrindo.

Yoshi parou e me olhou. Ele mencionou algo sobre meu sorriso ser lindo e eu senti minhas bochechas quentes. Logo que me soltou, arranquei o aparelho da sua mão e o desliguei. Yuuta e Misa se levantaram também e nós decidimos dar uma volta pelo lugar. Eles iam mais a frente, enquanto nós caminhávamos um pouco atrás, quase grudados.

— Quando estava jogando basquete, a bola rolou lá pra baixo de um barranco, eu fui lá pegá-la e vi uma caverna no formato de uma caveira, bem legal, achei que talvez de noite antes de nós dormimos podíamos dar uma passada lá. O que acha? — perguntou Yoshi empolgado.

— Me parece interessante. Podemos ir sim — eu sorri. Sempre adorei coisas do tipo explorar ou conhecer lugares novos.

Sabíamos cada canto da escola. Já tínhamos fuçado por todo o prédio e encontramos várias passagens para o porão ou sótão. Tinha uma sala secreta também, de difícil acesso devo dizer. Era preciso pular a janela do banheiro masculino do 1º ano, tinha um pequeno corredor e aí encontrávamos a sala. E sim, já entrei nos banheiros masculinos, assim como Yoshi já entrou nos femininos. Não sei o porquê daquela sala ser tão escondida, nem pra que servia. Sempre que íamos lá parecia abandonada e com cheiro de mofo.

Passado um tempo, mais ou menos uns 5 minutos fomos para perto do guia que estava entrosando com alguns alunos, ou seja, os inteligentes que sempre queriam saber algo a mais. Ele estava respondendo algumas perguntas voltadas ao sitio. Quando nos viu ali resolveu que era a sua deixa.

Shouta chamou o resto do pessoal que ainda estava meio perdido e assim continuamos andando por mais um bom tempo. Paramos em frente a uma grande árvore, demos meia volta nela e continuamos, agora de volta para o acampamento. Percebi que Yuuta ficou lá parado, pensei que ele iria nos seguir depois e deixei passar. No meio do caminho pisei em algo mole e logo me dei conta que era uma cobra. Eu soltei um gritinho meio exagerado e acabei atraindo os olhares pra mim. Garanti que não tinha acontecido nada.

De repente o pessoal começou a se agitar e eu não estava entendendo, parecia que estavam procurando por alguém. Foi aí que ouvi o nome Yuuta e vi todos se dispersarem gritando o nome dele. No meio da confusão me esbarrei com Yoshi.

— Opa — ele disse me segurando — Onde será que o Yuuta se meteu? — seu olhar circundava todos os cantos.

— Não sei e olha que ele estava bem na minha frente — eu tinha me esquecido dele. Acho que sofro de um pequeno problema chamado: perda de memória recente.

— SÉRIO? E você não viu pra onde ele foi? — perguntou parecendo preocupado.

— Eu não sei ao certo, mas nós estávamos fazendo a volta naquela árvore, então ele ficou ali parado. Depois que eu olhei pra trás ele não estava mais lá, eu pensei que ele viria atrás de nós. Vi também que ao lado da trilha havia uma estradinha separada. Vem, eu te mostro — eu disse o pegando pela mão. Nem quis olhar para ele, se não iria corar.

Nós saímos correndo de volta a grande árvore. Reduzimos a velocidade um pouco antes de chegar. Lá estava a estradinha que era um pouco mais estreita, mas continuamos lado a lado. Nós nos entreolhamos quando ouvimos uns ruídos. De trás de uma moita saltou um macaco preto. Yoshi se colocou na minha frente abrindo os braços para me proteger.

— Ei, esse macaco é bem parecido com o da foto! Vai ver ele veio fazer pose pra você tirar mais algumas fotografias — ele deixou que eu passasse e mirasse o animal.

— É, mas dessa vez ele trouxe companhia, olha! — eu apontei, percebendo um grupo de dez ou doze pendurados nas copas das árvores — Será que eles são agressivos? — continuei. Sinceramente eles não tinham uma cara ameaçadora.

— Acho melhor não arriscarmos. Vem, vamos continuar sem chamar muita atenção — dessa vez foi ele quem me puxou pela mão. Tentei conter um sorriso, só tentei.

Nós continuamos andando com olhos brilhantes nos acompanhando, até que por fim algo os fez mudar de direção.

— Yuuta! — gritou Yoshi, ele esperou e olhou ao redor. Nada. Gritou mais uma vez. E uma terceira.

— Aqui! Socorro! — enfim uma voz respondeu.

Nós corremos em direção à sofrida voz. Quando avistamos Yuuta, ele estava pendurado por uma corda presa em uma árvore.

— Como você foi parar aí cara? — disse Yoshi tentando desamarrar a corda que estava presa em seu tornozelo.

— Não sei como, só sei que minha garrafinha caiu e começou a rolar pra cá já que a estrada é um pouco inclinada então eu vim de atrás para pegá-la. Quando estava voltando fui pego por essa bendita armadilha.

Eu juntei a garrafa que estava caída próxima a eles enquanto Yoshi terminava de desamarra-lo fazendo com que Yuuta caísse no chão com um som abafado.

— Ai! — disse ele colocando a mão no tornozelo. Pelo jeito a corda havia machucado.

— Você está bem? — eu perguntei me agachando ao lado dele. Alcancei meu celular para Yoshi e pedi que ele guardasse em seu bolso.

— Não sei, acho que não consigo me levantar — ele fez uma careta tirando o tênis para verificar a situação.

— Eu te ajudo — me levantei e estendi a mão pra ele. Não deu muito certo. Ele era maior que Yoshi, eu com certeza não iria conseguir levantá-lo sozinho.

— Meu tornozelo está doendo muito, claro né mais de 15 minutos pendurado só por ele — reclamou.

— Tá bem inchado, mas acho que não provocou nenhuma lesão — complementou Yoshi, verificando o ferimento — E na verdade não deu nem 10 minutos até a gente te achar.

— Tanto faz. Ai! Droga! — automaticamente deu um tapa na mão de Yoshi quando este apertou um lugar.

— Vem, a gente te ajuda — eu decidi. Esperamos ele recolocar o tênis para erguê-lo.

Yuuta se apoiou em nós e assim seguimos para onde estava o guia e os outros. Antes que pudéssemos sair daquela estrada meio íngreme, tivemos o caminho bloqueado por um veado. Poderia ser tantas outras coisas como uma cobra ou outro macaco, mas não, era um veado.

Ele estava na frente de um pequeno filhote que provavelmente era seu filho. Fiquei pensando como eles viviam aqui se era uma área reservada. Mas enfim. Com o instinto de protege-lo abaixou a cabeça e nos ameaçou com suas galhadas. Ficamos imóveis tentando manter a calma.

— Não façam nenhum movimento brusco, isso pode agitar o animal — alertou Yoshi em um sussurro.

— Eu não quero morrer — disse Yuuta sendo dramático.

— Você não vai morrer seu bobo. Os animais só atacam quando são provocados ou quando se sentem ameaçados.

— E se ele estiver se sentindo ameaçado?

— Aí a culpa não é minha — riu ele.

— Ei vocês dois, temos que dar um jeito de passar por ele sem chamar muita atenção! — eu os olhei tentando ficar séria.

— Ah, sim. Eu tive uma ideia! — ele olhou ligeiramente para o veado e logo depois para Yuuta — Como você está machucado não vai poder correr se precisar. Então fizemos assim eu o distraio e a Kotori te leva até o guia.

— Não! E se ele te atacar? — eu não gostei da ideia. Não queria que ele se arriscasse e desse errado. E também, seria meio difícil carregar Yuuta sozinha.

— Ele não vai, e se tentar eu posso correr e escalar alguma árvore — ele continuou intercalando os olhares.

— E se ele vier atrás de nós? — já estava pensando no pior que poderia acontecer.

Yoshi se virou para mim, com a maior calma possível caminhou até chegar bem pertinho do meu rosto, o animal avançou, mas parou. Meu coração acelerou. Ele encaixou a mão na minha orelha e eu encarei seus buracos negros. Com carinho começou a passar levemente o polegar na minha bochecha.

— Eu não vou deixar que isso aconteça, prometo — afirmou ele, depositando um beijo na minha testa, depois se afastou lentamente.

Não estava conseguindo raciocinar direito então apenas o olhei com uma expressão de “vamos”. Torci para que tudo ocorresse bem. Depois que ele deu o sinal para nós continuarmos me concentrei em segurar metade do peso do Yuuta. Tentamos fazer o mínimo de barulho possível.

Já meio longe deles soltei um longo suspiro. O garoto que estava apoiado em mim me olhou com uma expressão de “desculpa por ser muito pesado”. Dali uns instantes ele se desvencilhou do meu braço e disse que conseguia andar. Estava mancando, mas foi. Os macacos apareceram de novo, e eu resolvi me aproximar. Yuuta tentou me impedir.

— Yoshi não está aqui para salva-la donzela. E eu não estou disponível no momento — ele debochou, cruzando os braços.

Eu apenas revirei os olhos para ele e voltei minha atenção para o primata. Fui me aproximando devagar e por incrível que pareça o ani-

mal fez o mesmo. Deixei que ele encurtasse o espaço entre nós. Fiquei maravilhada quando ele chegou bem pertinho e mexeu em meus cabelos. Depois explorou meus dedos e a garrafa que eu segurava na outra mão. Yuuta me chamou pela terceira vez e tive que ir. Levantei devagar para não assustar o macaco e fui em direção ao garoto. Nós seguimos em frente. Um pouco depois da grande árvore, ouvi alguém correndo. Olhei para trás e era Yoshi. Sorri ao ver que ele estava bem.

P.O.V. Yoshi

Depois de acharmos Yuuta tivemos que enfrentar um veado. E eu ainda inventei de distraí-lo. Posso garantir que não gostei da minha própria ideia, mas pelo jeito só eu estava em condições disso. Kotori também não aprovou o plano, eu não pensei duas vezes antes de confortá-la. Cheguei perto de mais. Poderia ter a beijado, mas não era a melhor hora para isso. Indo contra meus desejos, a beije na testa. Me acalmei mentalmente antes de prosseguir com a ideia.

Respirei fundo e andei discretamente para trás do animal, fazendo com que ele me seguisse com a cabeça, eu fui andando para o outro lado saindo dos limites da cerca de corda. Quando tive certeza de que o veado estava totalmente concentrado em mim, fiz um sinal para que Kotori e Yuuta pudessem continuar, eles assentiram com a cabeça e voltaram a caminhar.

Eu caminhava para trás lentamente pensando em uma forma segura de me livrar daquela situação. Pensei em correr, mas tinha certeza de que não era mais rápido, e também tinha dois celulares no bolso da bermuda que poderiam cair na fuga. Cansado de ficar parado o veado partiu pra cima de mim. Por instinto me inclinei pra trás e fiz um gesto com a mão dizendo “shh, calma garoto”. Logo o pequeno filhote roubou a atenção e saiu correndo dali, fazendo o pai segui-lo. Enfim me senti livre, passei a mão na testa molhada devido à adrenalina e corri para longe dali.

Consegui alcança-los e ao ver Kotori sorrindo meu coração acalmou. Vi Yuuta meio manco e resolvi ajuda-lo. De primeira ele não aceitou, disse que estava bem. Ofereci uma segunda vez e ele cedeu. Ao chegarmos, vimos todos os outros sentados no chão, cansados e sem ânimo para continuar a procura. Quando nos viram chegando, esboçaram grandes sorrisos enquanto se levantavam. Yuuta ainda mancando foi para perto do guia.

— A onde você se meteu garoto? Estávamos preocupados — ele jogou o olhar para mim e Kotori — Onde o encontraram?

— Estava preso em algum tipo de armadilha — eu recordei.

— Você não sabe o que a gente passou! — bufou Yuuta — Fomos parados por um veado!

O pessoal caiu na risada, o jeito com o qual ele havia falado parecia uma brincadeira. Ele realmente usou um pouco de sarcasmo na voz. Eu nem quis me meter, não iriam acreditar se contássemos também que ele tinha um filhote e que eu me ofereci de isca para salvar o dia.

— Vamos pessoal, se não o veado vai nos pegar — brincou o guia já tomando a frente.

Segui o resto do caminho ao lado de Kotori, porque sim. Devolvi seu celular e ela me agradeceu. Logo que chegamos ao acampamento Shouta enrolou uma faixa com gelo no tornozelo de Yuuta, agradecido, veio sentar com nós. Logo Misa apareceu também.

— O poxa isso aqui tá gelado! — reclamou ele.

— E você queria que gelo fosse quente?! — eu ironizei levantando uma sobrancelha.

— Haha, muito engraçado — ele debochou franzindo o cenho. Logo me olhou com uma cara, a cara que eu já conhecia, ele usava quando queria pedir alguma coisa. Lá vem bomba.

Ele me fez ir até a nossa cabana para pegar a revista de sudoku dele. Faltava uma boa quantia de números para que ele terminasse a segunda página, sendo que ao todo tinha 12. Por acaso Yuuta escutou que esse jogo estimulava a atividade mental e resolveu comprar, agora ele quebrava a cabeça tentando decifrar os números que deviam ser usados.

Pensei que era um jogo chato, minha vó jogava. Mas percebi que nós quatro passamos um bom tempo tentando decifrar os números. Depois de algum tempo Shouta pediu atenção e disse que haveria duas opções: visitar as diversões ou ir para as piscinas. Eu queria as duas coisas, mas nada me agradava mais do que nadar. Eu era louco por água. Yuuta me acompanhou. As meninas foram pro outro lado. Combinei com Kotori de nos encontrarmos mais tarde para irmos até a dita caverna.

Fomos para cabana nos trocar. Eu fiquei com a mesma bermuda, só tirei a camisa e coloquei um chinelo. Guardei o celular na mochila

e peguei uma toalha. Passei um pouco de protetor nos braços e rosto. Tive que emprestar um pouco para Yuuta, ele não tinha pegado o dele e era muito importante que ele passasse, pois era muito branco. Nossos parceiros também estavam se ajeitando para o banho.

Depois que o resto do pessoal se trocou, Shouta nos levou a uma área com duas piscinas. Tinha algumas árvores em volta. Larguei a toalha em um banco e os chinelos em baixo. Nem chequei a temperatura da água, me atirando direto. Estava gelada, mas com o sol ardendo lá em cima deu pra refrescar bastante. O BAND-AID que eu havia adquirido mais cedo se soltou. Nem dava para ver o corte, tinha apenas um arranhão.

Kirito lançou a ideia de fazermos briga de galo e a maioria concordou — para quem nunca brincou disso vou explicar como funciona: um fica dentro da água e o outro senta nas costas do parceiro. O objetivo é derrubar a pessoa que está em cima apenas usando as mãos — a gente meio que expulsou os que não queriam para a piscina menor.

Eu subi nas costas de Yuuta já que ele era mais alto do que eu, apesar de ser mais magro também. Ganhamos quatro partidas de dez. Pode se levar em conta que estávamos em 5 duplas e o máximo que os outros conseguiram foi ganhar duas vezes ou apenas uma. Não querendo me gabar, mas éramos bons nisso.

Alguns saíram no decorrer da tarde, mas eu e Yuuta ficamos até anoitecer. Por mim, ficaria ali pra sempre, mas além de ter marcado um compromisso com Kotori, o guia já estava nos chamando para sair. Fomos até a cabana para pegar nossas coisas e nos dirigimos aos banheiros que ficavam alguns metros pra trás para tomar uma ducha. Quando terminei, me vesti e tive que esperar Yuuta, pois eu tinha deixado a cópia da minha chave em cima da cama. Ele demorou uns bons 15 minutos, se não mais. Chequei a hora no meu celular “8:07p.m.”. Minha barriga roncava.

Depois de largar as coisas e estender minhas roupas molhadas na janela fomos direto para o galpão, estava na hora da comida. Agradei mentalmente. Antes de me sentar fui procurar Kotori. Ela e Misa estavam sentadas na grama, logo eu as acompanhei. O cardápio era sushi, feito pelos próprios funcionários dali. Logo Yuuta e Chiba se juntaram a nós. Kirito quis vir também, mas antes teve que limpar a sujeira que fez ao derrubar o prato em cima de uma garota. Rimos com a cena. Depois que ele terminou sentou ao meu lado xingando baixo. Eu perguntei a Kotori se ela queria ir na caverna ainda, ela me olhou e disse que sim.

Convidamos o pessoal para ir junto, mas eles deram desculpas esfarrapadas. Nós meio que fugimos dos professores e adentramos no lugar. Ligamos as lanternas dos celulares e eu tomei coragem para pegar na mão dela. E foi incrível porque ela não soltou. E lá fomos nós, com os olhos curiosos rodeando por tudo.

P.O.V. Kotori

Eu e Misa fomos com a outra metade de alunos para a tirolesa. Keiko e Tadashi nos acompanharam. Eu não curtia alturas, mas ela meio que me obrigou a vir junto. Diferente de mim, Misa estava muito ansiosa para que chegasse sua vez. Nós estávamos numa fila, na escada da tirolesa. Eu já podia ver um pouco do abismo mais pra frente. Aquilo já estava me dando calafrios.

— Poxa não vejo a hora estou até com um friozinho na barriga — disse ela. O meu não era um friozinho e sim um inverno chegando por todo meu corpo.

— É normal sempre que fazemos alguma coisa nova ou algo que nos importa muito — sorri tentando parecer calma — Mas eu realmente não estou com vontade de saltar de um precipício com apenas uma cordinha me segurando — franzi o cenho e cruzei os braços.

— Relaxa amiga, eu vou primeiro se eu cair aí você não vai feito? — sorriu ela, dizendo aquilo como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Eu não desfiz o beijo. Quando chegou a vez de Misa ela subiu na plataforma que tinha um cabo de aço que se estendia até o outro lado. Um menino de cabelos loiros e olhos azuis de mais ou menos 19 anos começou a prender ela em um monte de cintos.

— Oi, como você se chama? — perguntou o garoto com um sorriso simpático, eu fiquei os observando.

— Eu sou Misa e você é? — ela nem olhou para ele, estava admirada com a paisagem mais a frente.

— Sou Suzaku. Bom, você pode abrir os braços e as pernas só não pode virar pra trás, quando estiver pronta é só me avisar — informou ele.

Misa fez um sinal positivo, o menino deu um empurrão para impulso. Ela deslizou pelo cabo a 500 metros acima do chão. Eu não

gostei da parte do empurrão. Olhei para trás e estava cheio de gente. Não ia dar pra voltar agora.

— Kotori você tem que experimentar isso! — gritou ela.

Suzaku puxou uma cordinha e fez o cinto voltar assim que Misa chegou à plataforma de baixo.

— Pode vir! — disse ele estendendo a mão para mim.

Eu subi as escadinhas com as pernas mais trêmulas do que nunca, acho que se não estivesse sendo guiada por ele eu iria cair. Olhei ao redor, estava no pico mais alto do sítio, de lá conseguia ver as piscinas, mas não conseguia distinguir quem era quem. Um calafrio percorreu meu corpo da cabeça aos pés. Suzaku começou a me prender aos cintos e quando terminou repetiu a frase que havia dito à Misa com as informações.

— Acho que eu não quero mais ir — resmunguei em um gritinho apavorado. Parecia uma criança, devo ter pagado o maior mico.

— Vai ser legal! Você vai ver! — encorajou ele me olhando. Percebi que as pessoas ali em baixo já estavam começando a reclamar.

Sem dizer nada eu fechei os olhos e senti o empurrão. Primeiramente gritei histericamente, agarrada na corda que me prendia ao cabo. Calmamente fui abrindo os olhos, soltei os braços e senti uma brisa suave bater em meu rosto.

— Incrível — sussurrei para mim mesma olhando a linda paisagem que estava sobre meus pés. Dava para ver uma pequena cascata d'água e uma enorme reserva florestal que se estendia por uns bons longos quilômetros.

Quando cheguei ao outro lado fui recebida por Misa que estava eufórica para ir a algum lugar.

— Vamos Kotori, os games ficam logo ali — apontou ela me puxando pela mão. Nem tive tempo de contar minha experiência.

— Tá e a empolgação da tirolesa? Cadê? — eu me desvencilhei dela e cruzei os braços, parando onde estava.

— É foi incrível, muito legal. Agora venha! — disse tentando me arrastar novamente. Dessa vez eu fui. Não ia ficar discutindo, pois já a conhecia muito bem.

Nós fomos até uma área coberta onde tinha máquinas de games meio antigas, daquelas que você coloca uma moeda e joga apenas com

uns botões. Eu e Misa tentamos um jogo de dança. Era meio difícil, mas valeu as risadas. Eram quatro cores diferentes e tinha que mudar os pés de lugar muito rápido. Eu mais pulava no negócio do que acertava os passos. Misa até que se saiu muito bem, bateu um dos recordes, isso era visto, pois ela fazia aulas de dança na escola.

Jogamos outros jogos das máquinas e ganhamos várias rifas. Não sei o que ia fazer com elas porque não queria mais jogar. Acabei as doando para um garoto que parecia muito interessado em continuar por ali.

Logo que voltamos já estava anoitecendo e resolvemos tomar um banho. Eu tinha esquecido de levar shampoo e tive que usar o da Misa, eles sempre tinham um cheiro muito bom. Depois de me arrumar e secar o cabelo apanhei meu celular e fomos comer. Decidimos sentar na grama, ali fora estava mais fresquinho. Yoshi apareceu e sentou do meu lado. Ele estava mais bronzeado, um pouco vermelho em baixo dos olhos. Logo Yuuta, Kirito e Chiba se juntaram a nós.

— O que você acha de irmos na caverna agora? — Yoshi disse olhando pra mim.

— Acho que vai ser legal — eu sorri. E adivinhem, eu tinha me esquecido desse detalhe.

— Vocês vêm? — dirigiu-se ao resto do grupinho.

— Não, não, podem ir, prefiro manter meu corpo a salvo — Yuuta disse franzindo o cenho.

— Medroso — o garoto ao meu lado colocou a mão na boca para abafar o som, Yuuta só o olhou de canto de olho sorrindo — Vamos Kotori — disse ele se levantando e me puxando — E vocês? — olhou para Misa e Kirito.

O garoto disse que ia irritar alguém e a morena disse que tinha combinado de ensinar uns passos de dança para um grupinho de meninas.

Nós saímos despercebidos e fomos em direção à caverna. A entrada dela era realmente a forma de uma caveira, dois buracos gigantes na mesma posição formavam os olhos e a abertura da entrada formava a boca. Meio irregular, mas dava a entender o que era. Devagar entramos pela imensa abertura e com cuidado fomos andando mais para dentro. Ligamos as lanternas dos celulares. Me senti muito feliz quando percebi que Yoshi havia pego a minha mão. Eu não consegui olhar para ele. Simplesmente sorri.

Paramos na frente de um pequeno lagozinho que parecia mais uma poça. Resolvemos tirar os calçados, caso ficasse mais fundo. Num certo ponto da caverna só conseguíamos ver os feixes de luz produzidos por nossas lanternas. De repente uma sombra passou rapidamente para o outro lado. Nós miramos na direção da coisa, mas não havia nada.

— O que será que nós encontramos aqui?! — indagou Yoshi, sua voz fora alterada para um sotaque de investigador, daqueles que fazem programas de TV.

— É só o monstro do lago ness que decidi se mudar pra cá — eu entrei na brincadeira.

— Será? Ou seria ele se alimentando de um... Cadáver — ele gritou. E por mais idiota que seja eu me assustei do grito dele e gritei também. Xinguei baixo.

— Você se assustou! — ele ria da minha cara.

— Culpa sua por ter gritado! — comecei a rir junto dando um tapa em seu ombro.

— Desculpa, não foi proposital.

Eu não conseguia o ver direito, mas dava pra perceber o seu sorriso. Eu resmunguei um “ok” e pensei o que era a coisa afinal. Não sei até onde iríamos andar, mas se nos conheço bem, teríamos que achar algum tipo de parede sem saída para saciar nossa sede por mistérios. Eu estava bastante curiosa para saber se tinha algo de interessante ali dentro. Desviei a atenção para nossas mãos dadas e desejei nunca ter que solta—las.

— Sabe o que eu me lembrei agora? — ele me chamou de volta a realidade. Eu assenti com um “hum?” e ele prosseguiu — Dos velhos tempos, a primeira vez que eu e você fomos a um lago, você só sabia me atirar água e quando eu te molhava você ficava braba.

— Opa não era por gosto — eu ri me lembrando da cena. Era um dia de verão e eu recém tinha cortado o cabelo, não queria que molhasse para não “estragar”.

— E quando você foi transferida para a escola, ah foi tão incrível. Eu agradeço a Deus que fez você esquecer aquela mochila na sala — ele riu e eu o mostrei a língua — Eu lembro que depois eu te mostrei tudo, as salas, os corredores, o pátio, na época o parquinho — refletiu ele.

— O parquinho! Lembro de uma vez que você caiu do balanço e fez um corte gigante na testa. Aí eu fui correndo chamar o professor — Tínhamos uns 5 anos na época, eu lembro de ter visto ele voando e depois do sangue. Foi incrível porque ele não chorou, só ficou meio tonto.

— Nossa aquele dia foi louco, olha isso aqui, ainda tenho a cicatriz — disse ele levantando os cabelos, eu apontei a lanterna para ver melhor e lá estava. Um arranhão do lado direito do rosto que ia do meio da sobrancelha até metade da testa.

— Coitadinho — eu disse parecendo falar com um bebê.

Continuamos até nos depararmos com uma parede sem saída. Não pensei que realmente tivesse uma. Demos meia volta e fomos rumo à entrada novamente.

— Poxa que caverna sem graça — ele pensou o mesmo que eu.

— Pois é. Não tivemos muito sucesso — eu chutei de leve a água em meus pés.

— Como assim sucesso? Estávamos à procura de alguma coisa? — na verdade eu queria achar uns morcegos, umas pedras preciosas, pensei, mas não disse.

— Ah sei lá achar algo interessante.

— Você esperava que a gente encontrasse uma mina de ouro abandonada? — ele riu. Pra ser sincera eu queria. Pensei em como seria legal se a gente encontrasse algo do tipo, ficaríamos na história do sítio. “Garotos encontram metais preciosos e levam uma boa recompensa”.

— Claro que não né seu bobo — atirei água nele e ele em mim.

Quando saímos dali de dentro colocamos nossos calçados e voltamos para junto do pessoal.

— Por que vocês estão de mãos dadas? — perguntou Yuuta já com aquele sorrisinho malandro. Eu nem tinha percebido que ainda estávamos daquele jeito.

Nenhum de nós respondeu, eu corei e soltamos as mãos rapidamente. Sentamos na grama com nossos colegas e professores e começamos a contar lendas e histórias de terror. Logo foi solicitado para que nos dividíssemos para as cabanas. Eu e Misa nos despedimos dos garotos e seguimos as outras garotas.

No dormitório Misa, que estava no beliche de cima, botou a cabeça pra baixo e sorriu para mim.

— Oi Misa, ainda não dormiu? Já passa da meia noite — eu coloquei os braços pra trás da cabeça permanecendo deitada de barriga pra cima.

— Eu sei, mas não estou com sono. E você provavelmente também não está não é? — seus cabelos longos e ondulados estavam presos num coque mau feito.

— Pois é, estava aqui pensando, como o dia foi bom — eu dei um longo suspiro e sorri para ela — Você não acha?

— Acho que sim. Mas você tem outros motivos não? — ela me lançou um olhar safado — E ele se chama Yoshihiro — falou com um sorriso fofo.

— Não! Nós somos só amigos! — eu disse virando pra parede, meu rosto era certo que estaria vermelho.

— A qual é amiga! Eu te conheço — ela desceu e sentou na beira do colchão colocando a mão sobre minha coxa — Conta pra tia Misa o que está sentindo.

Eu a olhei e desviei a atenção para nossas parceiras, deveriam estar longe já. Resisti um pouco, mas acabei me sentando de frente pra ela. Eu contei que não sabia ao certo o que era, mas que talvez estivesse gostando dele.

Ficamos conversando por mais uma meia hora. Misa já havia namorado umas 2 ou 3 vezes. O último namorado dela a traiu com uma vizinha já que não era tão difícil, pois ele morava num condomínio. Ele havia dito que era uma prima de longe que se mudou pra lá, mas eles foram descobertos um mês depois que o caso começou. Misa já desconfiava, pois ele passava muito tempo lá, e saía quase toda noite. Ela conseguiu instalar uma câmera escondida na casa da dita prima e puff. Tinha provas concretas da traição. É, minha amiga era meio doida, mas não era boba. Lembro dela me contando o que acontecera, com os olhos lacrimejando, fiz ela dormir na minha casa naquele dia.

Então acreditei que os conselhos dela deveriam ter algum fundamento. Ela disse para mim esperar e ver no que ia dar. Também me contou que já havia observado Yoshi algumas vezes, que ele não tinha olhos para outras garotas que não fossem eu. Sorri junto dela e me in-

clinei para um abraço. Ela voltou para a cama de cima e eu desliguei o abajur que era preso na parede. Olhei pela janela e vi que a luz da cabana de Yoshi estava ligada, imaginei o que poderia estar fazendo e adormeci com meu devaneio.

P.O.V. Yoshi

Depois de escovar os dentes eu e os garotos estávamos olhando um pra cara do outro. Yuuta era o único que tinha uma distração — sua revista de sudoku — parecia estar concentrado.

— Então — Kirito começou — Como foi o passeio com a Kotori? — ele arqueou as sobrancelhas olhando para mim.

Eu revirei os olhos e não respondi. Aquilo pareceu tirar Yuuta do mundo dos números.

— É como foi?! — ele largou a revista em cima da cama — Hoje quando eles me encontraram, antes dele dar uma de herói, foi super carinhoso com ela. E depois quando voltaram da caverna estavam de mãos dadas — ele revelou. Senti meu estômago embrulhar. Não conseguia dizer nada.

— Oh meu Deus! Então agora é oficial? Conta pra gente quando foi o primeiro beijo de vocês — Kirito continuou.

— Eu — gaguejei, sentindo as mãos suarem frio — Eu ainda não beijei ela e somos apenas amigos — mas queria, e como queria, só que não dependia apenas de mim. Tinha um pouco de receio dela não gostar ou não querer mais falar comigo. Parecia idiota, mas a última coisa que eu queria era ficar longe dela.

— Como assim? — os três me olharam.

Me atirei na cama resmungando um “me deixem” e colocando o travesseiro na cara. Quando foi arrancado de minhas mãos me deparei com um Chiba me encarando, ele levantou o objeto e deu com ele em mim mandando que eu levantasse.

— Vão dormir vão, vai ser melhor o silêncio — disse arrancando o que era meu das mãos dele.

— Ah não, dormir tão cedo não, eu ainda nem me diverti — Kirito pareceu procurar por algo ali dentro — Vamos fazer um jogo — ele se levantou e foi até a mochila.

Eu não gostava dos jogos dele. Ou alguém levava a pior — como da vez em que ele colocou pó de mico em nossas cuecas enquanto tomávamos uma ducha depois da educação física só porque perdermos a aposta de ficar 15 minutos em baixo da água. Coisa que eu acho humanamente impossível — ou acabávamos tendo que limpar algo — como da vez em que ele nos vendou e deu uma caixa de ovos para cada um, nos levou até o estacionamento e disse que se acertássemos alguma coisa ele pagava uma janta. Acontece que acabamos acertando os carros dos professores e tivemos que lavar os 4, ganhando de presente uma advertência — então eu não gostava de participar das coisas criadas por ele.

— Quem dormir primeiro leva melado na cara — ele abriu a mochila e tirou um vidro de mel dali. Ele colocou sobre a pequena mesinha do lado dos beliches.

Fiquei curioso em saber o que iria acontecer dessa vez e decidi entrar no desafio.

— É, vamos lá, apaguem todas as luzes e não durmam — anunciou Chiba.

Nós deitamos e reclamaram quando eu liguei o celular. O negócio era esperar, o relógio marcava 1:30 a.m. Eu não era bom em ficar parado sem dormir, tanto é que estava bem cansado depois do dia que passei dentro da piscina. Pensei em Kotori e nas vezes em que fazíamos contato visual. Sorri ao lembrar das cenas. Mergulhei nos meus pensamentos e fiquei me beliscando de leve para não dormir.

Depois de mais ou menos meia hora, as luzes voltaram a brilhar e eu esfreguei os olhos. Kirito estava de pé perto do interruptor, logo Chiba saltou de cima do beliche. Verifiquei Yuuta e ele havia adormecido. Eu sabia que o sono dele era pesado, sorri sentindo um pouco de pena. Vi Kirito apanhando o pote de vidro e me levantei. Até que a confusão chegou. Ele, desastrado do seu jeito, derrubou o pote enquanto tentava se pendurar no beliche. O mel e os cacos de vidro saltaram pelo chão. Sua cara mostrava: “acabou a brincadeira pessoal”, nós entendemos o recado e fomos deitar, deixando a bagunça para as tias da limpeza que viriam logo ao amanhecer.

CAPÍTULO 3

O acidente

P.O.V. Kotori

Logo pela manhã depois de organizarmos nossas coisas, as tias da limpeza foram limpar as cabanas. Ouvi gritos de discussão vindos do dormitório dos meninos. Keiko passou para nos avisar que o café seria servido no galpão. Eu e Misa fomos até lá e sentamos nas mesas ao ar livre. Logo Yoshi e Yuuta apontaram na porta e vieram em nossa direção.

— Bom dia! — eles disseram.

— E aí, fiquei sabendo que vocês aprontaram essa noite né — eu sorri, enquanto um Yoshi sonolento sentava ao meu lado.

— Como é que você sabe? — ele perguntou franzindo o cenho.

— Você acha que a gente não escutou a discussão de vocês com as tias? — eu disse o encarando e sorrindo de lado.

— Ata. Que droga! Fizeram a gente esfregar o chão com escovinhas de dente — ele me olhou com a pior cara possível.

— Sim né, me deixa adivinhar quem foi que começou essa confusão — eu pensei um pouco e continuei — o Kirito!

— Na mosca! — ele sorriu pra mim, logo franziu o cenho.

— O que foi? — fiquei curiosa, ele me olhava.

— Tem um cílios ali — ele mostrou a região no seu próprio rosto, eu coloquei minha mão onde ele indicava — Não do outro lado — ele esticou a mão e eu me aproximei, ele o apanhou e mostrou pra mim — Faça um pedido.

Eu sorri e o soprei, desejando algo mentalmente. Nós voltamos nossa atenção para Shouta que estava à frente do galpão. Havia dado o chamado para os alunos se servirem. Tinha duas mesas no centro, uma fila foi formada para pegar o alimento.

A manhã passou rápido, nós fomos conhecer um pouco mais do sítio. Depois fiquei vendo os garotos jogarem, Chiba tinha trazido um baralho de pôquer, eu não fazia a mínima ideia como jogava aquilo. Logo depois que almoçamos, Shouta veio dar uns avisos.

— Pessoal hoje nós vamos visitar a cachoeira, já os avisando que é um lindo lugar para tirar fotos — anunciou ele — Nos encontramos na frente do galpão às três horas, até lá vocês têm um tempo livre.

Não sabíamos o que fazer. Ficamos um pouco no tédio e decidimos ir caminhar, circundamos todo o recinto acho eu, tinha um tipo de labirinto nos finais da reserva, nós até pensamos em entrar, mas não ia ser legal se nos perdêssemos nos corredores verdes.

Na hora marcada todos estavam no lugar combinado. Esperamos alguns minutos os atrasados e o guia nos levou para um caminho rodeado de árvores, parecido com o que eu e Yoshi atravessamos no dia anterior logo pela manhã. Eu o olhei, parecia estar distraído com alguma coisa que Yuuta falava. Misa seguia ao meu lado enquanto conversávamos coisas aleatórias. No caminho nos deparamos com uma família de guaxinins que estava construindo um ninho em uma árvore. Eu fotografei a cena. Minha bateria estava fraca e lembrei que não havia trazido o carregador.

Nós conseguimos ouvir o barulho da cachoeira assim que chegamos perto, era um som que acalmava, juntamente com o cântico dos passarinhos. Ao sairmos daquele túnel verde nos deparamos com uma linda paisagem. Fiquei realmente encantada com aqueles 30 metros de queda d'água. Ali, já em um pequeno lago ela era muito cristalina. Eu me agachei para passar a mão, sem perceber Yoshi chegou por trás de mim e fingiu me empurrar.

— Ahh, não faça isso de novo! — eu disse me virando para ele com os olhos arregalados.

— Só queria brincar! — ele estendeu a mão para mim, sorrindo. Levantei com a ajuda dele.

— Brincar de me ensopar! — disse chacoalhando a mão para secar.

— Ia me cobrar de quando só você podia me molhar — ele lembrou da vez no lago.

— Ah, mas aí eu te puxava junto — nós caminhamos até uma sombra e sentamos na grama.

Yoshi puxou o celular e me convidou pra uma foto. A gente ficou se bobiando e quase nenhuma ficou descente. Ele continuou passando e a última tinha ficado boa. Eu com a cabeça encostada no ombro dele com os olhos fechados e ele olhando pra mim ambos sorrindo. A gente se encarou por alguns segundos.

Yuuta, Chiba e Misa se juntaram a nós. Eles sentaram ali e começamos a tirar fotos juntos. O pessoal se posicionou um pouco atrás de mim. Eu tirei umas quantas seguidas. Quando fomos ver os resultados, nós havíamos feito careta na maioria delas e a gente riu muito um da cara do outro. Shouta veio ver o que estávamos aprontando e acabamos tirando foto com ele também. Nós passamos o resto da tarde ali naquele lugar bonito agitando uns com os outros e com os professores. Lá pelas seis voltamos para o acampamento, pois havia mais uma trilha pela frente.

Nós tínhamos tempo livre até lá e eu decidi tomar um banho. Demorei uma meia hora já que não tinha muitas meninas na fila. Pedi o secador da Misa e dei uma secada nas minhas madeixas. Minha bateria morreu de vez e resolvi deixar o celular dentro da mochila, mais tarde iria conseguir um carregador emprestado. À tardinha a gente foi para uma segunda trilha, Shouta disse que havia umas coisas diferentes ao longo dela. Era mais ou menos umas sete e meia, mas ainda era dia por causa do horário de verão.

Já dentro dela, nos deparamos com uma pequena parede que tinha pedras salientes para dar apoio aos pés e as mãos, provavelmente era para escalarmos. Estava na cara que aquilo tinha sido projetado pelos próprios proprietários, pois tinha cordas de segurança e tudo mais. Ao lado tinha uma pequena escadinha de terra para os que não queriam se arriscar. Eu decidi ir por ela. Yoshi aceitou o desafio e me pediu para segurar seu celular, eu o guardei no bolso da minha camisa. Conforme íamos adentrando ao lugar, várias coisas do tipo iam aparecendo.

Quando estávamos na metade do caminho de volta, eu me distraí observando uma família de lagartas. Olhei ao redor e pude ver o pessoal por entre as folhas das árvores mais à frente. Me levantei e percebi uma coisa brilhante em um dos galhos. Curiosa do jeito que sou decidi subir para ver o que era.

O primeiro galho era muito alto, tentei segurar com os braços e jogar as pernas, mas não deu certo. Depois tentei subir em cima de uma pedra e escalar até o galho, mas também falhei. Olhei pra ver se a turma já estava longe, mas eles haviam parado por algum motivo. Voltei

a atenção para o que estava tentando fazer. Eu percebi que tinha uma árvore menor quase colada à que eu queria. Nela eu consegui subir e alcancei o bendito galho.

Escalei mais alguns metros e tentei não olhar pra baixo, mesmo a altura sendo mínima. Apanhei a coisa brilhante e adivinham só era um anel. Fiquei realmente surpresa e desejei saber o motivo daquele objeto estar ali, preso em um galho. Segurei uma risada e o coloquei em meu dedo. Era prateado e pelo jeito não era algo falso, pois não tinha indícios de ferrugem nem de arranhões. Esqueci que estava a alguns metros do chão e quase fui ao encontro dele.

Me preparei para descer, e olhei para baixo, a altura não me fazia bem. Me senti um pouco tonta e foi então que o pior aconteceu. Errei o pé e escorreguei, fazendo um galho entrar fundo no meu ombro. Xinguei baixo ao ver o sangue escorrendo, não consegui coordenar meus movimentos e acabei despencando da árvore. Para minha sorte caí em cima do lado machucado e minha visão ficou turva.

Comecei a entrar em pânico. Não conseguia levantar, parecia que tinha um peso em cima de mim, sem falar na dor insuportável do meu braço. Lembrei que o celular do Yoshi estava em meu bolso. Com muito esforço consegui apanha-lo e escrevi uma mensagem de canhota para Yuuta. Minhas lágrimas deixavam a visão pior do que já estava. Me concentrei para não desmaiar. Sentia o sangue quente e viscoso escorrendo pela pele e a única coisa que eu podia fazer era torcer para que Yuuta olhasse o celular de uma vez.

P.O.V. Yoshi

Depois que escalei aquela parede de pedras esqueci totalmente do meu celular. Me lembrei só depois de uns bons 15 minutos. Tinha o deixado com Kotori, mas não a encontrei depois de procura-la por ali. Já estava começando a ficar preocupado enquanto o guia ia cada vez mais pra frente e ela não aparecia. De repente Yuuta veio correndo até mim, ainda meio manco, com uma expressão séria no rosto.

— Cara! É a Kotori — ele me mostrou o celular que tinha na mão com uma mensagem aberta.

Tinha sido enviada do meu celular. “Yoshi me ajuda” e o nome dela assinado em baixo. As palavras estavam escritas erradas, não por um erro de digitação, mas de um jeito meio embaralhado que dava

pra entender. Nem pensei duas vezes saí correndo de volta sem avisar Shouta, Yuuta me acompanhou.

Meu coração acelerou. Nós diminuimos a velocidade e enxerguei algo caído no chão. Aproximei-me devagar e quando vi que era Kotori ali, corri mais rápido do que antes. Eu me abaixei ao seu lado e vi sua blusa rasgada, com sangue saindo à beça de seu braço. Me contive para não entrar em desespero. Com muito cuidado peguei ela em meus braços e ajeitei o cabelo dela pra trás da orelha. Seus olhos estavam fechados torci para que não estivesse desmaiada.

Eu a chamei uma, duas vezes. Ela franziu o cenho, não estava nada bem. Até então eu havia esquecido de Yuuta. Ele se abaixou ali com nós e apanhou meu telefone que estava atirado na grama. Não disse nada, mas mostrou compaixão no olhar.

— Ei Kotori, está me escutando? — eu sussurrei no ouvido dela, com a voz um pouco trêmula. Ela concordou com a cabeça — O que aconteceu? — perguntei e ela abriu os olhos devagar. As lágrimas começaram a fluir.

— Eu subi na árvore e tentei... — ela deu uma pausa, o ritmo de sua respiração estava fraco — tinha uma coisa no galho — ela levantou a mão e eu notei um anel em seu dedo. Tentei raciocinar.

— Isso estava ali? — foi a primeira coisa que pensei e estava certo. Me perguntei como havia parado lá, mas me concentrei na garota que eu segurava.

— Nosso instinto de querer descobrir tudo me deixou na pior — ela esboçou um pequeno sorriso, levando a mão ao braço ferido — esbarrei num galho e ele não gostou de mim — ela continuava com seu senso de humor.

— Deixe-me ver! — disse preocupado inclinando minha cabeça para ficar mais perto do lugar atingido.

Com muito cuidado passei a mão pra tirar um pouco do sangue, mas não consegui ver nada além de um grande buraco em sua pele. Levantei a manga e notei uma pequena deformidade em seu ombro. Parecia deslocado, tentei tocar, mas Kotori me impediu.

— Não Yoshi, não, por favor — disse ela quase desesperada, segurando minha mão.

— Calma tudo bem, vou te levar para o Shouta, aguenta firme, só não desmaia — eu olhei para Yuuta — Arranca a manga da minha blusa, por favor — eu pedi e ele se aproximou.

Fiz um torniquete, amarrando o pedaço de pano um pouco acima da ferida aberta. Senti ela abafar o som do choro enterrando a cabeça no meu peito. Levantei devagar com ela no colo e comecei a correr em direção aos outros. Fiz o possível para não fazer seu braço machucado pular. Yuuta vinha logo atrás.

Eu comecei a gritar o nome de Shouta quando nos aproximamos. O pessoal já estava curioso para saber o porquê eu o chamava que nem louco. Ao verem o sangue da Kotori, alguns saíram de perto e outros tentavam vir para cima fazendo milhões de perguntas. O guia abriu caminho entre eles e eu nem precisei dizer nada. Estava ofegante assim como Yuuta.

— Meu Deus o que aconteceu? — disse ele verificando de onde vinha o sangue.

— Ela subiu na árvore e um galho fez isso — eu disse meio enrolado, apontando para o ferimento com os olhos.

— Não, tá tudo bem, nem se preocupem — ela já estava delirando.

— Vamos leva-la até o acampamento — ele deu início a caminhada, num passo muito rápido — Quer que eu a leve? — ele me olhou e eu neguei.

Deu um minuto e Kotori se desculpou antes de desmaiar. Assim que chegamos os professores vieram correndo saber o que tinha acontecido e Akihiko ligou para ambulância. Shouta me dirigiu até um cômodo parecido com uma sala e não deixou ninguém mais entrar além dos professores. Ele pediu licença e foi provavelmente acalmar o pessoal do lado de fora.

Sugata trouxe um pano molhado e me ofereceu para que eu pudesse limpar o excesso daquela substância quase preta, eu agradeci. Olhei para Kotori e passei o pano com muito cuidado sobre o machucado. Não estava saindo mais tanto sangue. Depois de alguns minutos, 3 homens vestidos de branco chegaram no quarto carregando uma maca e uma sacola com alguns apetrechos.

Fui com eles até a ambulância e vi Yuuta vindo até mim, ele me entregou meu celular e eu agradeci. Misa foi pegar as coisas de Kotori onde tinha seus documentos e entregou para Sugata. Ele iria junto para dar as informações necessárias e também como responsável pela Kotori. Depois de pegar seus pertences embarcou no banco da frente.

— Pode vir alguém junto — um dos enfermeiros falou.

Olhei para Misa que estava bem à frente da ambulância, pensei que talvez ela fosse querer ir junto com a amiga, mas como se lesse minha mente, sorriu pra mim e jogou os olhos para o veículo como se dissesse “vai”.

— Eu vou! — eu disse com certeza. Nem me importei em pegar minhas coisas, entrei na porta de trás me juntando à Kotori.

Era cheio de equipamentos ali dentro, sentei em um banco de frente para ela. O motorista ligou as chaves e saiu cantando pneu. Nós seguimos em absoluto silêncio até Kotori abrir os olhos devagar. Ela olhou para os lados confusa e os fechou novamente.

Eu segurei sua mão e mexi no anel que havia causado aquilo. Queria tirá-lo e jogá-lo para fora, mas não o fiz. Pensei que talvez ela tivesse gostado dele. Sei que os objetos não têm culpa. Muitas vezes esbarro no sofá ou na mesa e acabo os xingando e batendo neles. Mas nesse caso eu estava discutindo com meus próprios pensamentos. Se ele não estivesse naquele galho, ela não teria subido e não teria acontecido isso. Fui trazido à realidade quando um dos carinhos sentou ao meu lado e sorriu pra mim.

— E aí cara, está tudo bem com você? — ele parecia ser uma pessoa legal.

— Oh sim, só estava aqui perdido no meu mundo — e eu realmente estava.

— Eu sou Teshigawara, esse é o Shiro e aquele é o Takahiro — ele apontou para os parceiros — E vocês? — ele jogou o olhar para mim.

— Yamaguchi Yoshihiro — eu apertei a mão dele tentando esboçar um sorriso — E ela é Ritsuko Kotori — a olhei por um minuto e voltei minha atenção para o moço ao meu lado.

O silêncio voltou novamente junto com minha cara amarrada, não conseguia pensar em outra coisa a não ser na situação de Kotori. Várias perguntas ficavam vagando pela minha cabeça. Será que ela vai ficar bem? Como será que ela vai reagir depois de acordar? O que devo fazer? Isso me incomodava. Fitei o chão por alguns segundos.

— Sabia que ficar fazendo cara feia dá rugas? — Shiro chamou minha atenção. Percebi que estava franzindo a testa — Melhore essa cara rapaz, sua amiga vai ficar bem, é só uma questão de tempo — ele me acalmou e eu tentei manter uma expressão normal.

— Olha eu sei que está preocupado com sua amiga, você pode nos contar o que aconteceu. Ainda tem um tempo pra gente chegar na cidade — disse Teshigawara.

— Tudo bem — eu concordei, passando a mão em meu cabelo — Nossa turma saiu ontem de manhã para um passeio lá no sítio, tudo ocorreu bem tirando a parte em que nosso colega sumiu, mas felizmente foi encontrado apenas com o tornozelo inchado e dolorido. Hoje nós fomos em uma trilha perto do anoitecer e foi lá que a Kotori se machucou — eu dei uma breve olhada para a garota na minha frente.

— Eu não percebi, mas ela havia sumido. Foi muita sorte ela ter ficado com meu celular, pois ela enviou uma mensagem pra Yuuta e ele veio correndo me avisar — continuei.

— Nossa, ela foi esperta então — ele sorriu pra mim. Percebi que Shiro e Takahiro também estavam prestando atenção na história.

— Eu saí correndo depois que li o recado e achei-a caída no chão. A primeira coisa que eu vi foi o sangue. Aí que eu fiquei preocupado porque ela não se mexia. Depois de me agachar eu a peguei em meus braços e perguntei o que havia acontecido — eu puxei o anel do dedo dela e mostrei para eles.

— O que é isso? — um deles perguntou, se aproximando para ver melhor o objeto. Eu deixei que ele pegasse para ver melhor.

— Isso — me referi ao anel — Foi o que causou isto — aponte para o ferimento no braço dela. Eles me olharam confusos — Ela viu esse negócio na árvore. Sim, ele estava lá, fazendo o quê, eu não faço a mínima ideia. Sei que ela subiu para apanhá-lo e um galho entrou fundo em seu ombro, acho que ela despencou da árvore também e então eu fiz isto para ajudar a estancar o sangramento — mostrei o torniquete improvisado.

— Boa atitude a sua. Não sabe o quanto isso é de extrema importância quando temos esse tipo de situação — ele devolveu o anel e eu o coloquei de volta no indicador de Kotori.

— É?! — eu arqueei uma sobrancelha — Então eu a levei para o guia e fomos até o acampamento para contatar vocês — eu contei — Mas vem cá, como vocês chegaram tão rápido lá? Porque pelo jeito vamos demorar um bocado.

— Ah sim, nós sempre temos guaritas perto de lugares assim, que são mais afastados das cidades. Por exemplo, como nós atendemos

o chamado de vocês, outro grupo já está se deslocando do hospital para lá, caso haja outro acidente pelas proximidades.

— Uau! — eu fiquei realmente surpreso — Quanto mais rápido o atendimento melhor não é mesmo? — eu sorri e eles concordaram.

Nosso assunto morreu e eu comecei a morder os lábios freneticamente enquanto chacoalhava uma das pernas. Lembrei da vez que um balanço tinha me acertado. Kotori foi quem me ajudou chamando socorro. Lembro do médico me dando uma anestesia para poder fechar a minha testa. Toquei a cicatriz de leve. Minha outra mão ainda segurava a dela e eu pretendia ficar ao seu lado até alguém vir busca-la. Me perguntei se já haviam avisado seus pais, fiz uma nota mental para ligar pro Yuuta mais tarde para saber. Lembrei do meu celular, e o peguei no bolso da calça. A bateria estava na metade e eu fui fuçar nas fotos.

Abri uma que tínhamos tirado mais cedo, junto com o pessoal, e botei como plano de fundo. Apaguei algumas coisas que não serviam mais. Encontrei uma que tinha sido fruto de uma aposta. Kirito havia me desafiado a convidar um professor pra sair, sim no masculino. Ele iria me dar um jogo que eu gostava muito na época, caso eu não o fizesse perdia um dos meus. E eu aceitei. O legal foi que esse professor não quis sair comigo, é claro, mas fez uma janta e convidou todos nós. Aí eu tirei uma foto com ele na mesa e mandei para Kirito com a legenda “meu homem”. Sei que ganhei o jogo naquela mesma noite. Eu sorri com a lembrança.

— Yoshihiro? — Takahiro chamou minha atenção. Ele estava segurando uma prancheta em uma das mãos e tinha uma caneta na outra. Eu resmunguei um “hum?” — Posso fazer algumas perguntas?

— Claro — eu bloqueei o aparelho e o guardei novamente em meu bolso. Voltei a olhar para ele.

— Sabe de algum telefone para contato? Digo, para os familiares?

— O da casa — eu procurei o telefone nos meus contatos e repeti os números para ele.

— Ligaremos para lá assim que chegarmos — disse ele terminando de anotar.

— Quando vamos poder voltar? — eu resolvi perguntar.

— Isso só depende do estado de Kotori.

— Mas na hora de ir embora devemos pedir aos professores para virem nos buscar?

— Um veículo tem a função de fazer isso, então não se preocupe.

— Tudo bem.

— Bom, deixamos para Sugata cuidar do resto já que ele está com os documentos dela.

— É acho que sim — disse desviando o olhar. Apanhei meu celular novamente e olhei a hora. Oito com alguns minutos.

Comecei a ficar com sono. Acho que cochilei por um momento, pois minha cabeça pendia para trás, encostada na parede. Esfreguei os olhos e tentei me recompor. Apoiei o queixo na maca e passei os dedos pelo cabelo de Kotori. Tinha algumas folhas ali ainda, eu fui tirando e largando num canto ao meu lado. Ao longe pude ver a cidade por uma pequena janela que dava acesso ao banco do motorista e carona.

— Vocês querem água? — desviei o olhar para Shiro que tinha em mãos dois copos d'água.

— Eu aceito — disse. Até agora não havia percebido, mas minha garganta estava seca de gritar pra o guia um pouco antes. O rapaz ao meu lado também aceitou.

Shiro jogou dois copinhos tampados para nós. Eu o peguei com uma só mão e bebi o líquido num gole só. Queria mais, mas não me atrevi a pedir. Coloquei o plástico vazio junto das folhas que estavam no canto.

Quando adentramos nas ruas do lugar o motorista ligou a sirene e a velocidade aumentou. Logo o hospital apontou. Era uma construção atual, cheia de espelhos em um lado e com uma recepção enorme. Pude ver vários carros estacionados na frente do estabelecimento. Nós entramos por um caminho próprio para ambulâncias. Desligamos o veículo já em um estacionamento fechado que dava acesso direto ao pronto socorro.

— Bom nós chegamos — anunciou Takahiro se preparando para tirar a maca dali de dentro. Eu me levantei e procurei um lixo para colocar as coisas que eu havia deixado em um canto.

CAPÍTULO 4

No hospital

P.O.V. Yoshi

Eu os ajudei a tirar a maca de dentro da ambulância. Nós entramos apressados para dentro. Teshigawara me olhou e pediu para que eu ficasse na sala de espera, ele me dirigiu até lá. Sugata nos acompanhou e depois seguiu o enfermeiro.

Enquanto eu me sentava senti uma mão em minhas costas, quando me virei tive uma grande surpresa.

— Ash!?! Oi! — ele era nosso colega que havia faltado na viagem. Pude perceber sua mãe logo atrás e fiz um aceno para ela.

— E aí Yoshi! O que você está fazendo aqui? E por que está cheio de sangue? — ele olhou para minha camisa rasgada e as manchas por ela.

— É a Kotori. Ela sofreu um pequeno acidente. Mas e você? Como veio parar aqui?

— Eu e minha mãe íamos visitar minha tia no interior por isso não fui ao passeio, mas acabei comendo alguma coisa que me deu alergia e fiquei sem respirar, então como já tínhamos pegado estrada paramos neste hospital — ele explicou — Enfim como que a Kotori foi se machucar?

— Uma história longa. Pode sentar? — eu fiz um gesto apontando para o banco ao meu lado.

— Mãe eu vou ficar com o Yoshi um pouco. Quero dar um oi pra Kotori depois — disse Ash para a mulher parada ao seu lado.

— Tudo bem se eu for ali no mercado comprar algumas coisinhas?

— Pode ficar tranquila — ele sorriu. Eu acenei para ela enquanto se afastava, indo em direção à saída.

— E foi assim que eu parei no hospital, comendo porcarias da minha mãe — Ash sussurrou assim que sua mãe já estava longe.

Eu ri. Ele sentou ao meu lado. Antes que pudesse começar a contar a história, um homem de jaleco branco veio na nossa direção. Pude ver Sugata logo atrás.

— Yoshi esse é o Dr. Jim ele vai cuidar da Kotori — ele notou Ash — Mas olha só, que faz aqui garoto? — Sugata o cumprimentou.

— Só uma crise de alergia — ele disse.

— Bom, só vim cumprimenta-los. Podem ficar a vontade, creio que não vamos demorar muito. Já dei uma breve olhada e ela não corre risco algum.

— Ok, vamos esperar pelo melhor, ler algumas revistas, conversar.

— Eu vou indo — disse Dr. Jim apertando minha mão e a de Ash — Queira me acompanhar, por favor — ele se dirigiu ao professor.

— Pronto ele já foi, agora me conte Yoshi tudo o que aconteceu fiquei curioso e preocupado — Ash pediu depois que os dois já estavam longe.

Eu contei a história pra ele revelando o bendito anel. Tinha adquirido certa implicância por ele e deixei isso bem claro.

— Isso explica todo esse sangue em suas mãos e camisa — ele jogou os olhos para os lugares manchados.

— É eu queria lavar antes de entrar no quarto. Sabe de algum banheiro por aqui? — perguntei olhando ao redor.

— Sim vá reto naquele corredor e já vai ver as placas.

— Obrigado eu já volto — eu levantei.

Eu dobrei no final do corredor como diziam as placas, logo encontrei o banheiro. Me deparei com um espelho enorme logo na entrada. Eu estava num estado terrível. Minha blusa rasgada manchada de sangue e meus cabelos extremamente arrepiados. Eu lavei as mãos e tentei esfregar a camisa com um pedaço de papel. Saiu um pouco o excesso.

Passei uma água no rosto e saí. Quando voltei, Sugata estava conversando com Ash.

— E aí? — eu me sentei na poltrona de frente para os dois.

— Fui deixar as informações da Kotori onde me indicaram e pediram pra falar com um responsável, então eu disse que estávamos em uma viagem escolar e que eu me responsabilizava por ela. Disseram que nós poderíamos acertar depois — explicou o professor. Ele segurava a mochila de Kotori.

— E agora como vamos fazer? — eu perguntei. Pensei que talvez ele fosse dar do seu próprio bolso e depois resolvia com a mãe dela.

— Não se preocupe, ela tem um cartão de seguro de vida. Só iremos ligar pra mãe dela autorizar.

— Ah que bom então.

Nós começamos a conversar sobre outras coisas e dentro de meia hora Dr. Jim voltou com um sorriso.

— Como já tinha dito, não foi nada grave. De mais preocupante só a luxação no ombro direito, mas toda operação foi um sucesso. Ela já foi para o quarto e não acordou ainda. Se quiserem podem vê-la mesmo assim.

— Claro, vamos lá! — eu levantei depressa entusiasmado. Sugata fez o mesmo — Vamos Ash! — continuei dando um tapa de leve na orelha dele que havia cochilado.

— Sim! Tô aqui! — disse levantando-se num pulo e eu ri da cara dele. Ele semicerrou os olhos e riu debochado pra mim.

Nós seguimos o homem de jaleco branco até a sala de recuperação. Quando chegamos, eu olhei para o grande corredor que se estendia até uma parede verde. Ao longo dele tinha quartos separados por números. Andamos até o final e paramos no quarto 322.

Quando a porta se abriu meus olhos pousaram direto em Kotori, ela estava deitada na cama ainda adormecida, com o fio do soro ligado em um dos braços enquanto o outro estava descansado em uma tipoia.

— Ela vai ter que passar a noite aqui para se recuperar, mas amanhã de manhã já pode ir embora — revelou o médico.

— Eu e o Sugata podemos passar a noite aqui também? — perguntei sem tirar os olhos de Kotori enquanto o professor largava a mochila dela do lado da cama.

— Acho que só é possível um acompanhante por paciente — o Dr. Jim pareceu se sentir desconfortável com a situação.

— Não tem problema, eu encontro um lugar para passar a noite — disse Sugata.

— Tem certeza? — eu perguntei meio preocupado com ele.

— Tenho. Não se preocupe comigo, se preocupe em ficar com Kotori.

— Tudo bem então — me dirigi ao Dr. Jim — Mas será que ele pode ficar aqui só até Kotori acordar?

— Creio que sim. Ali têm poltronas caso fiquem cansados, se quiserem assistir TV o controle está na segunda gaveta daquela cômoda — ele aponta — E por último temos o restaurante que também funciona como um pequeno mercado. É só entrar no corredor depois da sala de recuperação, continuar até o fim dele e dobrar à esquerda. Eu vou indo, boa noite — nós dissemos o mesmo enquanto ele fechava a porta atrás de si.

— Você vai dormir aqui Ash? — me virei para ele.

— Não, não posso, só vim ver a Kotori e já vou. Só vou esperar ela acordar para dar um oi.

— Ah é, esqueci que sua mãe só foi dar uma passadinha no mercado comprar uns veneninhos pra você — relembrei da cena de alguns minutos atrás.

Nós rimos. Eu me aproximei de Kotori e notei a camisola de hospital que vestia. Passei a mão suavemente em seu rosto e sentei na poltrona ao seu lado.

P.O.V. Kotori

Não lembro de mais nada do que aconteceu depois que eu desmaiei. Só sei que estava nos braços de Yoshi e isso fazia eu me sentir segura. Tive um sonho muito doido durante esse meio tempo.

Flashback on — Eu e Misa estávamos na ponta de um precipício e não havia nada pra baixo dele. Só dava para ver algumas nuvens vagando por ali. De repente surgiu uma ponte do nada. Dava pra ver que era muito extensa e não parecia muito segura. Ela levava até um tipo de ilha muito bonita a meu ver.

Quando ouvimos gritos percebemos dois meninos lá do outro lado. Eram Yoshi e Yuuta. Eles pareciam estar pedindo socorro ou estavam apenas fazendo sinal para nós. Misa decidiu ir até lá. De jeito nenhum eu conseguiria atravessar aquele abismo sem ter um ataque de pânico em algum momento. Não tive escolha. Ou era ir junto ou ficava sozinha ali, onde nas minhas costas havia uma imensa floresta escura.

Começamos a andar e as tábuas rangiam. Me concentrei em não olhar para baixo. Parecia que quanto mais a gente andava mais nos afas-távamos. Na metade do caminho olhei para a garota ao meu lado e pedi que voltássemos. Nós até tentamos, mas não conseguimos avançar nem pra frente nem pra trás. Foi aí que as loucuras começaram.

De uma em uma as tábuas foram caindo, começando das extre-midades e vindo até nós. Chegou um certo ponto em que estávamos flutuando em um pequeno espaço de madeira. Só conseguia pensar em como sair dali. Olhei parar Misa e ela parecia tão assustada quanto eu. Virei para ver os garotos e eles haviam sumido.

Tão estranhamente quanto a ponte apareceu, uma escadaria bro-tou sob nossos pés. A morena foi na frente. Não sei o porquê de eu me agarrar na blusa dela, mas eu o fiz. Ao chegarmos lá em baixo, nos deparamos com criaturas extremamente grandes e bizarras. Eram mis-turas de animais com plantas ou entre eles, sei que não gostaram muito da gente. Tivemos que correr e a primeira coisa que vimos como uma ‘salvação’ foi uma porta.

Pensei que não poderia ficar mais maluco, mas errei. Caímos dentro de uma piscina em uma casa qualquer. Saímos do mesmo jeito, ou seja, secas. Adentramos por um caminho que mais parecia um labi-rinto. Eu e Misa acabamos nos separando e eu quase surtei ali sozinha.

Já estava quase sentando e desistindo da vida quando ouvi al-guém se aproximando. Olhei devagar para trás e vi Yoshi montado numa espécie de cavalo alado. Me senti muito feliz em vê-lo ali e pulei nele para um abraço. Ele disse que tínhamos que ir e eu fiquei preocupa-da com minha amiga, ela poderia estar sozinha em um canto procuran-do uma saída. O garoto ao meu lado me tranquilizou dizendo que Yuuta fora busca-la. Me acalmei com o fato.

Assim que nós voltamos para cima, onde estava a ilha, pude ver o outro casal já a nossa espera. Sorri ao vê-los. E então, ficamos ali contando histórias como se nada tivesse acontecido — flashback off.

Quando eu acordei minha cabeça doía um pouco, mas logo senti uma facada entre o ombro e o cotovelo que foi muito pior. Percebi meu braço imobilizado e Yoshi ali do lado. Ele falou algo que eu não prestei muita atenção devido ao meu cérebro recém despertado. Encarei aque-les buracos negros e resmunguei algo como uma saudação. Ter ele ali ao lado fez—me sentir um pouco melhor.

Fui surpreendida por Ash e Sugata que também estavam ali conosco. Depois que os dois se retiraram eu e Yoshi ficamos conversando por um tempo até que eu adormecesse.

P.O.V. Yoshi

Um pouco depois de observá-la dormir ela abriu os olhos devagar. Sussurrei um ‘boa noite’, mas ela não respondeu. Seu cérebro estava adormecido ainda. Depois de um tempo em silêncio foi recuperando seu estado normal.

— Yoshi. Oi — disse ela ainda com a voz falhando, tentando se levantar na cama. Eu a ajudei a sentar.

— Que bom que acordou, encontrei alguém especial, uma visita.

— Ash! — disse ela olhando para trás de mim.

— Oi Kotori! — o garoto se aproximou de nós.

— Como você soube que eu estava aqui?

— É que eu já estava aqui quando encontrei com Yoshi, então soube de você e o que aconteceu.

— E o que te levou a estar aqui? — falou num tom de curiosidade.

— É que tive uma crise de alergia e como já tínhamos pegado estrada paramos neste hospital.

— Foi muito bom te ver!

— Mas enfim só vim pra te dar um oi e ver se estava bem. Eu tenho que ir minha mãe está me esperando.

— Por que tão cedo? Não pode ficar mais um pouquinho? — perguntei, mesmo sabendo que a mãe dele realmente estava a sua espera.

— Não posso, adoraria ficar, mas tenho que seguir viagem.

— Tudo bem — me levantei e o cumprimentei.

— Tchau pessoal, nos vemos na escola, se cuidem! — disse ele já se dirigindo a porta.

— Tchau! Até lá. Se cuide também.

Kotori apenas acenou, parecia fraca. E provavelmente estava, tendo em vista todo o sangue que perdeu.

— E aí menina, como tá? — Sugata surgiu de algum lugar.

— Mas olha só quem decidiu vir junto! — ela sorriu — Estou de boa. Pronta para mais uma aventura em cima das árvores — sua voz mostrava sarcasmo.

— Eu sou seu responsável agora — ele mostrou a língua pra ela. Sugata sempre fora muito bobo e divertido.

— Estou perdida — ela riu, colocando as costas da mão na testa dramatizando.

— Bom eu vou lá pegar algo pra comer. Até mais — ele acenou.

Nós acenamos de volta. Voltei meu olhar para Kotori e me escorei aos pés da cama.

— Você está melhor? — olhei em seus olhos.

— Acho que sim, tirando a dor insuportável que estou sentindo, sim estou melhor — ela levou a mão até o ombro ferido — Eu devo ter quebrado sua coluna né?! — falou sorrindo com os olhos pequenos.

— O quê? Não! Você nem é tão pesada assim — Eu ri tentando me lembrar do seu peso. Mas ela realmente não era pesada.

— O que aconteceu depois que eu desmaiei? — suas safiras verdes mostravam curiosidade.

— Eu carreguei você até um quarto e o Shouta não deixou que o pessoal ficasse em cima. Limpei um pouco do excesso do sangue e esperamos a ambulância que foi bem rápida a meu ver.

— Você foi o mais prejudicado né?!

— Por quê? — eu franzi o cenho. Na verdade eu gostei de ter cuidado dela e do seu corpo bem junto ao meu.

— Teve que me segurar o tempo todo. E sua camisa ficou toda manchada de sangue.

— Ah não esquenta! — fiz um gesto com a mão — Olhe pelo lado bom, terei uma lembrança de você pra sempre — brinquei com um sorriso.

— Ata. Então você vai voltar para casa com uma camisa cheia de sangue e vai dizer o quê para sua família? — disse ela com as bochechas um pouco vermelhas.

— Que eu não tive outra escolha se não optar pelo canibalismo na hora do desespero — falei tentando manter uma expressão séria.

— Crusis! — ela riu abertamente — Mas sério o que vai fazer?

— Não esquento, eu trouxe outra roupa dentro da mochila. Amanhã é só eu trocar.

— Você não a trouxe? — ela perguntou olhando ao redor.

— Não. É que quando disseram que podia vir mais alguém junto com você nem me preocupei em pegá-la — sorri sincero. Ela fez o mesmo com as bochechas rosadas.

— Eu vou ter que ficar em repouso por umas três semanas, se eu ficar correndo ou caminhado muito os pontos vão abrir — disse ela puxando um novo assunto.

— Aí eu vou ter que te trazer para o hospital de novo! — nós rimos — Quando quiser dormir me fala que aí eu apago essa luz forte — mostrei—me prestativo.

— Não precisa, eu tenho meus truques — ela sorriu sem mostrar os dentes. Fiquei curioso.

— Como assim?

— Deixa eu te mostrar. Bata palmas duas vezes — pensei que ela estivesse tirando com a minha cara, mas depois de alguns segundos em silêncio percebi que era verdade.

— Sério? — arqueei as sobrancelhas.

— Sim — ela já estava com um mega sorriso no rosto.

Vi que ela manuseava algo em baixo das cobertas e acabei fazendo o que havia pedido. E sim, a luz apagou. Nós começamos a rir alto.

— Bata de novo — disse em meio as gargalhadas.

— Não, você é muito boba! — não conseguia segurar o riso.

Quando a luz acendeu Kotori segurava uma espécie de interruptor com um longo fio ligado na tomada. A gente se olhou e começamos a nos acalmar.

— Bom pelo menos pode apagar as luzes sem ter que levantar — eu disse já recuperado.

— Claro! — ela colocou o interruptor sobre a mesinha ao lado da cama.

Puxei ainda mais a poltrona e sentei. Houve uma troca de olhares e eu comecei a falar novamente.

— Mas me fale você gosta do seu irmãozinho? Se não quiser

falar sobre isso eu te entendo — lembrei que ela não gostava muito do assunto “família”.

Sua mãe havia morrido quando ela tinha sete anos, o carro dela colidiu com uma carreta enorme depois do trabalho em uma cidade vizinha. Lembro-me de consola-la no enterro dela. Então seu pai resolveu se casar logo para poder ter alguém que a cuidasse enquanto ele trabalhava, na maioria das vezes ela ficava lá em casa. Foi aí que depois de um tempo mais ou menos uns três anos ele conheceu Amy e a pediu em namoro, não sei bem como aconteceu a história, mas sei que Kotori não a via muito porque ela ainda não estava vivendo com eles.

Passou-se mais uns anos, eles se casaram e logo tiveram um bebê. Logo após o nascimento o pai dela foi pra uma viagem a trabalho e nunca mais voltou. De repente Kotori começou a viver com Amy e não havia criado aquela corrente de mãe e filha ainda. Sei que foi bem difícil assimilar a morte da mãe e o desaparecimento do pai num período de tempo não muito longo.

— Tudo bem, eu já me acostumei com isso. Eu gosto sim do meu irmãozinho, às vezes quando não tem ninguém que o cuide eu tomo conta dele.

— Eu sou filho único. Gostaria de ter um irmão mais novo, mas minha mãe não quer mais ter filhos.

— Mas olhe pelo lado bom. Você tem toda a atenção do mundo. Seus pais são só pra você.

— É isso é bom na hora em que eu vou pedir dinheiro ou alguma coisa do tipo, se eu tivesse um irmão teria que ser só metade — sorri.

— É por aí mesmo — disse ela retribuindo.

Nós conversamos por mais alguns minutos até que Kotori adormecer. Eu a ajeitei melhor nas cobertas. Lá fora o calor prevalecia, mas ali dentro estava gelado por causa do ar condicionado. Eu me acomodei melhor na poltrona e apoiei a cabeça nas mãos.

Fui acordado pelo meu celular que estava recebendo uma ligação. Notei o número conhecido e resolvi atender. Saí do quarto para isso.

— Oi Yoshi aqui é o Yuuta, está todo mundo reunido aqui fora ouvindo a conversa porque eu coloquei no viva-voz. Ninguém conseguiu dormir de preocupação. Conta aí como é que está a Kotori? — ouvi ele falar do outro lado da linha.

— Boa madrugada né pessoal já são três horas — olhei na tela do celular o horário — Tá tudo bem com a Kotori, não aconteceu nada de grave. Eu estou com ela no quarto, mas o Sugata não pôde ficar porque é só um acompanhante por paciente — revelei a eles, tentando falar o mais baixo possível.

— Ah que pena.

— Amanhã de manhã ela da alta, o motorista da ambulância vai nos levar — continuei.

— Ok, esperamos vocês para o almoço. Ah e mais uma coisa, avisamos a Amy, mas sabe como ela é né?! Mandou ela voltar com o transporte nem se importou.

— Nossa! Sério? — fiquei boquiaberto. Pensei que pelo menos iam ligar aqui para o hospital para saber.

— É, ligaram pros meus pais sobre o incidente que aconteceu e eles queriam vir me buscar, aí tive que implorar para ficar.

— Ah tocando no assunto, seu tornozelo melhorou?

— Sim, mas ainda tá um pouco inchado e dolorido. Eu estou aqui sentado com o gelo em cima, mas isso não quer dizer. Shouta falou que se eu não cuidasse teria que amputar! — disse, arrancando uma risada minha.

— Tome cuidado! — eu aconselhei ouvindo o guia reclamar ao fundo.

— Ok! — ele ainda estava rindo, ouvi um bip e olhei para meu celular.

— Vou desligar, minha bateria está acabando. Sem falar que estou no meio do corredor.

— Tudo bem. Tchau até amanhã.

— Tchau, até — desliguei o celular, voltando para dentro do quarto.

Da poltrona fiquei observando a luz da lua entrando pela janela e batendo no rosto de Kotori. Seus cílios longos e espessos projetavam uma pequena sombra abaixo dos olhos. Eu passava os dedos pelo seu cabelo longo e outrora acariciava sua bochecha com o polegar. Assim, passei o resto da noite ao seu lado, adormecendo quase ao amanhecer.

CAPÍTULO 5

Problemas à vista

P.O.V. Yoshi

Acordei-me com uma fraca batida na porta. Esfreguei os olhos e vi uma enfermeira entrando. Ela trocou o soro de Kotori e injetou algum tipo de remédio no caninho. Sorriu pra mim e se retirou. Olhei o relógio na parede, eram quase dez da manhã. Levantei um pouco tonto e fui até o banheiro. Lavei meu rosto e voltei a sentar na poltrona enquanto puxava meu telefone do bolso. Estava morto, sem carga alguma.

— Bom dia — eu desviei minha atenção para a porta que se abria. Era Sugata trazendo algo em mãos.

— E aí — resmunguei meio sonolento. Observei o algo que ele segurava e logo reconheci — O que está fazendo com minha mochila?

— Keiko e Shouta estão lá em baixo. Disseram que iam esperar até o meio dia, caso Kotori seja liberada antes — ele a entregou pra mim. Fiquei surpreso com o fato.

— Nossa! Que legal da parte deles — larguei meu celular no bolso menor — Acho que ela dá alta hoje sim, mas não sei que horas.

— Bom, vamos esperar então — ele sorriu se apoiando aos pés da cama.

— Pode sentar aqui — eu cedi a poltrona pra ele que recusou — Tudo bem eu vou me trocar — insisti e ele aceitou. Sorri entrando no banheiro novamente com a mochila em mãos.

Não tinha muitas mudas de roupa. Decidi escolher apenas outra blusa, a mesma que eu usei para viajar. Aproveitei para escovar os dentes e dar uma arrumada no cabelo. Tinha um chuveiro ali, mas eu não quis arriscar pegar algum tipo de doença ou sei lá. Voltei para perto da garota ainda adormecida e larguei minhas coisas no chão. Eu e o professor ficamos conversando por um tempo até que Kotori acordou.

P.O.V. Kotori

Eu não sei o porquê dos sonhos idiotas invadirem minha mente, só sei que tive outro e prefiro não comentar. Olhei para o lado e vi dois pares de olhos me observando. Eram Yoshi e Sugata, desejei um bom dia e fui respondida no mesmo instante. Estava me sentindo um pouco melhor e mais disposta, não via a hora de sair daquele lugar. Vi que Yoshi vestia uma camisa diferente e logo lembrei que ele não havia trazido nada.

— Como conseguiu a sua mochila? — notei-a atirada ao lado da cama.

— Shouta e Keiko vieram nos buscar, mas só vão ficar aqui até o meio dia. Se não, voltamos com um transporte que o hospital mesmo providencia.

Sorri e resmunguei um ‘ah bom’. Nós jogamos conversa fora por uma meia hora até o Dr. Jim entrar no quarto.

— Bom dia — ele falou sorrindo com uma prancheta na mão. Nós o cumprimentamos também — Eu passei pra dar uma olhada na Kotori, mas creio que ela está bem melhor não? — seu olhar caiu em mim.

— Sim. Só não posso dizer cem por cento porque sinto um desconforto ainda — fui sincera.

— Verifiquei seus exames e está tudo em ordem, acredito que possa ir embora agora de manhã — pronunciei um ‘amém’ mentalmente.

— Que bom — Yoshi sorriu pra ele e virou-se para mim novamente. Suas olheiras estavam bem aparentes e imaginei que haviam sido causadas pela má noite de sono.

— Eu preparei alguns comprimidos caso você sinta muita dor — ele tirou uma cartela do bolso do jaleco que continha 12 pequenas bolinhas amarelas — E esses aqui — ele puxou duas outras cartelas com 4 comprimidos brancos em cada — É preciso tomar uma vez por dia por oito dias a partir de hoje. Acho que a melhor hora é antes de dormir — ele entregou os medicamentos para o professor que guardou na minha mochila.

— Então podemos nos organizar para ir? — Yoshi parecia tão ansioso a sair dali quanto eu.

— Sim vou chamar uma enfermeira para ajudar Kotori — ele estava de bom humor a meu ver — Sugata queira me acompanhar? — continuou fazendo um sinal para a saída — Temos que resolver algumas coisas ainda.

— Claro — disse enquanto se dirigia até lá com o Dr. Jim — Já volto — sorriu pra nós antes de fechar a porta.

E ficamos eu e Yoshi no quarto sozinhos. Eu ainda vestia aquele traje de paciente e queria arranca-lo, assim como a tipoia em meu braço. Ele deu umaajeitada no lugar colocando a poltrona de volta no seu lugar de origem e deixando as mochilas em cima dela. Depois me olhou e sorriu.

— Consegue se levantar? — ele se aproximou da cama olhando para mim.

— Acho que sim — eu realmente não sabia, porque fazia umas 15 horas que eu não colocava os pés no chão, talvez eles ficassem meio descoordenados. Sem falar que estava super apertada para ir ao banheiro.

Tirei as cobertas de cima de mim tomando cuidado com o soro e coloquei as pernas pra fora. A cama era meio alta e considerando minha altura não alcancei o chão. Arrisquei um pequeno pulo e tropecei. Yoshi me segurou pela cintura.

— Tudo bem? — perguntou franzindo o cenho.

— Sim só estou um pouco tonta — disse com a voz um pouco trêmula. Nossos olhos se encontraram.

Ele estava perto de mais, podia sentir seu hálito quente. Eu desviei minha atenção para os seus lábios e ele pareceu fazer o mesmo. A gente teria se beijado se a bendita enfermeira não tivesse entrado no quarto naquele segundo. Quer dizer, eu acho que sim. Eu tomei o susto quando a porta se abriu. Yoshi se afastou um pouco ainda me segurando pela cintura. Ela pareceu desconfortável com a situação, pediu desculpas e se dirigiu a mim.

Nós expulsamos o garoto do quarto para eu poder me vestir. Posso dizer que não ia ser legal passar duas ou três semanas dependendo de alguém para me ajudar. Eu até tentei vestir a blusa e fechar o zíper da calça sozinha, mas a dor me impediu. Não me sentia confortável em ficar seminua na frente de desconhecidos só que não tive outra escolha. Depois de vestida aproveitei para ir ao banheiro, peguei minha mochila e fiquei uns 15 minutos lá dentro.

Yoshi já estava sentado na beira da cama quando saí. Sorri e logo sentei ao seu lado. Comecei a balançar meus pés enquanto conversávamos coisas aleatórias. Não demorou muito para que Sugata voltasse ao quarto com alguns papéis em mãos juntamente com Dr. Jim que oficializou a minha saída do hospital. Eu o agradei por tudo e seguimos para o estacionamento.

— Quer que eu leve? — o garoto ao meu lado apontou para a mochila que eu carregava.

— Não, pode deixar eu ainda tenho um braço disponível — eu disse, mesmo odiando o fato de ter que usar apenas uma das alças.

Yoshi insistiu e a pegou das minhas costas. Sorri realmente agradecida. Estranhei quando me senti cansada na primeira leva de escadas, meu corpo precisava de comida. Acho que perceberam que eu estava ofegante, pois eles diminuíram o passo. Ao chegarmos lá enxerguei o ônibus e duas pessoas encostadas na porta que, logo ao reconhecer a gente, acenaram e vieram rápido até nós.

— Mas olha só que surpresa agradável — eu comecei assim que já estávamos próximos o bastante.

— E aí guria, deu um susto na gente — disse Keiko. Sorri abertamente dando um abraço desajeitado nela. Ouvi meu estômago roncar e torci para que eles não ficassem fazendo muitas perguntas. Estava faminta, sem falar na minha indisposição de ficar conversando no meio do estacionamento.

— Como é que tu tá? — perguntou o guia.

— Tô bem, eu acho. Bem melhor que ontem garanto.

— É, ela ganhou um atestado de um mês. Acho que não vamos vê-la muito cedo na escola — não sabia disso. Me preocupei, não podia faltar tanta aula assim, ia perder a metade dos conteúdos. Sugata percebeu a minha expressão e logo me tranquilizou — Ei, vai ficar tudo bem. Tenho certeza que seu amigo aí vai te ajudar a estudar — ele jogou o olhar para Yoshi. Eu o olhei e sorri corando.

— Pode ir se preparando para receber as melhores aulas do melhor professor particular de toda a cidade — ironizou sorrindo bobo e nós rimos da cara dele.

— Então vamos lá? O pessoal deve estar nos esperando para o almoço — Shouta convocou.

— Com certeza — falei antes de todos.

Entramos no ônibus e seguimos caminho de volta para o sítio. Eu e Yoshi sentamos bem na frente, com vista para a estrada. Era estranho aquele veículo de dois andares sem ninguém quase. Keiko e Sugata estavam um pouco atrás, enquanto o guia dirigia. Comecei ficar com sono e tentei não dormir, mas com o passar dos minutos acabei cedendo.

P.O.V. Yoshi

Até que enfim estávamos indo embora. Comer. Ainda estava pensando no nosso quase beijo dentro do leito e imaginando se tivesse acontecido. Não sei se teria coragem de mencionar isso com ela ou se iria ocorrer outra situação dessas. Nós estávamos observando a paisagem, bom, pelo menos eu estava. Vi a cabeça de Kotori pousar no meu ombro pouco depois de iniciarmos nossa pequena viagem. A olhei, e ela parecia desconfortável. Com cuidado afastei-a um pouco e ergui o encosto que separava os bancos. Devagar passei meu braço por trás dela e a trouxe para mais perto.

Seu suspiro foi alto e pensei tê-la acordado. Verifiquei e ela continuava com os olhos fechados. Deixei que a garota ocupasse metade do meu peito, fitei sua mão livre e comecei a brincar com seus dedos. Apesar de ter dormido poucas horas não me sentia cansado ou com sono. Passado algum tempo Keiko me tirou do meu devaneio quando veio avisar que chegaríamos dentro de cinco minutos. Sorri assentindo.

Decidi acordar Kotori. Cutuquei a bochecha dela delicadamente, como aquelas crianças que foram feitas para incomodar fazem, e continuei até ela abrir os olhos um pouco confusa.

— Caros passageiros, estamos a cinco minutos do nosso destino. Por favor, permaneçam sentados até que o veículo pare totalmente. Obrigado — eu brinquei imitando um sotaque de piloto e arqueando uma das sobrancelhas.

A garota riu e sussurrou um ‘idiota’. Fiquei feliz por ela não sair daquela posição, dessa vez foi ela quem pegou minha mão e iniciamos uma guerra de dedos, claro que a deixei ganhar. Quando chegamos, eu levantei espreguiçando—me e apanhei as duas mochilas. Nossa saída pareceu aquelas de gente famosa cercada por fãs, pois todos queriam saber os mínimos detalhes.

Depois da crise das perguntas nos dirigimos até as mesas, onde o alimento já estava servido. Dava pra ver a fumaça saindo da yakisoba, fato que me levava a crer que a massa ainda estava quente. Nem nos preocupamos em levar as mochilas aos dormitórios, sentamos junto com o pessoal e aproveitamos a comida.

— Tudo bem aí? — perguntei ao ver Kotori sofrendo para manusear o hashi.

— Ah sim, eu nem estava tentando comer — ela o largou no prato fazendo birra — Nem estou com fome mesmo — conhecia aquele beijo, era o de “quero uma coisa, mas não consigo”.

— Espera aí — levantei e catei um garfo com a tia da cozinha. Já ao seu lado novamente a ofereci o objeto — Problema resolvido.

Ela o apanhou de minha mão e abocanhou um punhado, considere aquilo como um obrigado. Sem sucesso tentou sorrir com a boca cheia e eu ri da cena enquanto voltava a atenção para minha porção.

Comemos tranquilos, iríamos partir lá pelas três e pouco, mas a julgar pela determinação do pessoal em continuar ali, creio que seriam só duas horas depois. O guia considerou as petições e deixou a tarde livre. Quando acabei, entreguei a mochila de Kotori para Misa e combinei de encontra-las mais tarde. Segui para a cabana, arrumei minhas coisas e resolvi tomar um banho. Encontrei Yuuta lá e ele começou a me atazanar, perguntando como tinha sido nossa noite juntos. Claro que tinha sido maravilhosa, trocamos cartões, jantamos à luz de velas e no final estouramos um champanhe na janela do hospital. Pensei que não seria sensato responder então fingi que não ouvi.

Fiquei quase meia hora em baixo do chuveiro esfregando todo sangue seco da minha calça. A blusa rasgada foi pro lixo, nem tinha porque guardar, sorte a minha que não era um dos uniformes. Pendurei na janela da cabana a peça molhada enquanto ouvia Yuuta reclamar sozinho, o convidei para procurar pelas meninas e ele prontamente aceitou.

P.O.V. Kotori

Depois do almoço eu e Misa seguimos para cabana e pedi que ela me ajudasse com o banho, não aguentava mais aquele cheiro de hospital e o suor atrás do pescoço. Eu não tinha tanta vergonha dela porque já tínhamos um vínculo de amizade mais íntimo. Nunca demorei tanto

para lavar os cabelos como hoje e para secar foi outro sacrifício, claro que não teve como então sobrou pra Misa.

Eu queria sair, dar uma última caminhada pelo parque, mas estava tão indisposta e cansada, mesmo depois de relaxar os músculos em baixo da água quente. Deitei por um minuto e percebi que não ia mais levantar. Acho que minha companheira notou minha situação, pois trouxe os garotos para nossa cabana. Yoshi sentou e levantou minha cabeça, apoiando ela em suas coxas. Misa e Yuuta ocuparam o chão.

Não faço a mínima ideia de onde a morena tirou um violão, sei que passamos o resto da tarde ali, cantando ou pelo menos tentando fazer isso. Era umas quatro horas quando Akihiko nos chamou para o galpão, pediu também que deixássemos nossas coisas prontas. Os garotos foram se organizar e eu tive que levantar para arrumarmos nossa cabana junto com Erio e Kira, que chegaram alguns instantes depois.

Já no galpão, o pessoal ocupava umas cadeiras de frente para o guia e os professores. Estavam todos muito agitados, conversando entre si. Shouta pediu atenção e começou uma breve fala.

— Bom pessoal, sei que tivemos alguns acidentes, mas creio que nossos dias juntos foram bons. Espero que vocês venham mais vezes nos visitar. Eu agradeço a colaboração e a presença de vocês.

Depois de mais alguns pronunciamentos dos professores nós fomos pegar nossos pertences. Devolvemos a chave para Sugata que as entregou para o proprietário. Esperamos todos chegarem em frente ao ônibus e entramos um de cada vez. Eu e Yoshi pegamos o lugar bem da frente e Yuuta e Misa não nos acompanharam. Tinha uns dois pares de assentos vagos atrás de nós. Acho que deveria ter algum tipo de sonífero no ar porque quando percebi não estava mais ligada a realidade.

P.O.V. Yoshi

Dito e feito, saímos de lá era umas cinco horas, sendo que o combinado era sair um pouco antes das quatro. Mas enfim, estava observando Kotori dormir e me permiti fazer o mesmo também. Minha noite de sono não tinha sido muito boa e senti minhas pálpebras pesadas. Quando acordei vi o ônibus vazio, estava começando a anoitecer. Pensei que tínhamos chegado, mas percebi a estrada atrás, devíamos ter parado para abastecer, tinha um posto ali.

Joguei os olhos para a garota em meu lado e ela foi acordando lentamente. Sorri e ela perguntou onde estava o pessoal, eu também queria saber. Decidimos descer para comprar alguma coisa. Estranhei não ver ninguém por ali, mas se o ônibus estava lá parado eles deveriam estar em algum lugar. Pegamos umas bobagens no centro de conveniência e eu aproveitei para ir ao banheiro. A garota fez o mesmo.

Não consegui acreditar no que vi ao voltar para o lado de fora. Meu coração acelerou e fiquei um pouco ansioso ao procurar pelo veículo e ele não estar mais lá. Olhei para os lados meio atordoado e avistei Kotori sentada no meio fio, corri o mais rápido que pude. Nem cheguei lá e ela já levantou num pulo encurtando a distancia entre nós e me dando um abraço forte. Percebi que já tinha se dado conta da situação também, pois seus olhos estavam marejados.

Senti seu choro aumentar, passei a mão pelos seus cabelos tentando acalmá-la, fiquei com medo que os pontos em seu braço abrissem. Foi aí que enxerguei uma casa de lanches do outro lado do posto, logo pensei que o pessoal deveria ter ido lá e eu burro nem fiz questão de procurar por eles antes. A culpa começou a crescer dentro da minha mente, mas agora já havia acontecido, não sabia o que fazer.

Já havia passado alguns minutos e ainda estávamos abraçados na frente da loja de conveniência, meu queixo encostado de leve no topo da cabeça de Kotori. Levantei seu rosto e passei meu dedo em sua bochecha para limpar uma lágrima solitária.

— Vai ficar tudo bem, vamos achar um jeito de voltar — tentei acreditar em minhas palavras também.

Ela assentiu e nós caminhamos até sua mochila atirada no meio fio. Apanhei-a do chão e joguei sobre as costas junto com a minha. O céu aparentava uma mistura de rosa com amarelo que anunciava o fim do dia. Lembrei do meu celular que estava totalmente descarregado e para minha sorte não tinha carregador, cujo qual havia estragado uma semana antes. Não consegui convencer minha mãe de deixar o dela comigo. Perguntei se o de Kotori estava disponível.

— Não. Era pra eu ter carregado na cabana, mas esqueci completamente depois que aconteceu um pequeno imprevisto — imaginei que ela falava do acidente causado pelo bendito anel. E sim, eu iria implicar com aquela pequena circunferência por um bom tempo. Corri os olhos por seus dedos e o encontrei no indicador.

Mencionei um ‘tudo bem’ e nós acabamos sentando no meio fio. Apoiei a cabeça nas mãos e tentei pensar em alguma coisa útil.

P.O.V. Kotori

Depois de passar uma água no rosto, peguei uma escova na mochila e, com muito esforço, desembaracei um nó que estava me dando nos nervos. Quando saí do banheiro, não vi o ônibus no lugar de origem, aquilo fez meu estômago embrulhar. Rondei a região e não encontrei nada, nem Yoshi. Aí sim que minha cabeça começou a rodar, perguntas surgiram e me vi sozinha, esquecida na beira da estrada.

Coloquei a cabeça entre as pernas, pouco me importando com as pessoas que passavam ali na frente, e senti uma vontade tremenda de chorar. Contive-me e olhei para cima esperando uma solução cair do céu. Foi aí que percebi um garoto correndo em minha direção, reconheci os cabelos rebeldes e me levantei quase não acreditando.

Só depois de ter o corpo dele junto ao meu, pude acalmar meus pensamentos. Senti as lágrimas quentes rolando pelo meu rosto e desejei ficar pra sempre naquele abraço. Dali uns instantes Yoshi pensou em ligar pra alguém, mas não tínhamos bateria. Fiquei com raiva de mim mesma por ter esquecido o carregador em casa.

Sentamos na frente da loja de conveniência, esperando algo acontecer. Aquilo não parecia real, ser esquecidos na estrada por uma instituição particular, ia dar no que falar. Não tinha certeza do que iríamos fazer a seguir, mas uma sugestão surgiu.

— E se nós pedirmos ajuda pras pessoas? — comecei olhando para o garoto em meu lado — Falamos a verdade e vemos no que dá — não tinha muita gente por ali, no máximo umas cinco.

Até tentamos dialogar com algumas, mas elas nos ignoraram. As que colaboraram, ou não tinham sinal no celular ou mentiam que não tinham o aparelho. Ficamos sem saída. Compramos algumas porcarias e duas garrafas d’água cada um, para o caso de ficarmos sem. Por sorte ainda tinha bastante dinheiro, não iríamos morrer de fome por pelo menos umas três semanas. Nossa única opção era encontrar um abrigo, a noite estava quase chegando.

CAPITULO 6

A caverna

P.O.V. Yoshi

Nosso espírito de explorador nos levou a uma caverna. Ela não parecia ser o pior lugar possível para passarmos uma noite, então decidimos ficar por ali mesmo. Como sempre eu carregava uma lanterna dentro da mochila, puxei-a e vasculhei o lugar atrás de algo que nos colocasse em risco, mas a estrutura mostrava rochas grandes e firmes.

Larguei as mochilas e sentei ali mesmo, Kotori me acompanhou. Torci para que meu relógio de pulso estivesse em um dos bolsos e agradei mentalmente quando o encontrei. Já era passada das sete, não tinha o que fazer ali então nós decidimos dormir.

— Ah Kotori — eu lembrei do remédio que o Dr. Jim havia recomendado para ela e procurei pela cartela — Você precisa tomar isso — alcancei-a um comprimido branco e uma garrafa d'água.

— Ah sim, tinha me esquecido desse pequeno detalhe — ela falou, parecendo lembrar daquilo agora.

Depois disso, desliguei a lanterna e nós deitamos. Kotori pediu que eu pegasse seu suéter, fazendo isso coloquei sobre ela e a aninhei em meus braços. Demorei um bom tempo para conseguir pegar no sono, fiquei pensando o que fariam quando descobrissem o nosso sumiço.

Na manhã seguinte, acordei com o sol batendo em meu rosto. Olhei para a garota junto a mim, ela ainda estava mergulhada no mundo dos sonhos. Ajeitei uma mecha do seu cabelo que ocupava a região dos olhos e fiquei observando sua respiração calma. Não demorou muito para que ela acordasse e me mostrasse um lindo sorriso.

— Bom dia! Ei da próxima vez não quero tomar banho de baba okay? — eu brinquei e ela levantou rápido, um tanto desnorreada devo

dizer, levando a mão à boca — Estou brincando boba — eu ri e ela me acompanhou dando um tapa no meu ombro.

Levantamos e lavamos os dentes com a água das garrafinhas. Decidimos sair ver se encontrávamos um lugar melhor ou alguém que nos ajudasse com a nossa situação.

P.O.V. Narrador

Enquanto isso, na cidade de Fukoshima o professor Akihiko-Sama e os colegas de classe de Yoshi e Kotori estavam se perguntando por que os dois não haviam ido. Todos estavam em dúvida do que tinha acontecido. Ao terminar a chamada o professor perguntou à classe se sabiam de alguma notícia sobre eles.

— Eu não os vejo desde que a gente entrou no ônibus. Antes de nós descermos naquele posto eu fui chama-los, mas os dois estavam dormindo e eu não quis atrapalhar — disse Yuuta.

A classe concordou agora se perguntando onde eles poderiam estar. O professor pediu licença e se retirou da sala tomando rumo à sala dos professores. Ele deu a notícia aos outros e foi ligar para os pais de Yoshi e Kotori. Ele pegou as fichas deles e achou o número da casa de Yoshi. Pegou o telefone rapidamente e discou, começou a chamar.

— Alô? — uma voz masculina atendeu do outro lado.

— Por gentileza gostaria de falar com Hiroshi, pai de Yamaguchi Yoshihiro.

— É ele mesmo, como posso ajuda-lo?

— Seu filho não compareceu à escola hoje, tem notícias dele?

— Não! Eu pensei que ele havia passado a noite na casa de algum colega porque ontem ele não voltou para casa e quando eu tentei ligar caiu na caixa de mensagens! — disse ele alterando a voz para preocupação.

— É eu perguntei a classe se sabiam de alguma notícia dele, Yuuta falou que não os via desde a volta de um posto.

— Tem mais alguém com ele? — o pai percebeu o uso do plural.

— Sim é que a Ritsuko Kotori também não veio à aula.

— Eu vou agora dar queixa na polícia, obrigado pela informação.

— Eu que agradeço pela compreensão. Espero que nada tenha acontecido com eles. Tchau — disse o professor desligando o telefone.

Ele pegou a ficha da menina e discou o número da casa.

— Alô? — parecia ser a mãe dela.

— Quem fala? É a mãe de Ritsuko Kotori?

— Sim. Ah eu gostaria de saber minha filha não voltou para casa ontem, você sabe de alguma coisa?

— Mas era exatamente o que eu ia perguntar.

— Ai meu deus! — disse ela num tom de desespero — Eu verei o que vou fazer e entro em contato depois. Obrigada, tchau.

Antes que o professor pudesse falar algo começou a dar aqueles bipes de quando o telefone é desligado. Ele sem palavras voltou para sala com a cabeça baixa.

— Bom pessoal tenho uma notícia, mas ela não é boa — ele deu uma pausa e continuou — Os pais de Kotori e Yoshi disseram que eles não voltaram para casa ontem, por enquanto ninguém tem notícias deles.

Um tumulto foi criado depois disso. Akihiko-Sama começou a pedir silêncio.

— Pessoal! Calma! Mais tarde ligarei para saber o que aconteceu — disse ele acalmando a turma.

O resto da aula aconteceu em absoluto silêncio, a cada professor que trocava a história se repetia, mas era contada de outras formas. Estava todo mundo preocupado e torcendo para que Yoshi e Kotori voltassem logo.

P.O.V. Kotori

Chegamos à caverna, desanimados, não conseguimos ajuda de ninguém e nem outro lugar melhor que esse. Conseguimos apenas encontrar uma torneira para encher as garrafinhas. Sentamos em uma pedra enorme um pouco mais para dentro do buraco na parede.

— Isso é tudo culpa minha — Yoshi diz franzindo o cenho, atirando pequenas pedras contra a parede — Se eu tivesse ido em busca do pessoal nada disso estaria acontecendo.

— Não é culpa sua. Eu também não me preocupei em encontrá-los, não deveríamos nem ter saído do ônibus — eu repousei a mão em suas costas e ele me olhou, percebi um pequeno sorriso brotando no canto da sua boca.

O garoto continuou jogando as pedrinhas, até que jogou uma muito forte e fez com que derrubasse uma maior. Pude sentir o chão tremendo sob meus pés. Logo o teto e a parede começaram a desabar fechando a entrada. Yoshi me abraçou protegendo minha cabeça. Não conseguimos correr tinha pedras rolando por tudo, era perigoso um de nós cair.

Quando o barulho cessou a escuridão se instalou ali dentro. Podia sentir as mãos do garoto em minhas costas, e eu provavelmente estava agarrada na sua camisa. Não gostava do escuro, não por medo, mas porque eu imaginava um mundo vazio. Sentia-me na pele de um cego e desejava de todo meu ser, nunca ter que passar por isso.

— Você está bem? — escutei sua voz enquanto ele procurava minha mão.

— Acho que sim — gaguejei — Precisamos encontrar as mochilas — torci para que elas não tivessem sido soterradas pelas rochas.

Com nossas mãos dadas, nos movemos com passos calculados. Ouvei Yoshi mexer nos destroços onde achávamos que era a enorme pedra de uns instantes atrás. Não pude ajudar, pois só tinha uma mão disponível e ele não a soltou.

— Encontrei algo — ele teve que me largar para puxar a tal coisa — Tenho quase certeza que achei, só não sei de quem é.

— Me deixa ver — fui guiada até o objeto, era pano com certeza. Fui apalpando até encontrar algo gelado. Eram os metais dos meus chaveiros — É a minha, consegue abrir e pegar a lanterna? — sim eu também tinha uma.

— Consigo — fiquei atenta aos ruídos e de repente uma luz invadiu aquela imensidão negra — Isso! Agora fica mais fácil encontrar a minha — ele apontou na direção que tinha achado a outra e vasculhou até puxar uma alça — Achei! — ele sorriu, dando a lanterna para mim e buscando a sua dentro da mochila.

Agora nós dois tínhamos uma fonte de claridade em mãos. Nós sentamos no chão depois de tirar o excesso de pedaços pontiagudos dali.

— Mas eu sou muito burro — percebi o garoto colocando as mãos pra trás da cabeça e chacoalhando os cabelos — Vou dar um jeito de liberar a saída — disse levantando-se.

— Elas são muitas — aponteí o feixe de luz para o lugar onde alguns instantes antes era uma abertura — Não vai conseguir tirar todas, tanto é que algumas pesam mais que você — eu disse analisando.

— Eu sei, mas eu tenho que tentar — encontrei seus olhos escuros e os encarei, assenti depois de alguns segundos — Toma — ele me ofereceu a sua lanterna — A minha é mais potente, mira as rochas para eu poder ver melhor.

Fiz o que ele pediu, largando a minha dentro da mochila. Amarrei uma na outra para o caso de as perdemos de novo e as deixei nos meus pés. Queria poder ajudar, mas a dor em meu ombro estava se pronunciando novamente. Tentei me concentrar no que o garoto fazia. Realmente algumas pedras eram o dobro de seu tamanho, essas ele deixava de lado, mas eram as que mais bloqueavam a entrada.

Yoshi ia tirando as pedras e eu me deixei observar sua silhueta, dava para ver os músculos dos seus braços quando as levantava. Não pude deixar de notar as panturrilhas que aparentavam ser fortes também. Acho que ele não conseguia me ver por causa do brilho voltado em sua direção. Passou alguns minutos e ele se juntou a mim.

— Você tem certeza que vai conseguir tirar todas as pedras daí? — percebi seu suor escorrendo pela testa.

— Não tenho certeza, mas vou tentar — disse um pouco ofegante.

— Nós podemos achar outra saída se quiser — tentei convencê-lo a não voltar para a parede rochosa. Não queria que ele acabasse se machucando.

— Se eu não conseguir abrir um buraco no meio dessas pedras eu prometo que vamos achar uma saída, tá legal? — disse ele mexendo no meu cabelo, a lanterna estava entre nós.

Desviei o olhar resmungando um ‘tá legal’. Yoshi voltou ao que estava fazendo e eu continuei a observa-lo. Dali uns minutos ele puxou uma pedra com muita força e essa deu continuidade ao desabamento. Automaticamente passei o braço pelas alças das mochilas antes dele me pegar no colo, aponteí a lanterna para frente e ele começou a correr. Pedi para voltar ao chão e corri com ele até as pedras pararem de cair.

Paramos em um corredor não muito estreito e eu dei o que estava segurando para ele. Estávamos ofegantes, meu coração acelerado.

— Tudo bem? — ele iluminou meu rosto.

— Creio que sim — eu menti, a dor no ombro tinha aumentado. Agradei pela luminosidade não ser boa, assim ele não via minhas expressões.

— Que droga! Eu estava conseguindo. Agora estamos presos aqui — ele parecia nervoso.

— Ei, fique calmo — fui até ele e entrelacei nossos dedos — Olha, temos água e não fomos esmagados por nenhuma cratera de rocha ainda — ele riu.

Senti uma agulha de ponta grossa perfurar meu braço milhões de vezes, a dor foi tanta que me abaixei com a mão sobre a ferida, não me contive e xinguei baixo.

— Ei o que houve? — perguntou Yoshi num tom preocupado enquanto se agachava ao meu lado.

— Não sei direito, mas acho que os pontos abriram! — meus olhos com certeza já estavam marejados. Ele mirou onde eu estava pressionando.

— Nossa, eu tenho certeza que eles abriram! — não conseguia ver sua expressão, mas consegui notar pelo tom de voz que o negócio era sério.

Olhei para minha mão e ela estava suja de sangue. Xinguei mais uma vez. Escondi minhas lágrimas atrás dos cabelos e Yoshi me puxou para si, me ajeitando no seu colo. Eu só queria que aquilo fosse um sonho, mas não tinha como ser devido à dor que estava sentindo.

— Ah Kotori, nós temos alguns comprimidos pra dor você quer tentar tomar um? — lembrei-me dos remédios que o Dr. Jim havia me dado mais cedo. Eu apenas assenti.

Yoshi se esticou para pegar a minha mochila. Eu limpei o sangue na jeans mesmo e apanhei a lanterna do chão, dando luminosidade para ele. Com a pílula em mãos ele ofereceu para mim. Quando viu que eu estava segurando o objeto levou o medicamento até minha boca e eu aceitei corando. Nós trocamos um breve sorriso e ele pegou a lanterna da minha mão colocando uma garrafa d'água no lugar.

Depois que eu fiz um drama para engolir este, tive que tomar o outro, o dos 8 dias consecutivos. Tendo feito isso, acabamos com a clareza e deitamos. Yoshi me ajeitou confortavelmente em seus braços, lugar que eu me sentia segura e depositou um beijo de leve em minha testa. Sorri em meio a escuridão e me deixei imaginar uma história feliz, enquanto meus pensamentos iam se desligando.

P.O.V. Yoshi

No dia seguinte quando acordei, me deparei com duas safras verdes me cuidando. Kotori tinha profundas olheiras abaixo dos olhos, sorri para ela lhe desejando um bom dia. A clareza do dia estava entrando por alguma fresta no teto e eu não consegui distinguir da onde vinha. Fiquei imerso em uns pensamentos aleatórios até meu cérebro acordar por completo.

— Você está melhor? — disse levantando com ela. Minhas costas doíam e minha barriga roncava.

— Acho que sim, só sinto um pouco meu ombro latejar — ela levou a mão até o braço machucado.

— Acha que está em condições para procurar uma saída? — tentei parecer preocupado com ela e realmente estava. Não sabia se iríamos encontrar outro jeito de sair dali, mas não ia adiantar nada nós ficarmos parados ali esperando uma solução surgir.

— Creio que sim — disse me encarando.

— Ok então vamos — apanhei as mochilas e dei início à nossa busca.

Enquanto caminhávamos por um corredor escuro, senti um cheiro forte, não era bem um cheiro ruim, mas ardia as narinas. Procurei pela lanterna em minha mochila e apontei para frente. Era um tipo de substância estranha que estava espalhada por todo chão.

— O que é isso? — indaguei mais para mim do que para a garota em meu lado. Ela também deve ter percebido o odor, pois sua mão estava cobrindo a região do nariz.

— Não tenho certeza, mas acho que são fezes de morcego, pelo cheiro incrivelmente forte.

Mirei a luz para cima e olhamos em sua direção, realmente havia um grande grupo dos animais pendurados no teto. Eram totalmente pre-

tos e formavam uma espécie de casulo com suas asas enormes. Voltei a atenção para o chão inteiramente coberto pela sujeira deles, não iria por os pés naquela coisa, poderíamos contrair uma doença ou sei lá.

— Olha, acho que dá para passarmos por ali — ela aponta para um pequeno espaço de rochas, meio irregular para uma caminhada, mas pelo menos estava limpo.

Dirigi—me até lá e tomei a frente. Era realmente difícil andar por cima daquelas pedras soltas, me desequilibrei umas quatro vezes até que na metade do caminho tropecei e não consegui evitar a queda. A lanterna voou e algumas pedras rolaram, acordando os morcegos.

— Kotori, cuidado! Se abaixe! — gritei me jogando por cima dela.

Como o teto não era muito alto, multidões de morcegos grandes, pequenos e até filhotes passavam raspando por nossas cabeças. Senti os arranhões nos braços e rosto. Tentei proteger a garota o máximo que pude. Ficamos naquela posição por uns 3 minutos.

Logo depois do grupo se deslocar para algum outro local, ajudei Kotori a se levantar. Minhas esperanças aumentaram com relação à busca por outra saída, pois se tinha seres vivos ali, havia um jeito deles irem a procura de alimento. Depois que peguei o objeto caído e nossas mochilas, terminamos de atravessar. Verifiquei meu relógio de pulso e ele marcava um pouco mais das três. Os feixes de luz voltaram a aparecer e eu pude guardar a lanterna. Continuamos caminhando.

Fiquei boquiaberto com o que aconteceu quando entramos em um corredor estreito. Uma flecha passou raspando pela minha cabeça. Sim, uma flecha, como se fosse algum tipo de armadilha das antigas. Desejei saber o motivo e quem instalou aqueles negócios ali. Perguntei—me também como aquilo ainda funcionava, seria impossível a menos que alguém estivesse a armando frequentemente.

— Olha isso — Kotori chamou. Agachei—me junto com ela ao lado da flecha caída. A sua ponta estava banhada com uma espécie de líquido verde. Tinha quase certeza que não era boa coisa.

— Deve ser perigoso, acho melhor não tocarmos, nem sermos atingidos — voltei meu olhar para o corredor.

Nos entreolhamos. Pensei em um meio de passar, sem levar uma flecha de presente presa em alguma parte do corpo.

— Acho que tem um jeito — a garota parecia pensativa — Está vendo os intervalos entre os lançadores? — ela apontou enquanto eu ana-

lisava. Percebi o que estava dizendo e concordei com a cabeça — Talvez a gente caiba no espaço entre eles e vamos parando a cada disparo.

— Você é um gênio — sorri imaginando o plano em minha cabeça.

Kotori devolveu o sorriso e tomou a frente. Tentei convence-la a me deixar ir primeiro, mas ela insistiu em testar a sua própria ideia. Conseguimos atravessar sem sofrer nenhum arranhão, agradei realmente aliviado depois que chegamos ao outro lado.

Ficamos mais um tempo procurando por fendas na parede ou buracos no teto, mas não tivemos muito sucesso. Deitamos um pouco depois das nove, e posso dizer que essa era a parte que eu mais gostava, quando meus sonhos eram melhores do que a realidade que estava vivendo.

P.O.V. Kotori

Não sei quanto tempo mais aguentaríamos dentro daquela caverna. Já fazia cinco dias que estávamos presos e a água havia acabado no dia anterior. Meu cabelo estava num estado deplorável, e nem queria comentar sobre meu físico. Yoshi também não parecia nada bem, tinha olheiras profundas em baixo dos olhos e parecia ter perdido um pouco de gordura corporal. Estávamos nos alimentando com um estoque de barrinhas de cereal que compramos na loja de conveniência alguns dias antes.

Acho que eram mais ou menos duas da tarde quando procurávamos por uma fonte. Por incrível que pareça no final da tarde, encontramos uma salvação. De uma pedra gotas de água escorriam para as outras e caíam no chão. Claro que não era lá uma nascente, com uma água incrivelmente limpa, mas não iríamos deixar passar essa oportunidade.

Pegamos as quatro garrafas e deixamos no chão, em baixo de cada gota que caía. Demorou em torno de meia hora para enchê-las e nós bebemos todo o líquido de duas. Tivemos que esperar mais um tanto para que essas duas fossem enchidas novamente.

Tentei lembrar do lugar para o caso de ficarmos sem água de novo, mas seria um pouco difícil. Eram muitos corredores, muito parecidos. Às vezes achava que nós só estávamos andando em círculos, como se fosse um labirinto. Eu já estava cansada daquilo e admito que tinha um pouco de medo de ficar ali pra sempre. Claro que talvez algum dia, alguém iria nos encontrar, mas quem sabe quando. Torci para que esse dia fosse antes de morrermos de fome ou de desidratação.

CAPITULO 7

Um dia perfeito

P.O.V. Yoshi

Estava contando os dias da nossa prisão e este era o sexto. Ainda procurávamos algum tipo de saída e eu estava morrendo de fome. Não sabia mais para onde ir, pois ali dentro existiam inúmeros lugares parecidos que confundiam minha mente, até que nos deparamos com algo novo. Era um precipício com uma ponte de madeira antiga que levava ao outro lado. Também questionei o fato dela parecer obra do ser humano. Olhei para Kotori e ela estava com os olhos arregalados. Eu conhecia o seu medo de altura e tentei acalmá-la com um ‘vai ficar tudo bem’.

Fui na frente com as mochilas para testar e chamei a garota, pedi para que ela não olhasse para baixo, era realmente muito alto. Foi aí que começou a pior agonia da minha vida. Ouvi seu grito aflito enquanto via a corda arrebentar. Por um momento fiquei sem reação, atirei as mochilas no chão e me abaixei ali mesmo na beirada. Kotori estava sofrendo para segurar o que havia sobrado da ponte com apenas uma mão, o outro braço na tipoia não servia para nada. Ela estava a poucos centímetros da superfície e eu me inclinei para alcançá-la.

— Você vai ter que soltar a corda e segurar a minha mão — eu gritei um pouco desesperado de mais.

— Não! Você não vai me aguentar! — disse ela assustada.

— É claro que eu vou — me concentrei em suas safiras verdes brilhando através dos olhos molhados. Meu coração nunca tinha batido tão forte.

— Como posso ter certeza? Não quero que você morra junto! — queria agarrá-la e puxá-la para mim, mas tinha medo que a corda cedesse.

— Você tá doida! Se você morrer e não me levar junto eu morro igual! Escuta, eu não posso te perder, não consigo viver num mundo sem seu sorriso. Sei que não é a melhor hora para te dizer, mas eu estou apaixonado por você e tudo que eu quero nesse momento é sentir seu corpo junto ao meu. Então solta essa corda e vem pra mim, por favor — a adrenalina correndo pelo meu sangue me fez revelar sem muita enrolação.

Por um momento pensei que meu coração ia explodir, Kotori sorriu me encarando e fechou os olhos. Quando ela se soltou eu a peguei em uma fração de milésimos de segundos. Puxei-a tão rápido quanto o passo anterior e a abracei forte, soltando o ar aliviado. Percebi seu rosto corado e deixei que ela o enterrasse em meu peito, chorando copiosamente pelo susto e provavelmente pelo que acabara de acontecer. E então, em meio aos soluços veio uma surpresa para mim, sua voz abafada pronunciou um “amo você”. Aquilo bastou para que meu sorriso fosse de orelha a orelha. Acariciei sua nuca, dando um beijo no alto de sua cabeça. Correspondi dizendo as mesmas palavras.

Suas pernas estavam emaranhadas na minha cintura enquanto eu estava de joelhos. Uma de minhas mãos segurava seu corpo e a outra estava prestes a levantar seu rosto. Quando fiz isso encarei suas safiras verdes molhadas e tentei limpar seu rosto com o polegar. Ela estava perto de mais e dessa vez não tinha ninguém para nos atrapalhar.

— Yoshi...

Não me contive e a interrompi selando nossos lábios, sentindo o gosto salgado de suas lágrimas. Não pensei que seria tão bom quanto eu imaginava. Meu Deus olha a que ponto tivemos que chegar para eu tomar coragem de beijá-la, eu era um trouxa mesmo. Senti-a sorrir e expulsei uma mecha de seu cabelo que resolveu participar. Suspirei alto, queria poder nunca mais largá-la.

P.O.V. Kotori

Não acreditei no que estava acontecendo. O garoto das minhas fantasias estava se declarando pra mim, meu coraçãozinho não iria aguentar. Queria dizer coisas para ele também, sobre como seus buracos negros me tiravam da realidade, como eu amava seus fios revoltados, como eu me sentia segura nos seus braços, mas fui surpreendida

por uma boca junto a minha. Meus pensamentos pararam de imediato e eu me concentrei no garoto que me segurava. Quando nos separamos notei seu rosto vermelho e fiquei feliz por isso, provavelmente o meu também estaria.

Ele levantou apanhando nossas mochilas e me puxou pela mão, não a soltando em momento algum. Nenhum de nós disse nada, só trocávamos sorrisos bobos. Passamos o resto do dia andando pelos corredores da caverna e paramos para dormir quando já passava das dez.

No dia seguinte acordei com o ruído de um roedor. Levantei meio tonta e segui o pequeno camundongo por uma fresta na parede. Não acreditei no que meus olhos viram. Era meio impossível ter vida dentro daquele lugar, esfreguei as vistas e eu realmente não estava maluca. O espaço era amplo, com um lago ao centro e algumas árvores de Sakura e Umê. Tinha um pouco de areia ao redor também. Voltei rápido para chamar Yoshi. Quando cheguei ele estava sentado como índio com a cabeça apoiada nas mãos.

— Oi, você sumiu do nada fiquei preocupado — disse assim que me viu, levantando rápido.

— Vem cá — eu o chamei com um gesto apressado. Levei-o pela mão até a fresta e ele teve a mesma reação.

— Nossa! Que incrível isso. Vou buscar nossas mochilas — ele saiu correndo enquanto ainda olhava ao redor.

Quando voltou nós descemos com cuidado até lá e sentamos na frente do lago. Enquanto observávamos, um peixe saltou para fora d'água. Olhei para meu parceiro com uma cara de tipo “como assim?”, fiquei me perguntando o que eles comiam para se manterem vivos. Logo Yoshi tirou um canivete da mochila e olhou para mim.

— Eu poderia fazer uma lança e pescar que nem nos tempos antigos o que você acha? — disse dando um sorriso e arqueando uma sobrancelha.

— Por mim tudo bem. Vai ficar anos tentando pegar alguma coisa — duvidei de que ele conseguisse fazer isso.

Yoshi sussurrou algo para si, com uma expressão debochada. Foi até um galho caído que estava em baixo das árvores, o pegou e começou a afiar a ponta, de vez em quando me olhava para fazer uma careta. Passado alguns minutos a lança estava pronta para ser testada.

Não achei que ele iria fazer isso, mas levantou, foi até a beira do lago e a jogou contra a água.

— Na mosca! — comemorou ele enquanto eu ficava de boca aberta. Eu sabia que ele jogava basquete e era o capitão do time da escola, mas não pensei que tivesse uma mira tão incrível assim — Impressionada? — me olhou se achando.

— Sim, eu realmente estou — disse sincera, juntando o queixo do chão.

O garoto mudou sua expressão me dando um sorriso envergonhado. Agora ele juntava pequenos galhos para poder formar uma fogueira. Quando terminou, levou um tempo para conseguir fazer o fogo. Na mesma lança que pescou o peixe, ia assá-lo, ele fez um pequeno poleiro sob a fogueira e o colocou.

Antes, peguei seu canivete e limpei o animal. Era grande, não conseguia segurar com apenas uma mão. Yoshi o segurou para que eu pudesse tirar as escamas e as coisas de dentro.

— Eu queria saber pra onde vai essa fumaça — olhei ao redor e não encontrei nenhum tipo de fenda nem por onde ela pudesse sair. A nuvem negra se espalhava pelo lugar.

— Eu também — ele sorriu — Mas prefiro isso do que os roncoss da minha barriga.

— Só quero ver esse seu assado aí — ergui meus olhos para o animal sobre o fogo. A carne estava começando a dourar.

— Teremos uma comida especial de almoço. A porção é um pouco cara devido ao bom cozinheiro, acho que a Senhora não vai ter condições para pagar — ele fez uma cara de nojento. Dei um soco no seu ombro — Ai! Mas já que parece ser boa de briga, faço uma exceção para você.

Nós rimos enquanto ele remexia o pedaço de madeira. Quando parecia pronto, esperamos esfriar e comemos. Por incrível que pareça não tinha tantos espinhos quanto eu achei que teria.

— Não lembro quanto tempo faz desde a última vez que comi algo saudável — fiz uma cara pensativa.

— Creio que seja um pouco mais de uma semana — o garoto contou os dias nos dedos, eu já nem estava mais dando tanta bola para os números. Fingia que era apenas uma das nossas aventuras.

— Eu queria estar em casa, tomando um banho quente e fazendo os trabalhos chatos da escola — disse com uma expressão triste.

— Ei, nós vamos conseguir sair daqui — ele me abraçou de lado me puxando para si — Eu admito pra você que estou um pouco nervoso para encontrar uma saída, mas tenho certeza que mais cedo ou mais tarde vamos descobrir. Ah, e eu que deveria estar te passando o conteúdo não é mesmo?

— Nem tinha me lembrado disso — eu ri — Agora nós dois vamos precisar de alguém que nos ajude. Só não quero pegar exame.

— Você não vai, nós vamos voltar antes dos testes finais. Confia em mim? — encarei seus olhos escuros, nossas mãos já estavam juntas.

— Confio — respondi desviando o olhar meio corada.

Ficamos assim por alguns minutos, podia ouvir seu coração palpitando rapidamente. Ele passava os dedos ao longo dos fios do meu cabelo que pelo menos não estava tão embaçado, agradei mentalmente por ter trazido minha escova estilo raquete. Eu estava notoriamente num estado horrível. Não via a hora de passar meus cremes cheirosos e deitar na minha cama macia. A única parte boa era estar nos braços do garoto que eu amava.

P.O.V. Yoshi

Eu não sei como eu consegui pegar aquele peixe na primeira tacada. Até eu me surpreendi quando o sangue se espalhou pela água clara. Depois que o experimentei senti vontade de mais, só que, provavelmente não ia ter tanta sorte como antes. Kotori estava com a cabeça no meu peito e eu podia ver um pequeno sorriso brotando no canto de sua boca. Desviei a atenção para o lago e me perguntei se nadar seria uma má ideia.

— O que você acha de nos refrescarmos um pouco? — perguntei jogando o olhar para a atração à nossa frente.

— Estou de jeans — olhei para a calça que usava, tinha alguns rasgos entre a coxa e o joelho.

— É só você trocar — eu insisti a vendo corar.

— Se você ousar olhar eu vou te matar! — ela levantou apanhando a mochila e indo para trás de uma árvore.

Eu aproveitei e fiz o mesmo. Ela voltou usando o short da educação física. Logo depois de deixar meu relógio de pulso no chão, entramos e eu senti a temperatura perfeita. Me permiti afundar por alguns minutos, a garota continuava no mesmo lugar quando emergi, com a água batendo na cintura. Kotori pediu ajuda para tirar a tipóia e se aventurou comigo mais pro fundo, mergulhando para limpar os cabelos. A escuridão começou tomar conta da caverna e decidimos sair antes que não desse para enxergar nada.

Sentamos para nos secar, apanhei nossas toalhas de dentro das mochilas. Minha roupa estava encharcada, supus que ela não iria secar. Decidi me trocar, fui para um corredor estreito e fiz isso. Ao voltar Kotori também já estava de jeans novamente e com seus tênis brancos, só a blusa permanecia a mesma. Vi sua expressão tristonha e me apressei em saber o que havia acontecido.

— Não consigo trocar a parte de cima — ela falou um tanto envergonhada — Você vai ter que me ajudar — não, ela não estava pedindo pra mim fazer isso, meu coração disparou.

— Tudo bem — me abaixei de joelhos na sua frente.

Quando peguei a barra de sua blusa ela colocou a mão por cima das minhas.

— Por favor não fala nada, quer dizer, quando você vir meu... — ela parecia muito desconfortável e nervosa.

— Ei eu fecho os olhos se isso deixar você mais tranquila — encarei suas safiras verdes.

— Mesmo?

— Claro que sim! — sorri vendo suas feições aliviarem.

Coloquei a camisa seca em meu colo e fechei os olhos. Puxei devagar a bainha pra cima tirando seu braço esquerdo primeiro, depois sua cabeça e por último o braço machucado. Ergui a que estava seca e perguntei se estava do lado certo, ouvi sua voz resmungar um sim. Dessa vez fiz a ordem inversa deixando o ombro bom pro final.

— Pronto! — ela soltou animada e eu pude vê-la outra vez.

Sorrimos um para o outro e Kotori me agradeceu com um abraço. Ajudei—a com a tipóia e a pentear seus fios molhados. Verifiquei a hora, era passada das oito.

Não tinha como pescar agora, a luz tinha ido embora. Estávamos torcendo para que as pilhas das lanternas não acabassem. Secamos uma das garrafas, deixando apenas duas para sabe se lá quanto tempo mais ficaríamos ali dentro.

A imagem dos meus pais passou pela minha cabeça e senti a saudade se instalando no meu corpo. Assim como ela, veio o sentimento de preocupação, e a dúvida de quando voltaríamos para casa. Ajeitei Kotori nos braços e adormeci com um turbilhão de pensamentos rodando.

Mal acordamos no outro dia e já pegamos caminho em busca da saída. Até porque não acho que oito dias sem luz solar fazia bem. Me sentia cansado, com os músculos doloridos. Eu acho que ficaria louco se tivesse me perdido sozinho.

CAPITULO 8

Achando a estrada

P.O.V. Kotori

Ao sairmos daquele lugar maravilhoso seguimos em frente sem olhar pra trás, se não iríamos voltar pra lá. Já fazia um bom tempo que nós estávamos ali sem pegar sol, provavelmente desnutridos e pálidos. Não sabia qual seria minha reação ao ver a luz do dia novamente, mas estava buscando com todas as minhas forças. Noite passada fora o último dia do meu remédio, consegui tomar ele certinho, coisa meio incrível porque eu sempre esqueço.

Eu sorri sozinha sentindo nossas mãos dadas. Enquanto caminhávamos em silêncio ouvimos algo parecido com miados de um gato. Nós seguimos o som até que demos de cara com um tipo de felino, posso dizer que era grande. Ele estava tentando pegar um rato, mas não estava dando muito certo. Olhamos um para o outro e chegamos à conclusão de que se aquele bicho tinha conseguido entrar, de alguma forma teria que sair.

Então seguimos o animal, escondidos para não chamar muita atenção, estávamos esperando pacientemente para que ele nos levasse a uma saída. Após passarem longas horas, o felino estava satisfeito com uma ratazana na boca. Pensei que agora ele iria dar no pé, indo comer em alguma floresta ou sei lá.

Yoshi mais do que empolgado se distraiu, tropeçou em uma pedra e caiu no chão, jogando as mochilas longe. Isso chamou a atenção do quadrupede e eu senti o coração acelerar. Ele não parecia ser muito dócil e estava vindo na nossa direção, creio eu que por instinto de proteger o alimento. Nós fomos indo para trás a medida que se aproximava, mas logo ele desistiu e deu meia volta. Depois de pegar nossos pertences corremos atrás do nosso alvo e o vimos entrar em um corredor muito estreito.

Por um momento pensei que tinha sido perda de tempo segui-lo, pois acreditei que não iríamos passar pelo vão na parede. Ainda bem que quando chegamos mais perto a fenda não era tão pequena quanto parecia. Só tivemos que entrar e caminhar de lado. Fiquei nervosa com o fato de ter paredes me cercando.

Não sei o que misturou meus sentimentos, se foi finalmente sair daquele buraco ou de ver os raios de sol batendo no meu rosto. Abri a boca impressionada enquanto admirava uma abertura um pouco acima da minha cabeça.

— Você não vai acreditar nisso — disse meio boba para o garoto que ainda estava vindo com as mochilas.

— Não pode ser — semicerrou os olhos quando chegou ao meu lado, sorrindo abertamente para mim.

Ele largou o que estava segurando e escalou até em cima. Eu o alcancei nossas coisas, e uma mão me puxou. A altura era mínima, mas tinha muitas pedras soltas até lá. A brisa suave chegou ao meu rosto e cabelos, um arrepio percorreu pelo meu corpo. Finalmente conseguimos. Rodopiei no lugar de um jeito muito criança e agora na luz reparei nos meus fios sujos de terra, provavelmente de dormir com ele molhado no chão.

Agora tínhamos que achar outra coisa, a estrada. À nossa frente uma floresta se estendia por uns bons longos quilômetros, e eu senti que teríamos que atravessa-la. Dito e feito Yoshi puxou a frente. No mais claro percebi que o garoto tinha emagrecido como também tinha alguns arranhões nos braços e no rosto. Olhei para a minha roupa de cima, estava toda suja.

Avistamos ao longe sinais de fumaça e eu torci para que não fosse um incêndio qualquer. A única coisa que nos separava da possível sinalização era um pequeno rio, sujo, com gramas crescendo pelas bordas.

— Nós vamos ter que chegar do outro lado — Yoshi pensou alto, passando a mão nos cabelos — Espere aqui.

Ele tirou a camisa e o relógio e socou dentro da mochila junto com os calçados. Tentei não olhar para seu abdômen definido. Com cuidado entrou naquela água e continuou, até que imergisse todo seu corpo. Só o pescoço e a cabeça ficaram para fora. Quando chegou na superfície do outro lado voltou à nado.

— Não é tão fundo, acho que se eu te carregar enquanto segura as coisas elas não vão molhar — disse ele escorrendo.

Eu apenas assenti e ergui a barra da calça. Não foi muito fácil segurar as duas mochilas, nem mesmo subir na sua garupa. Sei que quando minhas pernas entraram em contato com a água senti um calafrio, estava muito gelada. Ainda bem que o sol estava queimando, se não teríamos uma hipotermia. Creio eu que era umas duas horas. Ao chegarmos em terra firme novamente continuamos nossa caminhada na direção da fumaça.

Chegamos à uma tribo de índios. Vimos as cabanas simples e as pessoas mais morenas. O líder deles, Cobaldo, nos ofereceu abrigo e comida, como não tínhamos lugar para ficar aceitamos sem problemas. A única dificuldade deles era se comunicar, pois tinham o próprio dialeto. Até que do meio da tribo surgiu um cacique que falava mais ou menos nossa língua.

— Oi, meu nome ser Wilson, qual ser nome de vocês? — o homem moreno tinha apenas um pano cobrindo as suas partes baixas, assim como todos os outros, tinha tiras de tinta nas bochechas, testa e braços. Na cabeça usava uma pequena tiara de penas.

— Mim ser Yoshi, ela ser Kotori — disse o garoto um pouco atrapalhado.

— Criança estar machucada? — ele notou a tipoia e a minha camisa manchada de sangue — Eu poder ver? — continua perguntando.

Eu lhe dou um sorriso amigável aceitando a proposta. O cacique nos leva para uma das cabanas e lá arruma um lugar para nós dormirmos, deixamos nossas coisas em um canto no chão. Wilson pediu para eu sentar na cadeira e logo começou a examinar. Com cuidado tirou os curativos do meu ombro. Dei uma breve olhada, estava horrível, inflamado e os pontos todos abertos, virei a cabeça rapidamente pro outro lado para não ver. Sem falar nada ele foi até a floresta deixando eu e meu parceiro a sós.

— Você está bem? — o garoto perguntou notando minha careta.

— Sim, só não gosto do fato dessa coisa não estar cicatrizando — soltei um suspiro, jogando os olhos para minha ferida.

Yoshi olhou ao redor parecendo procurar por algo e se dirigiu a uma torneira com um pedaço de tecido pendurado. Ele o pegou e molhou de leve a ponta

— Posso? — perguntou ele já ao meu lado novamente, apontando para meu ombro.

Assenti com a cabeça. Devagar passou o pano molhado pelo meu machucado. Nossos olhos se encontraram e eu me perdi na imensidão dos seus buracos negros. Fomos interrompidos por Wilson que agora voltava com uma folha de planta e uma faixa na mão.

— Isso ser remédio para machucado — disse ele entrando na cabana e entregando as coisas para o garoto. Acho que o cacique percebeu que ele já tinha começado o serviço e deixou que ele acabasse.

Wilson sentou em uma das camas feitas de algum tipo de corda macia e ficou nos observando. Yoshi foi enrolando a folha na área inflamada, depois enfaixou para manter ela no lugar. Ele pegou a tipoia e colocou novamente no meu braço.

— Obrigada — disse sorrindo.

O garoto fez o mesmo sem mostrar os dentes, ajeitando uma mecha do meu cabelo para trás. Logo desviou sua atenção para o outro.

— Wilson, você saber onde fica a estrada? — ele estava pegando o jeito de falar como o cacique. Eu iria enrolar a língua se tentasse formular uma frase diferente.

— Sim.

— Você pode nos levar? — os gestos ajudavam, creio eu. Era engraçado de ver as mãos apontando de um lugar para o outro.

— Acho que sim. Amanhã, depois do almoço nós partir.

— Tá legal. Obrigado — ele se curvou com as palmas das mãos juntas.

Nós fomos levados à um lugar coberto, onde nos serviram sushi. Minha barriga agradeceu, comi até não entrar mais. Uma anciã até me ajudou a tomar um banho ao ar livre. Ela queria que eu tirasse toda minha roupa, me garantindo que os homens eram proibidos de entrar ali, mas eu insisti em ficar de short e sutiã. Fiquei muito desconfortável quando outras meninas mais ou menos da minha idade também foram se limpar.

Valeu a pena tirar toda aquela terra dos meus cabelos. Claro que não era lá a melhor limpeza de todas, pois eles não usavam shampoo nem sabonete, mas só de tirar aquelas sujeiras já me sentia melhor. Lá pelas quatro, o cacique nos levou para um grande lago.

— Vocês querer pescar? — perguntou ele.

Nós concordamos. Cada um de nós pegou uma varinha de pesca e seguimos Wilson em direção à horta. Quando chegamos lá ele começou a cavar em busca de minhocas e eu me abaixei para ajudar, não era nojenta com essas coisas. Logo o garoto nos acompanhou. Colocamos elas em um pote com terra. Em poucos minutos estávamos de volta ao lugar de pesca.

Na beirada tinha uma espécie de banco feito de madeira, como nós éramos adolescentes preguiçosos resolvemos sentar enquanto o mais velho ficava de pé. Cada um pegou uma minhoca e se concentrou em botá-la no anzol. Eu olhei para o lado depois de perder duas das minhas iscas e ambos os meninos já tinham colocado a sua.

— Nem queria pescar mesmo — disse fazendo beicão e desviando o olhar para longe.

Ouvi os outros dois rirem.

— Eu não achei graça! — continuei franzindo o cenho e olhando para eles com uma expressão braba. Não consegui ficar muito tempo assim, logo me juntei a eles.

De repente Yoshi se levantou e veio atrás de mim, ele pegou meu braço e encostou a cabeça no meu ombro bom.

— O que você tá fazendo? — perguntei curiosa.

— Vou te ensinar a botar a minhoca no anzol — ele já havia apanhado uma e estava tentando fazer com que eu segurasse. Enquanto segurava o anzol eu empurrava a minhoca através dele, por fim consegui deixar ela inteira sem que a ponta metálica aparecesse.

— Estava mesmo muito difícil? — indagou o garoto.

— Sim, estava. Você queria o que? Eu não posso usar os dois braços e, além disso, eu sou destra — eu realmente era péssima em fazer as coisas com o braço contrário.

— Ok, desta vez você não teve culpa! — disse ele rindo, enfatizando o ‘desta’. Olhei para cima e mostrei a língua.

Voltamos a atenção para a varinha, a jogando pro lago. Em alguns instantes o primeiro peixe foi pescado. Nos olhamos e sorrimos.

— Isso! — levantei comemorando, me virando e dando de cara com Yoshi. Senti minhas bochechas quentes.

— Viu, é fácil — disse ele alcançando o animal para tira-lo do anzol.

— Olha quem fala, aquele que pescou com um pedaço de galho afiado — lembrei da cena na caverna.

— É porque eu sou muito bom — ok, agora ele estava sendo convencido de mais.

Nós sorrimos um pro outro e ele voltou a sentar do meu lado, desistindo da sua varinha para podermos usar a minha juntos. Wilson pescou bem mais que nós, é claro. E não eram peixes pequenos, talvez pudéssemos fritá-los.

Na janta, nós comemos as sobras do almoço, o que não era pouca coisa. Mais tarde, à noite, nós fomos obrigados a participar de uma festa que era cotidiana daquela tribo. Uma grande fogueira se encontrava no meio e todos estavam com a cara pintada, inclusive nós. Alguns tocavam tambores, outros dançavam e poucos estavam sentados ali ao redor. Wilson nos puxou e sem poder recusar, o seguimos numa grande fila que fazia a volta entre as outras pessoas. Eu me diverti à beça, aproveitei pra esquecer um pouco dos problemas. No final, tanto eu como Yoshi estávamos exaustos. O cacique nos levou para nossa cabana e se retirou nos desejando boa noite. Nós deitamos nas camas feitas por eles mesmos e desligamos a lamparina que estava no chão.

— Sabe Yoshi, estou feliz! — eu despejei já na escuridão da cabana. O dia ao ar livre já tinha melhorado o meu humor. Não gostava de ficar dentro de um lugar por muito tempo.

— Que bom ouvir isso! Eu também estou. Sabe que é até legal perder aula — ouvi ele dar uma risada. Pensei por esse lado também. Claro que era o máximo não ter aula em plena metade do ano letivo, mas estava preocupada com minhas notas.

— Pois é. Mas estou com muita saudade de todo mundo — pensei em Misa e no meu pai, que não voltava já fazia mais de um ano.

— Eu também estou. Logo vamos voltar pra casa, não se preocupe — senti ele se mexer e alcançar a minha mão.

— Não vejo a hora — entrelacei nossos dedos.

— Bom, pelo menos estamos juntos — sorri de imediato. Imaginei como seria estar perdida sozinha. Isso com certeza não era pra mim, ainda mais com um braço inoperante.

— Ainda bem. Não sei se ainda estaria viva se não tivesse você.

— Nossa nem tanto né! — ele riu.

O silêncio voltou e eu peguei no sono. No dia seguinte, quando acordei me deparei com um Wilson sentado nos pés da outra cama. Procurei pelo dono e não o encontrei.

— Bom dia — desejei com um sorriso para o mais velho.

— Bom dia — devolveu se levantando — O almoço estar quase pronto. Ir para cabana principal depois — disse e se retirou.

Assim que saiu Yoshi entrou, me lançando um lindo sorriso, quer dizer, um sorriso normal. Eu levantei e fui escovar os dentes. Logo depois nos dirigimos para a área coberta de ontem onde se encontravam três grandes mesas. Assim que sentamos o almoço foi servido.

À tarde batemos um papo com o pessoal que morava ali, do que eles viviam e como era a vida ali. Acabamos descobrindo que as armadilhas na caverna eram feitas por eles, de vez em quando um grupo ia até lá para ver se tinha algum animal preso. Óbvio que a ponte também tinha sido construída pelos mesmos, mas acho que agora ela precisava de uma boa reforma. O líder ouviu nossa história de como tínhamos parado ali e ficou impressionado quando dissemos que o ônibus foi embora sem nós, que bem na verdade fomos nós que descemos sem avisar ninguém.

Lá pelas três horas da tarde Wilson nos chamou para pegarmos nossas coisas, estava na hora de partir. Antes de pegar floresta, o cacique nos levou para um templo. Não era muito grande, mas acho que era lá onde eles faziam algum tipo de culto. O teto tinha telhas típicas de nosso país e sua estrutura também se parecia com as de lá. Lembrei—me das construções de nossa cidade e desejei voltar logo para minha casa. Depois de pedirmos proteção contra os perigos e as emboscadas voltamos à tenda principal.

Cobaldo reuniu a tribo e eles fizeram uma despedida para nós. Acabamos com a cara pintada e ganhamos uma tiara de penas também. Adorei aquele presente, pensei em guardar até chegar em casa para poder tirar foto. Assim nós seguimos Wilson que, creio eu, nos levaria de volta para a civilização.

Nós fomos em absoluto silêncio, dessa vez eu carregava minha mochila, estava bem disposta. O cacique ia na frente e nós mais atrás.

Tinha tanta coisa legal para fotografar e não tínhamos nem máquina, coisa que eu acho desnecessária depois que adquirimos os telefones com milhares de funções. A gente estava contando quantas teias de aranhas já tínhamos passado assim como os vários tipos de cobras.

Comecei a me sentir cansada e um pouco tonta logo na primeira meia hora de caminhada. Eu sempre tinha muita energia para sair explorar e andar por aí. Não sei se era por ter perdido muitos nutrientes durante a última semana ou se eu tinha contraído alguma doença de ter bebido água de pedra, sei que odiava aquela sensação. Olhei para Yoshi e ele entendeu minha situação, pedindo para que o mais velho esperasse um pouco.

Ele tirou uma garrafa com água potável da mochila e me ofereceu. Agradei e sequei o recipiente. O garoto perguntou se eu estava bem e eu revelei o que estava sentindo. Ficamos sentados ali no meio das folhas caídas por um tempo enquanto ele acariciava minha nuca. Comecei a me recuperar depois de alguns minutos. Voltamos para a estrada verde e Wilson nos levou a um estreito corredor de árvores, ao chegarmos no final daquilo pudemos ouvir o barulho de carros passando.

Eu e Yoshi sorrimos um para o outro comemorando, até que enfim estávamos na estrada. Agora o negócio era continuar por ela até encontrar um posto e pedir ajuda para alguém. Queria deixar bem claro que eu já estava me irritando com essa coisa de sempre estar em busca de algo.

— Wilson obrigada, muito obrigada — eu agradei apertando a mão do homem. O garoto ao meu lado fez o mesmo.

— De nada, agora eu ter que voltar para minha tribo, Adeus!

— Adeus! — nós acenamos enquanto ele voltava para dentro da floresta. Eles já estavam acostumados, mas eu acho que não conseguiria viver em um lugar assim.

A estrada era pouco movimentada, bom para a gente caminhar. O ruim era que o sol estava quente e as árvores não chegavam até ali para dar sombra. Pouco tempo depois do começo da caminhada, fomos parados por um carro cinza, onde uma moça de cabelos e olhos castanhos vinha dirigindo.

— Oi! — disse ela entusiasmada. Eu não costumava falar com estranhos na rua, mas já que estávamos numa situação um pouco complicada paramos para ouvir o que ela queria.

— Eu sou Touko-san. O que fazem aqui sozinhos? Esta estrada é perigosa — não gostei do que ela falou por último, até imaginei que talvez ela fosse uma sequestradora de adolescentes e saber que aquele lugar não era seguro não ajudou muito para sua imagem.

— Oi eu sou Yamaguchi Yoshihiro e ela é a Ritsuko Kotori, a história é longa, complicada de mais para ser contada aqui — disse o garoto.

— Entrem — convidou ela abrindo a porta de trás do carro. Olhei para Yoshi e nós meio que tentamos trocar algumas palavras.

Pensei rapidamente nas nossas opções. Ou era caminhar, achar o posto e ninguém nos ajudar ou podíamos entrar naquele carro aparentemente confortável e por um milagre conseguirmos entrar em contato com alguém. Como estávamos ainda meio confusos e aquela tinha sido a primeira pessoa civilizada que nos entendia eu puxei a frente entrando no veículo.

— Mas o que aconteceu com vocês? Estão machucados e pálidos — ela perguntou já dirigindo na estrada novamente.

— Bem, nós tínhamos ido num passeio de escola e na volta o ônibus acabou nos deixando em um posto na beira da estrada. Fomos obrigados a encontrar um abrigo e acabamos presos em uma caverna. Ficamos oito dias presos sem comida saudável ou água potável, sem falar que não pegamos sol nesses dias, Então conseguimos sair e encontramos uma tribo de índios, aí Wilson nos trouxe até a estrada.

— Nossa! E Kotori o que aconteceu com você? — disse a moça surpresa, jogando os olhos para mim pelo espelho do centro do carro.

— Acidente com uma árvore, nada de mais — tentei parecer simpática, apesar de ainda sentir bastante o ombro.

— Eu vou leva-los para um hospital, pode ser?

— Acho que sim — respondi meio confusa. Nunca mais queria voltar para um lugar daqueles, mas eu sabia que precisava de cuidados médicos, tanto eu como Yoshi.

— Mas, quando o médico perguntar o que aconteceu vocês tem que dizer que são irmãos, meus filhos que foram para um acampamento com os amigos e ficaram presos em uma caverna.

— Por quê? — indagou o garoto, também queria saber.

— Mais tarde vocês saberão — aquela história não estava bem contada, deveríamos ficar com um pé atrás. Vai saber se eles não vão nos levar para um laboratório para sermos cobaias para algum tipo de experimento, nunca se sabe.

— O que você acha Kotori? — perguntou ele me acordando da minha imaginação fértil.

— Não sei, acho que está tudo bem se fizermos isso.

— Muito bem — disse Touko-san, ela mantinha um sorriso no rosto, embora fosse um pouco estranho pegar dois adolescentes na rua e leva-los para um hospital, pedindo que eles mentissem para o médico.

Sacudi a cabeça tentando afastar meus pensamentos pessimistas. Estava me sentindo vulnerável, acho que Yoshi percebeu minha ansiedade, pois segurou minha mão e sorriu, aqueles sorrisos que dizem ‘vai ficar tudo bem’. Assim me acalmei um pouco enquanto íamos rumo ao hospital da cidade.

CAPITULO 9

Na casa de Touko-san

P.O.V. Yoshi

Quando chegamos lá, nem parecia um centro de saúde, mas sim um hotel cinco estrelas de tanto luxo que tinha ali. Senti-me envergonhado em entrar naquele estado num lugar tão chique como aquele. Achei até um pouco engraçado, dois adolescentes com a cara pintada e tiaras de penas, pálidos e provavelmente com trapos sujos. Não tinha como evitar o olhar da cabeça aos pés.

Nós seguimos Touko-san pelo corredor imenso. Ela usava uma calça branca e uma camisa azul, o salto combinava com a bolsa e eu supus que ela era bem sucedida no que fazia. Paramos na ala de emergência, onde ela pegou uma ficha e esperamos até o médico nos atender. Não achei que nós estivéssemos em um estado que necessitasse urgência, mas resolvi ficar quieto.

— Boa tarde, podem entrar — o médico abriu a porta e ao nos ver logo se preocupou — O que aconteceu com esses dois jovens?

— É uma longa história — disse a mulher, enquanto nós entrávamos e o mais velho fechava a porta.

— Sentem—se, por favor — ele puxou três cadeiras — Pode contar o que aconteceu.

— Meus filhos, Yoshi e Kotori foram acampar com os amigos, no dia que era para eles voltarem, não apareceram em casa, eu como mãe desesperada, já fiz uma ocorrência na policia, uma semana se passou e ninguém foi encontrado — ela começou a fingir cara de choro — Até que hoje de meio dia, ao completar o oitavo dia de busca eles encontraram meus filhos numa caverna perto do acampamento. Eles ficaram presos lá porque no dia de voltar o ônibus os esqueceu então resolveram procurar abrigo e entraram na caverna que desabou. Logo que os peguei trouxe direto pra cá — inventou, em partes.

— Isso que não é perder a esperança — disse o médico admirado — Ainda bem que achou seus filhos. Bom, agora vou examiná-los um de cada vez — jogou o olhar para nós — Vou começar pela Kotori que aparenta ser o caso mais sério — continuou ele se aproximando dela e sorrindo.

— O que foi que aconteceu com você? — perguntou sentando de frente pra ela.

— Antes de ficarmos presos, eu subi numa árvore para pegar isso — ela mostrou o anel que eu não gostava — E como você pode ver não teve resultados muito bons. Eu fui levada para o hospital onde me trataram e me dispensaram no dia seguinte. Quando a caverna desabou nós começamos a correr e meus pontos abriram — ela não contou nenhuma mentira.

— Posso dar uma olhada no seu braço?

— Pode — sua expressão não me parecia confortável.

Depois de tirar a tipoia e a faixa ele viu a planta que o cacique havia tirado da floresta.

— O que é isso?

— É que quando nós estávamos presos, colocamos um pedaço dessa planta no corte do meu dedo, o que melhorou, como os pontos haviam aberto e não tínhamos nenhuma pomada ou coisa do tipo enrolamos essa planta para diminuir a dor, creio eu que ajudou bastante não é? — inventei por ela.

— Isso mesmo — ela sorriu me encarando.

O médico parecendo acreditar retirou a planta com cuidado. Sua expressão mostrava surpresa e eu me inclinei para ver também. A região que estava inflamada estava bem menos agora e olha que fazia apenas um dia que estava ali.

— Nossa! Seus ferimentos estão cicatrizando com perfeição, mas ainda temos um problema.

— O que foi? — Kotori não pareceu muito feliz.

— É que a linha que fechava os pontos ainda está dentro da sua pele e ela vai ter que sair daí.

A garota abaixou a cabeça e xingou baixo. Senti compaixão e me coloquei em seu lugar. Já não bastava toda dor que ela havia sentido, tinha que ter uma coisa a mais.

— Kotori olhe pra mim — disse o medico erguendo seu queixo — Olha vai ser rápido, eu posso te anestésiar se quiser o que você acha?

Ela não disse nada e o silêncio tomou conta da sala. Tentei encoraja-la, de inicio não deu certo, mas depois ela cedeu confirmando com a cabeça.

Nós fomos até uma sala menor. Lá Touko-san sentou em uma cadeira perto da porta e eu sentei ao lado de Kotori, puxando sua mão livre para junto da minha. O médico se preparava para tirar a linha, colocando suas luvas brancas e pegando o que iria precisar.

Ele pegou uma seringa com um líquido transparente e anestésiou a garota apenas na área que iria trabalhar. Com um algodão molhado passou na região da linha que já estava coberta por pele. Feito isso pegou uma pinça e com muito cuidado agarrou a ponta da linha e começou a puxá-la devagar, quando a linha saiu totalmente o sangue começou a escorrer pelo braço dela, rapidamente ele estancou com um pano e ficou segurando por um tempo, logo o sangue parou de sair. Com outro algodão molhado limpou a área e enfaixou novamente.

— Pronto Kotori terminou — anunciou o homem de jaleco branco.

Ela continuou de cabeça baixa, sem dizer uma palavra. Arranquei um sorriso dela quando tropecei no pé da cadeira enquanto voltávamos para a primeira sala. O médico imobilizou seu braço novamente.

— Agora é sua vez Yoshi, sente aqui, por favor — disse ele puxando uma cadeira.

Fiquei de frente pra ele. Depois de me examinar, descobri que tinha emagrecido seis quilos. Eu não me sentia tão mau, apenas estava precisando de um banho quente e de uma televisão.

— Olha, os dois estão muito desnutridos, recomendo comer bastante comida saudável nesses próximos dias e pegar sol, mas não o sol do meio dia, lá pelas três horas da tarde só. Bom pessoal é isso, vocês estão dispensados.

— Obrigada — agradeceu Touko-san.

Nós saímos do hospital e fomos para casa da moça. No caminho observei a cidade que era muito bonita. Reparei numa sorveteria, havia um grupo de adolescentes sentados nas mesas, lembrei dos nossos colegas e da sorveteria da mãe de Misa. Não via a hora de poder fazer isso com meus amigos.

— Nós chegamos — olhei pela a janela, era uma casa muito bonita de dois andares com um chafariz no meio do lindo jardim, uma escada não muito grande levava à porta da casa.

Entramos e eu pude ver o luxo do interior. Com certeza aquela mulher fazia alguma coisa que a pagava bem. Não sei como ela teve coragem de colocar dois adolescentes sujos, magros e que a recém conhe-cera para dentro de casa. Bom eu não ia reclamar, no fundo, eu esperava que ela nos oferecesse comida.

— Olha, se vocês quiserem se trocar ou tomar um banho para se sentirem melhor eu providencio as coisas para vocês. O que me dizem?

Se eu não fosse cabeça no lugar eu iria pular nela e agradece-la por isso, nós sorrimos para ela e assentimos com a cabeça. Seguimos a até o andar de cima, paramos em um quarto onde tinha duas camas de solteiro, achei que pudesse ser de seus filhos. Deixamos nossas coisas ali e eu segui para o banheiro naquele andar, Kotori seguiu com Touko-san.

Levei minha mochila comigo. Aquela ducha quente pareceu levar todas as minhas preocupações pelo ralo. Exagerei no shampoo que eu achava ser caro. Queria não demorar muito, mas perdi a hora ali dentro. Quando acabei voltei para o quarto e sentei na beira da cama, examinando o lugar ao meu redor.

P.O.V. Kotori

Segui a moça até o quarto dela, tinha uma cama de casal ao centro e um banheiro no canto esquerdo. Me impressionei com a banheira redonda e a decoração do cômodo. Claro que não iríamos usa-la, então optamos pelo chuveiro mesmo.

— Querida aqui tem uma toalha, vou deixar a porta destrancada caso você precise de ajuda. Pode ficar a vontade — ela sorriu para mim se retirando.

Agradei mentalmente por ela me dar privacidade, agora queria ver eu me virar com um braço só. Despi—me e senti a água bater em minhas costas. Demorei muito mais do que o normal, mas me senti uma nova pessoa assim que sai enrolada na toalha. Aposto que meu rosto ficou vermelho por inteiro assim que entrei no quarto e Yoshi estava lá, eu meio que fiquei sem reação e ele levantou ligeiro pedindo desculpas.

Assim que fechou a porta larguei minhas coisas em cima da cama e tentei me vestir rápido. Logo depois chamei ele de volta para

dentro e ficamos meio sem palavras, mas logo voltamos a conversar normalmente. Touko-san veio nos chamar para tomar um café. Eu estava doida para que essa hora chegasse. Já na mesa fomos apresentados para Jack o marido e Akane sua irmã.

Depois de conversarmos um pouco eu me entupi de comida. Tinha umas tortas diferentes que eram muito gostosas, e um tipo de suco que eu nunca tinha experimentado. Olhei o relógio na parede, já passava das cinco.

— Então meninos eu vou ter que dar uma saída vocês se importam? — pensei onde ela poderia ir a essa hora.

— Não, tá tudo bem — respondi.

— Bom então eu vou me arrumar — ela levantou cuidando para não arrastar a cadeira no chão.

— Podemos usar o telefone? Para avisarmos a policia que estamos aqui? — eu me lembrei da nossa situação.

— Ah... É que... Eu vou ir até a cidade pagar a conta — sua voz mostrou insegurança. Eu sabia que ela era uma sequestradora e o próximo passo seria nos levar para um armazém abandonado para nos entregar em troca de dinheiro.

— Mas a ligação é gratuita — afirmou o garoto ao meu lado.

— Ah, é verdade, havia me esquecido — seu sorriso falso a condenava — Bom então podem usar.

Vi ela e o marido trocarem um olhar, tentei disfarçar o que estava vendo. Resolvi deixar de lado meus pensamentos malucos e me concentrar nos desenhos dos copos. Touko-san passou por nós e seguiu para a escada.

— Ähn, você pode nos mostrar onde fica o telefone? — pediu Yoshi se dirigindo a Jack depois de alguns minutos.

— Claro, podem me seguir.

Ele nos conduziu até uma pequena portinha de baixo da escada, ao abri-la nos deparamos com uma mesinha com um telefone em cima. O garoto o pegou digitando rapidamente um número. Ele me olhou franzindo o cenho.

— Esse telefone não está funcionando — afirmou jogando os olhos para o homem parado do lado de fora.

— Faz tempo que ele não é usado, deve ter estragado — explicou Jack.

— Você não tem celular? — eu arrisquei.

— Eu tinha, mas fui assaltado semana passada — disse ele olhando pra baixo. Mentira, ele queria que nós não chamássemos a polícia para que não fossem descobertos, imagina só sequestradores internacionais. Tentei expulsar essa ideia da minha mente.

Eu e Yoshi fomos para a sala que era um pouco maior do que o necessário. Começamos assistir a um filme que já estava na metade, então eu não entendi nada da história.

— Fico pensando como devem estar nossas famílias agora — Yoshi soltou, passando o polegar levemente nas costas da minha mão.

— A sua deve estar sentindo sua falta, a minha, no máximo, meu cachorro deve estar sentindo a minha — lembrei da relação que eu tinha com a Amy, tanto é que quando eu fui para o hospital ela pediu para que eu voltasse com a turma.

— Que isso Kotori, não fale assim. Amy deve estar preocupada com você sim! Pense em todas as possibilidades em que uma mãe imagina quando o filho desaparece. Eu tenho certeza de que mesmo não sendo sua mãe biológica ela faz o papel de uma e deve estar fazendo de tudo para encontra-la — refleti um pouco por esse lado e ele estava certo.

— É verdade. Sabe, eu não falo muito com ela porque está sempre envolvida com o bebê — meu irmão tinha quase dois anos, mas tinha sempre que estar em cima dele, cheio de cuidados.

— Então! Deve ser por isso que vocês não se falam muito. Isso pode parecer pra você que ela não se importa, mas aposto que ela deve estar louca pra te ver de novo! — lembrei-me dos momentos legais que nós tivemos, ela sempre tentava dar um jeito de se aproximar de mim.

— Eu acho que você está certo, vou tentar falar mais com ela — decidi.

— Mas posso te dar certeza de uma coisa, eu não iria aguentar não te ver! — ele sorriu se aproximando.

— Eu também não iria — entrelacei nossos dedos.

Como sempre alguém tinha que nos interromper, dessa vez foi Touko-san, ela chegou toda animada com umas sacolas em mãos.

— E aí pessoal, o que vocês acham de sairmos para jantar fora?
— eu gostei da ideia, mas estávamos com roupas de escola.

— Não sei se deveríamos sair nesse estado — o garoto pareceu ler minha mente, não que fosse indecente jantar com aquele traje, mas tanto o meu quanto o dele estavam sujos ou manchados de sangue.

— Eu acho que isto resolve o problema — ela nos entregou as sacolas que segurava.

Dei uma bisbilhotada dentro e encontrei uma caixa de sapatos e algo com um tecido gostoso. Fiquei confusa, não sabia o porquê dela estar nos tratando tão bem, tentei dar uma chance para ela e a agradei com um abraço. Senti-a retribuir forte. Nós ficamos conversando por um tempo até que Touko-san mandou a gente se trocar, nós subimos para o quarto passada das oito.

Yoshi foi para o banheiro e eu puxei o presente para olhá-lo melhor. Era um vestido preto de alcinhas, ficava colado até a cintura e depois abria com umas pregas que terminavam, acho eu, na metade da coxa. Tinha alguns detalhes em renda. Na outra caixa tinha um tênis combinando com a roupa, todo fofo, cheio de brilho na parte do bico. Não sei como ela adivinhou que eu não gostava de sapatilha, mas fiquei aliviada com o fato. Vesti—me e fiquei sem a tipoia, embora o ombro deslocado ainda latejasse um pouco.

Ouvi uma batida na porta e permiti a entrada. Vi um garoto lindo parar na minha frente e reconheci a escuridão de seus olhos. Ele usava um tipo de suspensório com um lacinho no pescoço, os fios revoltos davam um charme para o look. Sorri boba.

— Você está linda! — ele disse estendendo a mão para mim — Estão nos esperando lá em baixo.

— Você também está — entrelacei nossos dedos e descemos até a garagem.

A irmã da moça não iria junto, então eram só os casais. Touko-san e Jack, Yoshi e eu. Sorri com meu devaneio. Depois de pegarmos estrada pela cidade, paramos em um lugar luxuoso, como já era esperado. Vários carros estavam estacionados em fila e um homem de terno parecia estar os cuidando.

Ao entrarmos o lugar estava quase lotado. Uma família fez sinal para a moça e nós fomos até lá, sentando junto com eles. Fomos apresentados como filhos adotivos. Não me lembro de ter concordado

com isso, mas resolvi ficar quieta. Assim que a comida chegou me impressionei, era algo que eu nunca tinha provado antes, tinha uma cara diferente, como eu não era enjoada resolvi comer com vontade.

Limpei o prato e de repente uma sensação ruim se instalou no meu corpo, pensei que talvez tivesse comido rápido de mais, mas depois que comecei a enxergar turvo pedi licença e fui até o banheiro. Apoiada na pia a tosse já havia saído do controle, meu rosto estava vermelho, vi o reflexo da minha boca inchada no espelho. Agradei quando a moça entrou preocupada pela porta.

— Querida você está bem? — ela pousou uma das mãos em minha cintura e com a outra ajeitou meus cabelos para trás.

— Maios ou menos. O que tinha naquela comida? — perguntei imaginando que talvez fosse uma reação alérgica.

— Massa, frango, ovos, cogumelos, amendoim...

— Amendoim! — interrompi. O ar já estava me faltando. Concentrei-me em continuar respirando.

— O que é que tem?

— Sou alérgica a amendoim — continuei me debruçando sobre a pia.

— E o que você toma para passar?

— Eu não sei, faz anos que isso não acontece — da ultima vez que isso aconteceu, eu tinha oito anos e meu pai me levou direto para um pronto socorro, fiquei inchada do mesmo jeito de agora.

— Vem, temos que ir para o hospital — meu recorde em ir para esse lugar, já era a terceira vez em menos de duas semanas.

A moça me conduziu até a saída, colocando uma de suas mãos nas minhas costas. Ela explicou a situação para a família que desejou melhoras pra mim, Yoshi nos acompanhou enquanto Jack pagava a conta. Já dentro do carro, não estava muito consciente, foi só iniciarmos a corrida e eu apaguei.

P.O.V. Yoshi

E de novo eu tinha Kotori em meus braços, desmaiada. Sua respiração estava muito fraca, estávamos indo rápido o bastante, mas eu queria que fosse mais. Quando chegamos lá o mesmo médico de mais

cedo nos atendeu. Ele colocou a garota direto no soro, deitando—a na maca e eu torci para que ela acordasse logo.

Depois de uma meia hora, ela foi abrindo os olhos devagar, perguntando onde estava. Sua expressão não me parecia muito boa. Como não era uma coisa muito grave saímos dali duas horas depois, tempo que esperamos para checar se os exames estavam tudo em ordem.

Na volta Kotori já estava bem melhor, mas ela continuava deitada no meu peito. Assim que chegamos Touko-san nos acompanhou até o quarto e desejou boa noite. Peguei uma blusa e uma bermuda e fui me trocar no banheiro. Bati na porta antes de entrar e me joguei na cama. Como era confortável aquilo e pra ajudar os lençóis estavam cheirosos. Tinha um cobertor para nos proteger do ar condicionado também. Acendi o abajur que tinha no criado mudo e apaguei a luz mais forte. Sorri para a garota que observava.

— Posso desligar aqui? — perguntei verificando se ela estava pronta para dormir.

— Não, tenho medo do escuro — brincou dando uma risada.

— Boba — ri junto com ela — Boa noite — desejei e cliquei no botão, deixando a escuridão nos engolir.

— Boa noite — ouvi—a sussurrar, se ajeitando na cama.

Fechei os olhos e me perdi nos meus pensamentos. Acordei com uns ruídos e liguei o abajur, me deparando com uma Kotori sentada em estilo índio. Olhei o relógio na parede e ele marcava pouco menos das três da madrugada.

— Você está bem? — notei sua expressão, parecia que algo a incomodava.

— Meu ombro está doendo, acho que é por causa do efeito do remédio — ela me olhou enquanto abraçava o lado machucado.

Levantei e apanhei a tipoia de cima da cômoda. Sentei junto dela e pedi permissão para colocar, ela assentiu com a cabeça. Ajeitei-a com cuidado em seu braço.

— Assim não fica melhor?

— Fica — ela tentou esboçar um sorriso, sem sucesso. Voltei para minha cama e a olhei, cuja qual ainda fitava o nada.

— Aconteceu alguma coisa? — queria saber o que estava acontecendo, eu ficava ansioso de vê-la assim.

— Não consigo dormir — ela passou a mão nos cabelos.

— Vem cá — levantei minhas cobertas e ela veio sem que eu insistisse. Desliguei o abajur e ajeitei—a em meus braços.

— Eu só quero ir pra casa — percebi o tom fraco de sua voz, juntamente com algo quente chegando em meu braço. Supus que ela estivesse chorando.

— Eu também quero. Vai ficar tudo bem, fique tranquila — passei o polegar de leve em baixo do seu olho que já estava molhado, depois comecei a deslizar meus dedos pelo cabelo dela.

— Sinto muita saudade dos nossos colgas, da nossa cidade — continuou fungando.

— Tenho certeza que eles também estão de nós, só não posso garantir isso por parte da cidade, às vezes a gente reclama dela, então ela pode ter ficado ofendida — arranquei um riso da garota.

— Nós estamos fritos, é bem época de conteúdo novo e nós não temos nem internet pra pelo menos receber as coisas por lá — ela disse depois de alguns segundos em silêncio.

— Eu acho que como nós somos grandes gênios, a gente consegue recuperar fácil — debochei rindo com ela — Mas claro que você está um degrau abaixo de mim, porque eu sou seu sensei de vez em quando.

— É, tenho que admitir que sim. Não desista de mim, mesmo que eu leve tempo para aprender, certo sensei? — sorri pensando em outro sentido para a frase.

— Certo Kotori, jamais vou desistir — senti-a sorrir.

Beijei o alto de sua cabeça e pude sentir sua respiração calma. Seu coração batia bem pertinho do meu, nunca pensei que ficaríamos tão próximos assim. Achei que talvez aquela viagem tivesse sido planejada para que isso acontecesse. Fiquei feliz ao lembrar do nosso primeiro beijo, e eu esperava que tivesse coragem para fazer isso mais vezes. Minha visão começou a se acostumar na escuridão, com isso comecei a brincar com suas madeixas enquanto observava suas feições antes de adormecer.

CAPITULO 10

Uma nova amizade

P.O.V. Yoshi

Despertei de um sonho doido, aqueles que a gente está caindo e acorda pulando. Olhei para a garota junto à mim e ela continuava num bom sono. Olhei para o teto esperando meus pensamentos fazerem sentido, às vezes eu acordava e esquecia completamente de onde eu estava, sendo que na maioria delas eu estava no meu quarto. Bocejei esfregando o rosto e ouvi uma batida na porta.

Touko-san abriu uma fresta assim que eu respondi um “oi?”. Ela disse que o café estava pronto e eu sorri dizendo que em poucos minutos desceríamos. Depois que ela saiu, chamei Kotori umas quatro vezes até ela me olhar sonolenta. Dei a notícia que tinha comida nos esperando e vi seus olhos se arregalarem. Ajudei ela se levantar e fomos fazer nossas higienes matinais, um por vez.

Quando voltei para o quarto vi a garota com uma escova na mão, tentando desembaraçar os cabelos, sem sucesso. Ela soltou o objeto e este ficou preso em suas madeixas. Deixei um riso escapar, disfarçando rapidamente e ela me olhou revirando os olhos.

— Precisa de ajuda aí? — disse sentando ao seu lado.

— Não — seu beijo denunciou que estava irritada.

Vendo que ela não iria conseguir resultados tirei a escova de sua mão e comecei a passar pelo longo cabelo dela. Depois de ter tirado todos os nós passei meus dedos para ter certeza de que estava totalmente liso, o cheirinho dos fios era muito bom.

— Obrigada — sorriu e eu devolvi.

Olhei para o relógio que marcava 9:17 e decidimos tomar rumo para a cozinha. Deparamo-nos com um tradicional asagohan e eu fiquei

boquiaberto. Tinha arroz cozido no vapor, sopa de missô, legumes e peixe grelhado. Para acompanhar chá inglês já servido em xícaras pretas. Sentamos e agradecemos pela comida.

— Fiquem à vontade! — disse a moça se juntando a nós à mesa.

Depois de me entupir fiquei pensando como era bom o café preparado na hora, normalmente eu só comia algo que eu comprava perto de casa e olhe lá. Fui arrancado dos meus pensamentos por um toque de celular.

— Com licença — disse Touko-san se levantando. Ela murmurou algumas coisas ao telefone e voltou a sentar — Acabei de receber um convite de almoço, vamos ir na casa de uma amiga minha, ela tem um casal de filhos da mesma idade de vocês, quem sabe podem fazer amizade — continuou ela, pensei no fato, talvez fosse legal sim — Bom, vamos sair um pouco antes das onze.

— Tudo bem — eu disse.

Não iria arriscar pedir o telefone dela, estava na cara que ela não queria que avisássemos ninguém. Depois de ajudar a tirar a mesa eu e Kotori voltamos para a televisão. Vimos uma comédia romântica e eu não soltei sua mão em momento algum, de vez em quando trocávamos sorrisos e conversávamos com Jack e Touko-san que estavam sentados no outro sofá.

Recebemos o aviso de que estaríamos saindo dentro de minutos e subimos para o quarto nos ajeitar. Nossas roupas estavam todas limpas e secas, eu optei pela minha jeans e uma blusa cinza. Kotori usava sua saia azul marinho e uma blusa branca.

Na hora de sair, vimos Akane na carona de uma moto, eu achei que fosse seu namorado ou alguma coisa parecida. Pegamos estrada e fui observando a paisagem. Assim que chegamos me deparei com outra casa de rico, cuja qual era um pouco afastada da cidade. Posso dizer que era realmente muito linda e com um tamanho maior do que eu sou acostumado a ver. Ao entrarmos na mansão fomos recebidos por um mordomo que nos levou até a cozinha. Pensei até em me perder mais vezes, olha só as coisas que estávamos vivenciando ali, minhas chances de entrar em um lugar assim eram muito próximas do zero, apertei os olhos com força para ter certeza de que aquilo era real.

— E aí gente! — a mulher mais ou menos da idade de Touko-san surgiu de trás de um balcão e a abraçou com um sorriso imenso depois

se virou para nós — Eu sou a Masako e estes são meus filhos Hikaru e Shizuko — disse ela apontando para dois adolescentes que atravessavam a porta.

— Oi, prazer! Eu sou Yamaguchi Yoshihiro — cumprimentei os três sorrindo.

— E eu sou Ritsuko Kotori — ela fez o mesmo.

— Eu sei, Touko-san falou muito bem de vocês — ela usou um tom que parecia fazer tempo que nos conhecia, fiquei meio apreensivo em saber qual versão da história a moça contou.

Bom, mas voltando aos irmãos, eles tinham as mesmas feições, até pareciam gêmeos, com olhos e cabelos castanhos. Eles nos convidaram para segui-los e nós aceitamos, depois de alguns corredores acabamos em uma sala imensa onde tinha uns sofás muito confortáveis.

— E vocês são irmãos? — perguntou o garoto.

— Não. É uma longa história de como chegamos aqui — olhei para Kotori e para eles logo em seguida.

— Vocês podem nos contar? — a irmã parecia curiosa.

— Sim, mas não pode ser aqui, mais tarde nós contamos — pensei que talvez a moça não quisesse que nós revelássemos nossa situação pra mais ninguém.

— Kotori o que foi isso no seu braço?

— Eu fui dar uma de macaco e descobri que esse papel não serve pra mim — ela contou ironicamente, arrancando risadas de todos nós.

Ficamos conversando coisas aleatórias até que Masako veio nos chamar para o almoço. Seguimos ela até a cozinha e sentamos junto com Jack e Touko-san. Ouvi eles conversarem algo sobre o marido da outra moça estar em uma viagem à negócios. Mais uma vez experimentamos pratos diferentes, mas dessa vez eu me certifiquei de que não teria amendoim na comida.

Logo depois de todos estarem satisfeitos me ofereci para ajudar a lavar a louça. Descobri que eles tinham uma empregada para isso, mas eu insisti e acabei encarregado de secar enquanto Hikaru lavava. Os adultos seguiram para o pátio de fora e as meninas para sala.

— Sem querer parecer chato, mas a Kotori é bem bonitinha — disse Hikaru.

— Não esquento — eu sorri para ele — Eu também acho, embora eu tenha adquirido uns sentimentos a mais um tempo atrás.

— Não é de se admirar. São amigos a quanto tempo?

— Já passou de dez anos — tentei contar silenciosamente.

— Caramba — ele me olhou arregalando os olhos.

— Acho que é uma boa hora para te explicar a nossa situação — disse verificando se não tinha ninguém vindo.

— Concordo, estou curioso.

— Bom tudo começou com um acampamento da nossa turma, nós fomos para o sítio trilha dos macacos passar dois dias. Posso dizer que foi muito legal lá, tirando a parte em que a Kotori se machucou. No dia da saída almoçamos e pegamos estrada. Nós acabamos dormindo e quando percebemos não tinha ninguém no ônibus. Decidimos descer na loja de conveniência de um posto e foi aí que as coisas saíram do controle. Eu não me preocupei em achar o pessoal e fomos esquecidos. Ficamos desesperados, procuramos um lugar para passar a noite e ficamos presos em uma caverna. Nós conseguimos sair e seguimos em busca da estrada, no meio do caminho encontramos uma tribo de índios e um deles nos ajudou. Então conhecemos a Touko-san, ela nos ofereceu carona e nós aceitamos porque não tínhamos para onde ir, passamos a noite na casa dela e hoje estamos aqui.

— Uou! Nossa! — ele largou o prato que estava ensaboando — Então que dizer que vocês devem estar bem longe de casa, não?!

— É. Mas eu não sei por que Touko-san não deixa nós usarmos o telefone, parece que ela está escondendo alguma coisa da gente.

— Que estranho! Minha mãe tirou os nossos antes de vocês chegarem, também fiquei me perguntando o porquê disso.

— Por favor, me diga que sua mãe não é uma sequestradora de jovens que os mima antes de vender os órgãos deles — eu brinquei.

— Claro que não! — ele riu alto e eu o acompanhei.

— Ah que bom, me sinto mais aliviado agora — fingi um suspiro colocando a mão na região do coração.

Quando acabamos o serviço, percebi quase uma piscina no chão. Acho que eu deveria deixar a carga da empregada da próxima vez. Eu não era bom em secar coisas, sempre caminhava com o objeto molhado

e a água escorria para baixo. Em casa minha mãe brigava por causa disso. Sorri ao lembrar dela.

P.O.V. Kotori

Enquanto Yoshi ajudava Hikaru com a louça eu e Shizuko conversávamos na sala. Ela parecia muito com Misa, toda agitada de um jeito fofo. Ela me mostrou sua habilidade com o piano e eu fiquei boquiaberta com a velocidade dos seus dedos. A música que ela tocou me era familiar de algum lugar, busquei pela melodia em minhas memórias e lembrei de um recital que teve na escola ano passado. Eu também sabia tocar alguma coisa, mas pelo jeito ficaria um tempinho sem treinar.

Acabei contando para ela nossa situação e sobre o comportamento esquisito de Touko-san. Foi só eu terminar a história e os garotos se juntaram a nós. Ficamos um tempo olhando um para cara do outro, sem assunto, apenas com o barulho das conversas dos adultos do lado de fora.

— E agora o que vamos fazer? — indagou Hikaru.

— Vamos pra piscina? Ela é coberta — a irmã sugeriu.

— Eu topo — Yoshi pareceu feliz com a ideia. Conhecía o seu gosto por água, eu também gostava, mas não tanto quanto ele.

— Por mim tudo bem, eu acho — sorri para os outros.

— Vamos então, vai ser legal! Vem Kotori vou ver um biquíni pra você — ela me puxou pela mão.

— Yoshi eu posso te emprestar uma bermuda — os garotos nos acompanharam.

Nós subimos as escadas estofadas e paramos em um corredor não muito grande. O quarto da menina ficava de frente para o do irmão. Assim que entramos vi um cômodo muito bem organizado, uma TV na parede e alguns pôsteres espalhados acima da cama. Ela me fez sentar e abriu uma gaveta no guarda-roupa. Me enfiei no banheiro dela para trocar as peças de roupa e me achei confortável em um biquíni azul escuro com algumas franjas em ambas as partes.

Shizuko vestia um maiô preto com uma linha verde nas laterais, assim que pegou duas toalhas descemos até área coberta onde os garotos já estavam dentro da piscina. A garota correu e se atirou na frente deles, espirrando água para fora.

— Vem logo Kotori a água está maravilhosa — minha nova amiga apressou-me.

— Tá legal, tô indo — desenrolei a toalha do meu corpo.

Meu olhar encontrou o de Yoshi, não me lembro se eu já tinha usado um biquíni na frente dele. Na educação física era sempre um maiô com um short por cima e quando íamos para piscina eu não costumava usar o traje sozinho. Percebi que ele me observava e trocamos um sorriso, senti minhas bochechas quentes.

Desci as escadas com cuidado e me juntei aos outros. A temperatura estava perfeita e como já era de se esperar eu quase não dava pé. Yoshi me puxou e apoiou meus pés em cima dos dele. Nós nos divertimos à beça sendo que no meio da tarde Masako levou um lanchinho para a gente. Ela deixou a bandeja em uma mesa ali perto e tivemos que sair da água para comer.

Assim que voltamos, senti uma ardência no rosto e lembrei que não havia passado protetor solar. Já viu ficar descascando depois. Aproveitei aquele momento para fingir que estava apenas na casa de uns amigos curtindo o dia de sol e funcionou. Pelo resto da tarde eu esqueci que estávamos longe de casa, da família e de todo âmbito escolar. Eu me perguntei se isso não tivesse acontecido, como seria a minha relação com o Yoshi, porque até agora ele vinha cuidando de mim todos os dias e eu podia vê-lo a todo instante. Pensei na possibilidade de tudo ter ocorrido normalmente, sem sermos esquecidos ou ficarmos presos na caverna. Talvez nosso beijo nem tivesse acontecido.

Passando a noite fora

P.O.V. Yoshi

Estava certo de que Kotori teria um corpo bonito, mas não imaginava que fosse para tanto. Eu fiquei incrivelmente impressionado com a sua cintura bem definida e a forma de suas coxas, reparei também na mancha que ela tinha próxima à costela. Trocamos um olhar e acho que ela percebeu que eu estava a admirando. Foi muito bom passar um tempo ali com nossos novos amigos. No final da tarde quando começou a anoitecer, Touko-san veio nos chamar para irmos embora, mas os irmãos tiveram outra ideia.

— Mãe eles não podem passar a noite aqui? — perguntou Shizuko, para a mulher que a acompanhava.

— Podem sim, acho uma ótima ideia! O que você acha Touko-san? — retrucou olhando para a amiga.

— Não sei vocês querem ficar? — ela jogou o olhar para nós, pensei na hipótese e não achei que fosse uma má ideia.

— Por mim tudo bem — falei e Kotori me acompanhou.

— Então tá bom, amanhã cedo eu venho busca-los — e aí eu vou obriga-la a dar um telefone para contato, se não pego minha parceira e nós fugimos procurar ajuda em outro lugar.

Masako acompanhou a moça até o portão, Jack passou por nós e acenou. Depois ela voltou para a piscina e disse que estava ficando tarde. Entendemos o recado e fomos tomar banho. Tinha um banheiro no quarto de Hikaru, assim como no de Shizuko, nós nos separamos e partimos para a ducha. Meu rosto estava ardendo e fiquei marcado do calção apesar de não ter pegado sol diretamente, não fiquei vermelho porque minha pele é um pouco morena. Após nos vestirmos descemos para a sala e ficamos esperando as meninas.

P.O.V. Kotori

Aquele chuveiro era bom de mais, o jato era forte e eu fiquei lá em baixo por alguns instantes, deixando a água correr pelas minhas costas. Tentei não me demorar, pois a dona tinha me deixado ir primeiro. Saí enrolada na toalha e dei lugar para ela. Me vesti em seguida e fiquei esperando por ela. Me distraí tirando a faixa molhada do meu braço e investiguei a situação.

— Tudo bem aí? — disse a garota chegando ali já vestida.

— Ah sim, só essa coisa aqui que está encharcada — mostrei o que estava segurando.

— Ei Kotori eu tenho algo que pode te ajudar aqui. Meu irmão usou depois de ter tirado o apêndice — ela fuçou em uma das gavetas da cômoda e pegou um tubo transparente, junto com um pacotinho fechado de gaze comprida.

O creme de dentro era meio verde e tinha um cheiro muito bom. Com a minha permissão ela passou de leve em cima da ferida não cicatrizada, ainda tinha um pouco de pus e sangue seco, o inchaço já tinha diminuído, mas estava lá de qualquer forma. Depois disso enfaixou novamente.

— Prontinho! — Shizuko sorriu — E a sua tipoia? — ela apontou para o objeto atirado em cima da cama.

— Acho que não preciso mais dela — disse devolvendo o sorriso. Meu ombro não latejava mais, só quando fazia algum movimento brusco ou quando tinha que levantar algo.

— Certo então, o que acha de secarmos nossas crinas? — eu ri alto junto com ela, apenas assentindo com a cabeça.

A garota começou a secar meu cabelo junto de uma escova. Logo foi a sua vez. Assim que terminamos descemos até a sala onde encontramos os meninos. Nos dirigimos à cozinha e o jantar estava quase pronto só restava o arroz cozinhar. Não demorou muito para que o arroz ficasse pronto então nós sentamos à mesa e nos deparamos com mais alguns sushis feitos a mão.

— Nossa isso estava muito bom, parabéns! — elogiei a comida. Tinha um gosto diferente naquilo, acho que era algum tempero de rico, ou apenas uma porção de peixe mais cara.

— Obrigada — agradeceu Masako sorrindo.

— Vocês vão dormir que nem anjinhos essa noite — continuou ela.

— Por que acha isso? — indagou Hikaru.

— Porque vocês passaram a tarde inteira dentro da piscina, gastaram muita energia, você sabe disso.

— Isso é besteira, nós vamos aguentar até o nascer do sol — retrucou Shizuko.

— Não sei não hein, quero só ver.

— Yoshi, Kotori vocês costumam dormir cedo ou rola uns filmes durante a madrugada? — o irmão jogou os olhos para nós.

— Que isso, vamos com certeza assistir alguma coisa, se pudermos é claro — Yoshi respondeu.

— Com certeza.

— Ei pessoal vamos ao mercado pegar uns pães para o café da manhã? — disse Masako se levantando.

— Eu e Shizuko vamos ficar para organizar a sala, temos que achar uns cabos, mas se vocês quiserem ir junto, conhecer um pouco mais da cidade, o que vocês acham? — Hikaru falou como se fosse normal sair com uma desconhecida às nove horas da noite, até parece que eles queriam que a mãe ficasse a sós com nós para poder terminar o serviço de Touko-san, ou seja, nos mandar para os traficantes de órgãos.

— Não sei, pode ser — disse Yoshi, me fazendo ignorar todos os meus pensamentos.

Nós acabamos entrando no carro e agora não tinha mais volta. Tentei me concentrar nas lembranças do dia e deixar de ser tão pessimista. Agradei mentalmente quando Masako realmente parou em frente a um mercado movimentado, ela pegou uma ficha de estacionamento e deixou bem ao lado do estabelecimento.

Entramos no lugar imenso, tinha um fluxo intenso de pessoas considerando a hora, fato que me deixou mais aliviada. A mulher pegou um carrinho e foi colocando um monte de coisas. Tinha corredores de mais ali dentro e nós tentamos não nos distrair para o caso de nos perdermos naqueles labirintos de produtos. Um karaokê perto da saída chamou minha atenção e pude ver um grupo de adolescentes zoando lá dentro, sorri com a cena. As portas automáticas abriram para nós sair.

— Eu sabia que estava esquecendo de alguma coisa, o pão! — ela disse já dentro do carro, batendo a mão na testa, eu me lembrei do alimento só agora também, fiquei impressionada com a minha perda de memória recente — Vou ali bem rapidinho, já venho.

E foi. Nos deixando sozinhos no veículo. Primeiro o silêncio foi mortal, ouvi meu coração disparar por algum motivo. Passou menos de um minuto e nós começamos a fazer guerra de dedos. O anel que eu havia pego naquela bendita árvore caiu do meu dedo e rolou para os pés de Yoshi. Estava escuro eu não estava enxergando direito, mas me abaixei para apalpar o chão. O garoto me acompanhou, encarei seus olhos escuros e percebi minha mão em sua coxa. Sorrimos bobo um pro outro e já não consegui controlar meu corpo, senti meus lábios junto aos seus e houve uma queima de fogos de artifício dentro do meu corpo.

P.O.V. Yoshi

E enfim, aquele anel idiota serviu para alguma coisa. Entrelacei nossos dedos antes de acabar com a distância entre nós. Parecia que nosso segundo beijo tinha mais emoção envolvida, mais carinho, mais amor. Eu queria tê-la só pra mim, para sempre.

Passei a mão levemente pelo seu rosto puxando-a mais para perto. Seus lábios eram doces e eu tentava sentir cada centímetro da sua boca. Minha mão livre deslizava pelo seu cabelo e meu coração batia forte. Nos separamos dando selinhos rápidos e sorrimos um pro outro. Apanhei a pequena circunferência que estava caída no meu tênis e coloquei de volta no dedo dela.

Percebi o susto de Kotori quando Masako quebrou nosso clima, olhamos ligeiro para ela que franziu o cenho.

— Tudo bem com vocês? Estão vermelhos, parecem estar com febre — disse ela num tom de preocupação.

— Ah sim! Nós só estamos um pouco queimados da piscina — inventei gaguejando todo enrolado.

— Ah então tudo bem — continuou ela se voltando para frente e dando a partida do carro, desconfiada.

Seguimos o resto do caminho em silêncio e meu sorriso no canto da boca não queria sair dali de jeito nenhum. Observei a cidade bem iluminada, com alguns restaurantes ainda abertos. Ao chegarmos de volta,

saímos e ajudamos com algumas sacolas. Masako ligou o alarme e foi rumo à cozinha. Larguei as coisas em cima da mesa e sorri para Shizuko e Hikaru.

— Bonito hein! — ele nos olhou com um sorriso malicioso e aí percebi que nossas mãos estavam dadas ainda.

— Ahn Kotori me passa aquela sacola ali — eu disfarcei tentando conter o sorriso.

— Tá legal, mas mudando de assunto, nós já arrumamos as camas, de frente para a televisão, sabem que depois não vamos subir para os quartos.

— Viu estão cansados! — disse a mãe.

— Não disse que iríamos dormir — ela não gostou muito da resposta, apenas o olhou com aquela cara de mãe brava.

Nós nos dirigimos até a sala e eu me atirei no colchão, deixando meu corpo inteiramente mole e caindo no estofado macio. Os outros me acompanharam sentando junto comigo ali.

— Vamos ver os filmes agora? — perguntou Shizuko.

— Não sei. Vocês que sabem — eu respondi.

Ela pegou um controle comprido e mirou na televisão. Depois de inicializar, escolheu um site e se conectou lá. Apareceram vários títulos na página inicial e nós entramos em um consenso de assistir um do gênero terror.

— Podem escolher! — convidou o garoto enquanto a irmã rojava a tela para baixo devagar.

Tentamos escolher um que ninguém tivesse assistido ainda e optamos por um filme antigo do final da lista. Antes que Shizuko pudesse apertar no play foi interrompida pelo irmão.

— Pera! Antes de começar vamos fazer algo para comer, porque eu não consigo prestar atenção num filme sem comida!

— Mas a gente acabou de jantar — Kotori deixou uma risada escapar.

— Eu sei, só que eu não consigo me concentrar sem estar mastigando alguma coisa — explicou-se.

— Ah então tá — ela sorriu.

— Pode ser pipoca? — ele sugeriu levantando-se e tomando rumo para a cozinha. Nós assentimos com a cabeça.

— Eu vou ajuda-lo com algo para beber, já voltamos — a irmã o acompanhou.

Depois de saírem de vista eu e Kotori ficamos olhando para o nada por uns bons minutos.

— Quero ver você dormir depois — eu puxei conversa.

— Por quê? — ela brincou, mas sabia do que eu falava — Eu não tenho mais cinco anos de idade.

— Mas só para o caso de ficar com medo estarei aqui do lado, te ensinando que essas coisas não existem — passei o braço por trás de suas costas a trazendo para perto.

— Ah sim. Muito obrigada sensei — fiquei surpreso quando ela me abraçou, enterrando o nariz na minha blusa.

Ficamos assim por um tempo, não conseguia parar de sorrir. Nossos amigos voltaram com quatro potes compridos acompanhados de copos transparentes. Eles largaram o lanche em cima de uma mesinha e voltaram a sentar conosco.

— Vocês não querem trocar de roupa?

— Não precisa.

— Ah vamos lá, eu sei que é terrivelmente desconfortável dormir de jeans — ele olhou para as minhas calças e eu tenho que concordar, é realmente muito ruim dormir com isso.

— Já que insiste — me levantei, puxando Kotori também.

Shizuko foi na frente e depois de vestirmos algo mais leve, desemos para a sala outra vez. Hikaru deitou na ponta e eu ao seu lado, sua irmã se jogou na outra ponta deixando meu lado vago para Kotori. Olhei no canto da tela e o relógio marcava nove e meia. Era cedo, imaginei onde Masako poderia estar, provavelmente falando com o marido em algum lugar da casa ou sei lá.

O garoto levantou para desligar as luzes e fechou a porta que dava para o corredor, enfim o filme começou a rodar. Na metade do filme, estávamos muito concentrados, tudo estava quieto a não ser pelo barulho da TV e das pipocas sendo trituradas. De repente alguém quebrou o silêncio com um ‘BUU’, abrindo a porta violentamente. Posso dizer que todos levaram um baita susto.

— MÃE! Quer nos matar do coração?! — disse Shizuko com as duas mãos no peito.

— Desculpe querida, eu só vim dizer boa noite. Pausa o filme só um minutinho, por favor — ela obedeceu ao pedido da mãe.

— Bom não vou nem dizer pra não irem dormir tão tarde porque sei que não vão aguentar muito tempo — disse Masako sorrindo.

— Nós vamos sim! — retrucou o filho.

— Quero ver então! Não acreditam em mim então vejam por si mesmos que não vão aguentar até às três.

— Tá legal! — disse Shizuko.

— Boa noite pessoal. Ah e não deixem os espíritos pegarem vocês! — brincou ela.

— Tá mãe, boa noite — disse Shizuko colocando o filme para rodar novamente.

— Boa noite! — a mulher continuava falando enquanto subia as escadas.

— Mãe! Já te dei boa noite!

— Durmam bem e Hikaru, tente não acabar com toda comida tá?

— Tá bom.

— E não se esqueçam de desligar a TV gasta muita luz! — sua voz ficava cada vez mais baixa.

— MÃE! De boa você tá incomodando e atrapalhando o filme.

— Tá, eu já parei — disse ela parando no topo dos degraus.

— Caramba! Como ela incomoda às vezes!

— Viu como é ser expulsa pelos próprios filhos da sala! — gritou ela lá de cima, deixou uma risada escapar.

— Mãe vai falar com o pai vai! Ou quer que eu vá aí em cima contar uma historinha pra você dormir? — a garota ria.

— Olha que eu vou aí em baixo, desligo tudo e acabo com a felicidade de vocês — ameaçou ela.

— Não! Não precisa, boa noite mãe! Beijos. Te amo — disse Shizuko mais calma e sorrindo.

Enfim ouvimos o barulhinho da porta se fechando e voltamos a atenção para a tela.

— Sua mãe é engraçada! — comentei.

— É, mas você não iria querer ver ela braba. Imagine o que aconteceu agora, mas em uma discussão — o garoto franziu o cenho.

— Realmente não seria nada legal — tentei formular a cena em minha mente com mais gritos envolvidos.

— Ela nos fez perder uma parte importante do filme. Agora não sei da onde que surgiu aquele símbolo. Mana podia voltar um pouquinho né? — ele olhou para a irmã que lhe entregou o controle.

Logo que terminou o filme era passada das onze. Ninguém parecia estar com sono, normalmente eu ficava cansado depois de nadar, mas hoje não estava. Eu me lembrei de uma coisa e tirei minhas dúvidas.

— Vocês tem acesso à internet aqui não é?

— Sim, por quê? — o garoto olhou para mim.

— Eu podia tentar entrar em contato com algum dos nossos amigos — sussurrei, olhando ao redor.

— É uma boa ideia. Toma, seja rápido — ele me entregou o controle.

Eu entrei no facebook, mas abriu uma mensagem dizendo que o site estava bloqueado. Entroolhamo-nos e as caras pediam por explicações. Tentei o e-mail e também não consegui o acesso.

— Alguém deve ter feito isso, nunca deu nenhum problema com isso aqui em casa — Shizuko esclareceu.

Pensei no fato de que não queriam que nós fossemos embora, mas se era para algo acontecer conosco já deveriam tê-lo feito. Entreguei o objeto de volta para o garoto e fiquei um pouco decepcionado em não conseguir falar com ninguém.

— Olha ainda é cedo, vocês querem ver outro filme? — ele perguntou tentando amenizar a tensão entre nós.

— Pode ser. Não estão com sono? — retruquei.

— No momento não — a irmã respondeu e então concordamos em ver outro terror.

Achamos uns lançamentos depois de buscar em outros sites e resolvemos assistir uma sugestão dos mais vistos. Não sei o porquê, mas deu algum tipo de pane e a televisão se desligou. Eu me arrepiei,

cá entre nós coisa de momento, e alguém ligou as luzes. Hikaru estava de pé na frente do interruptor com os olhos arregalados. Ele e a irmã mexeram em uns cabos e voltou de onde paramos.

— Só acho que isso foi um aviso pra nós não vermos esse filme — o garoto continuou boquiaberto.

— Ai para com isso seu bobão, claro que não né — disse Shizuko.

— Tá já parei — ele sorriu.

Assim que o filme terminou nós olhamos um pro outro com uma cara de tipo “não gostei”. O conteúdo era forte e ainda por cima baseado em fatos reais. Shizuko desligou a televisão e se enfiou de baixo da coberta. Só então que eu me dei conta do ar condicionado na parede perto da escada.

— Poxa provavelmente sou a mais medrosa daqui. Não vou conseguir dormir — disse ela.

— Eu também não — o garoto ao meu lado colocou duas almofadas no chão, tapando o espaço entre o colchão e o sofá.

— Confesso que desse filme fiquei com medo — declarou Kotori.

— Bom, vamos tentar dormir que aí amanhã já teremos esquecido isso — eu ri sem querer.

Contei em meu pensamento quarenta minutos e nada de sono. Meus pensamentos ainda estavam presos no momento em que nos beijamos no carro, não conseguia deixar isso de lado. Estava fantasiando coisas do tipo: leva-la no cinema depois que voltarmos, convida-la para algum festival ou até estudar juntos porque estávamos precisando. Acordei do meu devaneio quando senti alguém me cutucar.

— Yoshi tá acordado? — ouvi sua voz doce.

— Tô. Não consigo dormir por causa dessa luz — eu inventei, mas realmente tinha uma luzinha da televisão que ficava ligada.

— Também não — ela sorriu.

— Não consegue dormir com medo dos fantasmas, isso sim! — brinquei tentando rir baixo.

— Só se for você. Idiota! — senti um soco no ombro e fingi uma cara de dor, não dava pra enxergar direito, mas conseguia distinguir sua expressão feliz.

De repente eu encontrei suas safiras verdes e não me contive, roubei um beijo. Novamente fixamos o olhar um no do outro e sorrimos. Virei de barriga pra cima desviando o olhar. Empurrei-me ainda mais perto de Kotori e deslizei meu braço pra baixo da cabeça dela, ela acompanhou e colocou a mão no meu peito. O sorriso ficou ali assim como o coração acelerado.

— Acho bom nós dormirmos, se não amanhã não levantamos — eu sussurrei.

— Também acho. Boa noite Yoshi.

— Boa noite — suspirei — Espero que você esteja sempre ao meu lado — desejei do fundo da alma isso.

— Sempre estarei aqui — ergui seu queixo e selei nossos lábios, tentando transmitir tudo o que eu sentia.

Nós ficamos daquele jeito até eu perceber que tinha adormecido, acordando de manhã cedo. Olhei para os lados e vi os outros ainda dormindo, senti algo desconfortável em minhas costas e fui checar o que era. De algum jeito o controle havia parado ali, só não sei como, eu o peguei e joguei para cima do sofá atrás da minha cabeça. Acho que era cedo ainda, não tinha nenhum movimento na casa. Tentei dormir mais um pouco e consegui.

A segunda vez que eu acordei percebi que Hikaru e Shizuko não estavam mais deitados, olhei para os lados e vi a porta que dava para o corredor aberta, pensei que eles tivessem ido fazer alguma coisa. Fiquei mirando o teto por uns longos minutos e vi os irmãos voltando com duas bandejas em mãos.

— Oi, o dia já clareou gente — disse a garota, eu sorri para ela.

Kotori despertou e quando percebeu que estava deitada no meu peito se levantou rapidamente, eu ri da sua cara um tanto confusa e ela me mostrou a língua.

— Podem ficar sentados nós trouxemos o café — disse Shizuko sentando sobre os joelhos e apoiando a bandeja no colchão. O irmão fez o mesmo.

A bandeja tinha algumas torradinhas com manteiga e um suco amarelo, provavelmente de laranja. Nós saboreamos o alimento e depois acabamos ligando a TV, para ver uma comédia. Eu e Kotori trocávamos sorrisos a cada cinco minutos. Como eu amava aquela garota.

Subimos nos trocar e eu passei no banheiro, já que estava sem escova de dente, fiz gargarejo com água e pasta de dente. Assim que descemos continuamos a ver o filme. O relógio marcava nove horas.

— Vamos fazer alguma coisa! Tô entediado — reclamou Hikaru, assim que o filme terminou.

— Ah, vocês que sabem — eu disse sentado como índio.

— O que acham de irmos pra piscina? — adorei a ideia, meu sorriso me denunciou, olhei para Kotori que também parecia animada.

— Com certeza — nós levantamos e ajudamos a levar as bandejas para a cozinha, onde uma moça fazia o almoço.

Colocamos as mesmas roupas de ontem e corremos pra piscina. A água estava um pouco mais gelada do que ontem, mas nada que fizesse nós mudarmos de ideia.

— Estava pensando em levar vocês conhecer alguns pontos da cidade à tarde, o que acham? — Hikaru propôs vindo até mim.

— Olha não sei, se Touko-san não vier nos buscar, acho uma boa ideia — pensei bem, queria conhecer novos lugares, mas não podia ficar ali fingindo que estava tudo bem porque querendo ou não estávamos longe de casa e sem poder falar com ninguém.

Masako apareceu ali perto do meio dia e disse que o almoço ficaria pronto em meia hora. Nós consideramos aquilo como a nossa deixa e fomos para o banho.

CAPITULO 12

O sequestro

P.O.V. Kotori

Depois de nos vestirmos descemos encontrar os garotos, decidimos deixar os cabelos secarem ao vento, se não ia demorar muito. Ao entrarmos pela porta da cozinha eles já estavam sentados à mesa conversando sobre alguma coisa aleatória. Nós os acompanhamos, esperando pela comida.

Saboreamos uma yakisoba divina, acho que a moça que cozinhava para eles tinha alguma especialização na culinária, pois tudo que tínhamos comido ali era muito bom. Não demorou muito para Touko-san aparecer ali acompanhada do mordomo.

— Bah o cheiro está bom — ela brincou abraçando Masako.

— Sobrou. Vocês querem também? — vi Jack aparecer logo atrás dela. Eles recusaram a oferta.

— Imagina, fomos comer em um restaurante que abriu lá perto de casa. Essa barriga aqui não aguenta mais nada — ela pousou as mãos no local, rindo para a amiga.

— Oh, tenho que experimentar um dia desses. Vamos passar lá pra sala, venham — ela convidou tomando a frente.

Todos nós seguimos para o cômodo e sentamos nos sofás. As camas de algumas horas antes não estavam mais lá, provavelmente alguém arrumou enquanto tomávamos banho de piscina. Conversamos um pouco sobre a nossa madrugada e a mãe dos garotos bateu na tecla que eles não tinham conseguido não dormir.

Estava na hora de ir. O casal se levantou e Masako segundos depois. Tomamos rumo à frente da casa e eu me senti feliz por um lado, quem sabe agora ela nos deixasse falar com a policia, mas por outro um

pouco triste, talvez nunca mais iríamos ver Shizuko e Hikaru. Sei que trocamos e-mails do facebook e assim que o serviço deles fosse desbloqueado iriam nos adicionar.

Abracei um de cada vez e prometi voltar para visita-los algum dia. Esperei Yoshi fazer o mesmo e seguimos para o carro, logo depois dos adultos se cumprimentarem também. Aquilo parecia tão normal, duas famílias se despedindo, pena que não fazíamos parte dela de verdade.

Enquanto entravamos no carro vimos os garotos acenarem. Nós demos meia volta e seguimos para a casa de Touko-san. Assim que chegamos Jack estacionou na garagem e esperou sairmos para dar o alarme. A casa estava vazia, Akira tinha saído. Nós seguimos a moça e sentamos na sala, ela estava com uma expressão pensativa.

— Bom, eu tenho uma boa noticia pra vocês! — sorriu, juntando as mãos.

— O que é? — perguntou Yoshi empolgado.

— Vocês vão para casa hoje — eu arregalei os olhos — Um amigo meu vai leva-los até a policia e de lá serão encaminhados para sua cidade.

— Caraca não acredito! Poxa sério? — comemorei meio em transe ainda, não via a hora de chegar no meu quarto, dormir na minha cama e comer a comida da Amy.

— Sim, ele já está vindo. Agora acho bom vocês subirem e arrumarem suas coisas.

— Claro estamos indo — Yoshi me puxou pela mão, a moça nos acompanhou.

Ela disse para nós levarmos as roupas que havia comprado para nós, de lembrança. Arrumamos tudo em nossas mochilas, nos certificando de que os documentos estavam ali. Lembrei—me da minha ti-poiá, havia deixado na casa de Masako e esperava não precisar mais dela. Descemos para sala novamente e esperamos pela salvação.

Passado alguns minutos ouvimos uma buzina vinda de fora, nós fomos até lá e vimos um carro preto parado em frente ao portão.

— Ele chegou! — Touko-san acenou em um gesto para que ele descesse.

Enquanto ele estacionava e vinha até ali ela pousou a mão no ombro de cada um de nós e sorriu.

— Eu vou sentir falta de vocês, sei que foi só um dia que estivemos juntos, mas pra mim esse foi um dos melhores dias da minha vida.

— Nós podemos visita-la algum dia não se preocupe — disse Yoshi.

— Muito obrigada, pela estadia, pela comida e pelas roupas — agradecei — Você nos ajudou muito.

Ela nos abraçou forte e minhas primeiras impressões sobre ela se dissiparam. Ficamos assim por uns minutos e eu vi o homem já ali na porta, com as mãos no bolso. Ele tinha uma estatura forte e usava óculos escuros. Depois da moça, nos despedimos de Jack e cumprimentamos o cara parado. Touko-san nos apresentou. O nome dele era Nitori, ele apertou nossa mão revelando os olhos castanhos, pendurando os óculos na blusa. Meu coração já estava acelerado só de pensar que iríamos para casa.

— Ah propósito em que cidade estamos? — perguntou Yoshi, também queria saber.

— Yokohama.

— Hm, vou lembrar disso — sorriu ele.

Abanamos enquanto nos dirigíamos ao carro, logo depois que entramos a partida foi dada, conforme íamos nos afastando vi o casal entrar na casa e fechar a porta.

— Então, eu sou um grande amigo da Touko-san, ela me ligou para contar do anúncio de vocês — ele disse quebrando o silêncio. Fiquei muito confusa, não fazia a mínima ideia do que ele falava.

— Que anúncio? — o garoto tirou a pergunta da minha boca.

— Seus pais estão loucos atrás de vocês. Colocaram até um anúncio na televisão e no rádio.

— O quê? — disse ele surpreso — Como assim e por que ninguém nos falou?

— Vou explicar a situação pra vocês. É o seguinte, a Touko-san desde que eu a conheço ela tinha um grande sonho de ter um casal de filhos, só que quando ela descobriu que não podia ter ficou arrasada. Ela viu o anúncio na televisão, mas não deu muita bola. Assim que achou

você não conseguia acreditar, planejou comigo de deixa-los uns dois dias com ela e assim sentir o gostinho de como é ser mãe.

— Nossa! Por isso ela não queria que a gente ligasse para a polícia tão cedo — concluiu Yoshi.

— Pois é, mas ela sempre foi uma pessoa de bom coração.

— Eu gostei muito dela, de verdade. Apesar de que no início eu achei que ela fosse vender nossos órgãos ou algo do tipo — eu disse entrando na conversa.

Eles riram comigo. A polícia local não era muito perto da cidade tinha um pouco de estrada pela frente. Depois de alguns minutos de silêncio Nitori ligou o rádio na frequência de músicas. Na propaganda nós ouvimos o dito anúncio e eu fiquei boquiaberta.

— Mas me falem como chegaram aqui? — o homem pediu depois de alguns minutos em silêncio.

— É uma longa história — nós nos entreolhamos.

— Prossiga — a gente contou o que tínhamos passado até ali e ele pareceu surpreso — Mas que coisa hein!

— Pois é. Agora sempre que conseguimos dar um passo parece que aparece o dobro de obstáculos — disse Yoshi.

Foi só ele dizer isso e fomos abordados por dois homens grandes portando uma arma, uma toca preta cobria a face de ambos com apenas dois buracos para os olhos. Assim que abriram a porta do carro foram anunciando sequestro. Mandaram Nitori descer do carro e entregar as chaves.

— Não! — disse ele com uma cara incrivelmente debochada, eu olhei para os bandidos esperando pelo pior.

— Olha aqui seu abestado, só não te dou um tiro porque não quero ficar carregando corpo de morto pra cima e pra baixo — disse o cara que parecia ser mais velho.

Eles o pegaram pelos braços e o atiraram no banco de trás junto com a gente. Amarraram nossas mãos com um tipo de linha forte e ligaram o carro, saindo em alta velocidade.

— Por que estão fazendo isso? — me impressionei com a calma daquela pessoa. Nitori era um cara que não se assustava com pouco coisa, pelo menos minha primeira impressão foi essa, poxa tinha dois caras

armados e ele conversando com eles como se fossem velhos amigos.

— O sem noção, esses dois aí tão desaparecidos, vamos devolvê-los a policia por um preço razoável.

Nitori se calou. Eu pensei o que iria acontecer agora, se realmente eles iam nos entregar com vida, porque nos filmes trágicos os mocinhos morrem depois do pagamento. Tentei excluir aquela ideia da minha mente, mas do mesmo jeito ficava imaginando inúmeras situações que poderiam acontecer, eu só queria voltar para minha vida normal, onde eu reclamava dos trabalhos complexos da escola. Bom, pelo menos teríamos uma história legal para contar para os outros, tenho certeza que o Natsume viria nos perguntar como foi a aventura para “nós” e então eu diria: nos beijamos e fortalecemos nossos laços de amizade. Brincadeira porque eu nunca teria coragem de dizer isso. Fui tirada do meu devaneio quando os carinhos começaram a reclamar sobre alguma coisa.

— Droga vai ter que abastecer — disse o que estava dirigindo, dando um soco no volante.

— Ei, cuidado com meu baby. Ainda estou pagando — o homem ali junto de nós franziu o cenho, deixando brotar um pequeno sorriso no canto da boca. É sério ou ele queria morrer ou queria levar um tiro.

— Eu vou enfiar minha mão na sua boca, quebrar seus dentes e arrancar essa sua língua se você não calar a boca — o outro no banco do carona ameaçou virando pra trás com o punho cerrado.

Nitori nos olhou e deixou escapar um riso, eu estava muito nervosa, por ele e por nós, vai que os bandidos errassem a mira. Alguns metros dali avistamos um posto, era certo que teriam que parar ali, já estávamos na estrada e não tinha muito movimento por ali. Antes de chegarmos mais perto os caras tiraram as tocas e revelaram um rosto jovem, ambos não mais que 25 anos. O que estava no volante tirou uma nota do bolso e a entregou para o atendente.

— Eu vou pegar uma água — disse se retirando do carro, tentando manter a calma com o homem ao nosso lado, que o imitava mexendo a boca sem produzir som.

Eu conseguia vê-lo na loja de conveniência, as portas eram de vidro, ele fez um aceno para o colega, pedindo algo em gestos, acho que era dinheiro. Percebi a carteira esquecida dentro do carro.

— Aquele imbecil esqueceu a grana — ele revirou os olhos — Fiquem aí se não vamos ter que usar da força bruta — continuou nos lançando um olhar ameaçador.

— Ligeiro pessoal, fujam — disse Nitori, tentando desamarrar o barbante com os dentes e teve sucesso.

— Você tá doido? Eles vão nos ver saindo do carro — Yoshi reprovou enquanto o homem desamarrava as suas mãos.

— Não vão não, o caixa fica atrás daqueles adesivos, mas precisam ser rápidos — foi minha vez de ser solta. Esfreguei os pulsos doloridos, a marca ficou.

— Mas e você? — perguntei já imaginando o que ele iria fazer quando voltassem e não nos verem ali.

— Eu não vou — afirmou com a mais absoluta certeza.

— Eles vão te matar! — o garoto tinha razão.

— Não vão. Eu não sou tão burro assim para distinguir uma arma falsa de uma verdadeira.

— O quê? — fiquei completamente confusa.

— É isso que eu disse. Aqueles dois estão com armas de brinquedo! Você acha que eu iria desafiar um cara que estivesse com uma arma de verdade? — ele riu abertamente — Se ela realmente fosse de verdade eles já teriam me matado depois que eu os contrariei. E, aliás, eu tenho que pegar meu carro de volta! — ele acariciou um dos bancos.

— Nossa Nitori, você merece meu respeito — Yoshi sorriu.

— Andem logo! Eles são os próximos da fila — disse nos apressando.

— Sim senhor — eu franzi o cenho colocando a mão na testa num sinal de reverência.

Nós sussurramos um adeus e tentamos sair sem abrir muito a porta, mas as mochilas não permitiram isso, tivemos que abrir metade dela. Fomos pelo lado oposto ao que estava a loja de conveniência e nos abaixamos para não nos verem.

P.O.V. Yoshi

Em primeiro lugar, nem sonhava que um dia meus pais coloca-

riam um anúncio para me encontrarem. Fiquei muito feliz com o fato é claro, mas me perguntei como eles estariam, arrasados óbvio. Iria fazer duas semanas que nós não conseguíamos falar com ninguém para avisar que estávamos bem, em partes. Minha última preocupação era a escola, eu e Kotori iríamos conseguir recuperar.

Por segundo, eu estava concentrado em algo importante, a meu ver devo dizer, enquanto íamos até a policia. Algo que fazia um tempo que vinha me preparando, ou seja, fazer um pedido a uma garota. Nunca tinha tido algo sério, nem enrolado e poxa eu já era de maior. Acho que esse era meu defeito, não conseguir expressar o que eu queria. Apesar de que o pequeno acidente de nos perdermos juntos, contribuiu para esclarecer as minhas dúvidas. Eu não sabia se era correspondido, talvez fosse apenas uma amizade colorida, mas eu pude ter certeza de que era algo a mais.

Eu estava tão imerso nos meus pensamentos que só me dei conta do que estava acontecendo quando nosso motorista foi jogado ali atrás conosco. Claro que eu ouvi os gritos vindos do lado de fora do carro na hora da abordagem, mas não tinha caído a ficha ainda. Acordei do meu devaneio e tentei me manter o mais calmo possível.

Eu posso jurar que nunca tinha passado por uma situação dessas, mas nessa aventura maluca estava acontecendo de tudo. Alguém queria nos manter refêns para conseguir alguns trocados e vai saber se não estavam mentindo. Sei que em um primeiro momento a adrenalina subiu e eu fiquei na minha, um pouco nervoso é claro, mas ela subiu mais ainda quando eu estava espiando eles de trás do carro de Nitori. As pessoas que passavam por nós deviam pensar que tínhamos problemas.

Eu tomei a frente e Kotori vinha logo atrás de mim, nós dois agachados esperando os caras ficarem atrás do adesivo para que pudessemos correr até o outro lado da rua. Assim que foram chamados ao caixa eu agarrei as mochilas e tomei iniciativa. Já seguros, ficamos atrás de uma árvore grande para ver o que ia acontecer.

Nitori saiu do carro apoiando-se sobre o mesmo, logo que os caras o viram daquele jeito correram na sua direção enquanto miravam as armas. Isso chamou a atenção dos atendentes do posto, como também das pessoas que começaram a se juntar. Ele sorriu para os homens.

— Não se mexam, ou eu atiro! — gritou o mais velho parecendo um pouco assustado.

— Não tenham medo gente, estes dois bobões só estão brincando — disse dando risada enquanto fazia gestos com as mãos. Ele se aproximou e apanhou as supostas armas.

Ainda sorrindo as partiu ao meio uma de cada vez, revelando o interior feito de plástico. Todos que estavam ali em roda caíram na risada, aplaudindo Nitori que pegava os caras pela camiseta. Até mesmo eu pensei que fossem de verdade, ele deveria ter algum conhecimento sobre elas, nem que fosse um básico. Eu e Kotori rimos com a cena.

— Então, quem quer dar uma volta? — disse jogando os dois para dentro do carro — Desculpem pelo transtorno — sorriu entrando no banco do motorista e dando a partida.

Eu imaginei que ele levaria os farsantes para a delegacia, poderíamos ter pego uma carona. Senti-me mal por não ter pensado nisso antes. Caminhamos um pouco e me dei conta de que tínhamos voltado a estaca zero. Lá estávamos nós sozinhos na estrada, sem abrigo e sem comida. Eu era otimista, mas com os fatos que vinham acontecendo, já estava perdendo as esperanças.

— Poxa, nem adianta nós caminharmos sem rumo — eu parei subitamente no meio da estrada.

— O que houve? — Kotori me acompanhou largando a mochila no chão.

— Como vamos chegar a policia se nem sabemos a onde fica?! — eu estendi os braços com a palma das mãos abertas, flexionando um pouco os ombros.

— Eu realmente não sei — percebi sua expressão um tanto pensativa e outro tanto triste.

— Me desculpe, não sei mais o que estou fazendo — eu olhei para baixo, chutando uma pedrinha e vi seu olhar longe — Mas quer saber, eu ainda estou incumbido de leva-la para casa — expulsei aquela sensação de nervosismo e entrelacei nossos dedos — E vou dar um jeito de fazer isso.

Nós sorrimos um pro outro, ela apanhou a mochila do chão e eu tentei ficar o mais perto dela possível. Estávamos voltando para a cidade, nem que fosse para ficarmos na casa de Touko-san mais uma vez, mas nós iríamos chegar ao nosso destino de alguma maneira.

Contato com a polícia

P.O.V. Yoshi

Depois de percorrermos um longo caminho sentamos no meio fio de costas para a floresta. O céu estava fechando, se preparando para mandar chuva como já era de se esperar, tendo em vista o calor que estava, sem contar o abafamento. Lembrei—me de quando eu era criança, sempre brincava nas poças que formavam na rua, inclusive eu tinha um par de botas amarelas de borracha e adorava usar aquilo. Agora penso que deveria ser ridículo aquilo, mas pelo menos fui muito feliz.

De repente voltei à realidade quando ouvi um galho quebrando, olhei instintivamente para trás só que não havia nada, joguei meus olhos para Kotori desconfiado e me pareceu que ela também ouviu. Ficamos atentos aos ruídos e algo estalou novamente, mas nem deu tempo de vermos o que era, fui surpreendido por uma escuridão repentina, senti como se estivesse dentro de um saco, o que provavelmente era. Ouvi o grito de Kotori e me concentrei nas vozes masculinas.

— Ah fala sério! De novo! Quem são vocês e o que querem? Coloquem—me no chão poxa! — comecei a hiperventilar, era muito difícil respirar dentro daquela coisa. Já estava farto de ficarem nos roubando, sequestrando ou algo parecido, talvez teria sido melhor ficar com Touko-san mesmo. Claro que foi um pensamento de momento, queria muito ver meus pais novamente.

— Fica quietinho aí moleque — ele meio que chacoalhou meu corpo, me deixando de cabeça para baixo. Estava começando a ficar sem ar.

Concentrei—me em não desmaiar, fiquei escutando os passos dos caras e imaginando a onde estavam nos levando. Talvez não voltássemos para casa tão cedo. Minhas esperanças estavam no limite, dessa

vez não tínhamos um Nitori corajoso para nos salvar. Eu não conseguia mexer as mãos, nem os braços, o pano cobria meu corpo até a altura das minhas coxas de cima para baixo.

Senti ser jogado no chão e caí de costas, fiz uma careta tentando remover aquele saco. Alguém o puxou e eu olhei ao redor um pouco desnorteadado. Estávamos em um galpão abandonado, cheio de máquinas velhas ao redor, vi a palha espalhada pelo chão e não tinha nenhum tipo de iluminação, como era dia dava para enxergar, mas a noite, penso eu, que seria meio impossível. Procurei por Kotori e avistei apenas a sola de seus tênis, tinha um cara na sua frente. Estudei o homem que estava na minha frente, ele era musculoso e usava o cabelo preso em uma trança, o bigode escondia o lábio superior. Fui posto de costas para uma coluna de madeira e o cara amarrou minhas mãos pra trás, em seguida passou outra corda pelos meus ombros para impossibilitar qualquer movimento. Observei o outro, que tinha uma careca reluzente e era maior que o parceiro. Notei Kotori, totalmente horrorizada.

— Ei Kentaro, o que acha dessa aqui? — ele apertou as bochechas dela fazendo um biquinho com sua boca.

— Tire suas mãos imundas dela! — eu não sei da onde saiu tanta irritação, sei que fiquei muito nervoso ao ver a minha garota nas mãos de gente estúpida.

— Cale a boca pirralho — o de trança me deu um tapa na cara e se juntou ao outro, observando a menina dos pés a cabeça — Ela é bonitinha — vi ele acariciar as madeixas dela.

— Você vem com a gente — ouvi eles darem risada enquanto levantavam a vítima. O local da agressão em minha bochecha começou a formigar.

— Mas nem que a vaca tussa — Kotori pareceu determinada, ela usou a madeira de apoio e abraçou—a com os pés. Não sei se era uma boa ideia, fiquei com medo que eles estivessem portando alguma arma ou faca, podiam muito bem usar algo para feri-la.

Aí eu ouvi seu grito, procurei a causa e vi o careca puxando seu braço machucado, me senti um inútil ali amarrado, vendo a pior cena possível e não podendo ajudar. Depois disso, ela parecia uma marionete, perdeu todas as forças, não sei bem ao certo o porquê, mas ela se deixou ser levada pelos homens. Foi horrível para mim ver o maior

arremessa—la em suas costas sem nenhum cuidado, encontrei suas safiras verdes molhadas e percebi seus lábios chamarem meu nome sem emitir som algum.

Fiquei louco depois que eles se foram, não conseguia pensar direito, procurava por qualquer coisa ao meu redor que pudesse me ajudar naquele momento. Por mais incrível que seja, avistei as nossas mochilas largadas a alguns metros longe de mim, fiz de tudo para alcança-las, mas não obtive sucesso. Tive uma ideia, por mais idiota que fosse, estava num momento em que qualquer coisa servia, precisava salvar a minha garota.

Um pedaço de madeira comprido estava caído do meu lado direito se eu me esticasse conseguiria pegar, lembrando que minhas mãos estavam atadas. Como eu estava sentado, arranquei o tênis com o outro pé e a meia também. Alcancei o objeto e me concentrei ao máximo para conseguir manuseá-lo na direção das mochilas. Passei alguns minutos tentando fazer isso e acabei puxando-as para perto.

Ainda com os dedos do pé agarrei a alça e trouxe para o meu colo. Abri o fecho com a boca e procurei meu canivete, jogando todas as coisas para fora. O objeto metálico saltou para o chão e o empurrei para trás de mim. Contorcei-me para coloca-lo o mais perto possível das minhas mãos. Depois de todas aquelas manobras finalmente me soltei.

Calcei meu sapato novamente e arrumei a bagunça, apanhei as duas mochilas e saí desesperadamente dali. Segui as pegadas das folhas amassadas por alguns minutos e me deparei com uma casa de palha. Não tinha um plano e não fazia a mínima ideia de como planejar um.

Ou eu estava com sorte ou a vida estava me dando uma segunda chance, porque quando eu olhei os dois homens estavam saindo de lá apressados, provavelmente indo me ver. Escondi—me atrás de um arbusto e fiquei ali até eles passarem. Corri para dentro da casa e procurei por Kotori até encontra-la amarrada em uma cama.

— Meu Deus! — com o canivete ainda em mãos cortei ligeiro as amarras. Ela me abraçou forte em prantos — Eles te fizeram algo? — apenas negou com a cabeça — Temos que sair de uma vez daqui — peguei-a em meu colo e segui para a porta.

Saí tão rápido da casa quanto entrei. Espiei o caminho para o galpão e nada dos bandidos. Corri na direção oposta. Depois de percor-

rer uma boa distância desci um riacho e me sentei com a garota no meio de umas raízes pertencentes à uma árvore imensa.

— Ei nós vamos ficar bem okay? — eu disse liberando seu rosto dos fios caídos.

— Vamos? — ela retrucou duvidosa, tentando esboçar um pequeno sorriso.

— Claro que sim. Diga—me o que está sentindo?

— Dor — lembrei da forma que o careca havia lhe arrastado, olhei para seu ombro, sua mão descansava sobre ele. Com a sua permissão examinei o local e fiquei com medo que tivesse sido lesionado novamente — Tá tudo bem, já vai passar — sorriu estendendo o braço bom para acariciar meu rosto.

Cheguei ainda mais perto dela e toquei em seus lábios com os meus. Não era um toque qualquer, ele significava cuidado e afeto. Cada vez que nos beijávamos era uma sensação diferente e eu esperava conhecer todas elas.

P.O.V. Kotori

Aquele saco fedia, não ia aguentar por muito tempo. Quando eu senti a sensação de desmaio fui libertada daquele negócio. Olhei ao redor e vi dois caras musculosos. O que estava à minha frente tinha uma tatuagem de naja que cobria todo o braço direito. O que ele não tinha de cabelo tinha de barba, os fios enrolados iam até o peito. Vi Yoshi sendo amarrado pelo outro enquanto eu estava presa por uns braços gordos.

O careca me olhava de cima a baixo, tentei não fazer contato visual. Ele chamou o parceiro e disse que eu era bonitinha. Suas caras mostravam sorrisos maliciosos e meu coração disparou quando eles me levantaram para levar-me a algum lugar. Minha imaginação fértil viu um lugar de tortura, onde eles iriam me usar e depois me matar, jogando meu corpo num rio qualquer. Balancei a cabeça negativamente e fiz força para ficar no lugar.

Foi uma má ideia, o grandão puxou meu braço, não totalmente curado, e eu senti uma dor horrível, perdi a noção dos meus movimentos e senti que ia desmaiar, me contive, pois desacordada não poderia lutar pela vida. Ele me jogou sobre as costas e eu só consegui chamar por Yoshi, não escutando o som da minha voz. Recobrei a consciência

quando chegamos a uma casa no meio do nada. Fui levada para um quarto onde me jogaram em uma cama, meus pés foram amarrados e minhas mãos também. Meu ombro latejava e eu senti as lágrimas quentes invadirem o meu rosto.

— Aí, não chora princesa, vamos brincar um pouquinho — o homem de trança acariciou minha bochecha e eu consegui morde-lo — Sua filha da mãe — ele xingou, levando o dedo à boca e quando tirou vi uma pequena bolinha de sangue surgir. Sorri com o fato.

— Você trouxe as coisas deles? — o careca perguntou. Vi o olhar do outro em sinal de negação — Seu imbecil! Vamos lá pegar e aproveitamos para nos livrarmos do peso morto — ele sorriu puxando uma faca de uma gaveta.

A adrenalina surgiu no meu corpo quando pensei no garoto ainda amarrado, indefeso e totalmente vulnerável a qualquer ataque que sofresse.

— Trate de ficar quietinha aí — o barbudo pressionou a lâmina fria na minha bochecha.

Eles saíram batendo os pés. Aí eu chorei, pelo pior que poderia acontecer a Yoshi, pela dor e por tudo que estava acontecendo. Não demorou muito para que um ser invadisse o quarto e a voz conhecida chegasse aos meus ouvidos. Meu coração acalmou quando o garoto se aproximou de mim e cortou as cordas que me prendiam.

Pulei em seus braços, deixando que ele me pegasse logo depois. Seu colo era um dos lugares em que eu me sentia totalmente segura. Saímos às pressas daquele lugar e paramos em frente à um riacho. Trocamos algumas palavras e eu ergui meu braço bom para acariciar seu rosto, não sei porque eu fiz isso, mas rendeu um beijo. Sorrimos um pro outro.

Levantamos e ele envolveu minha cintura, fazendo com que nossos corpos ficassem bem juntos. Eu descansei meu braço na alça da mochila e a cada passo que dávamos sentia aquela dor estonteante.

— Porque não tenta usar a tipoia? — Yoshi me cuidava de canto de olho.

— Eu me esqueci dela na casa dos irmãos — expliquei.

Ele riu da minha careta. Começou a garoar. Nós caminhamos por mais uns 20 minutos até encontrarmos uma casinha laranja. Decidi-

mos dar uma olhada e fomos a passos lentos até lá. Avistei um homem sentado na porta, ele tinha fios brancos espalhados pelos cabelos e um sorriso distraído no rosto.

— Boa tarde senhor — o garoto se curvou em sinal de respeito.

— Olá. Posso ajuda-los? — disse mostrando um sorriso.

— Bom, estamos perdidos e precisávamos chegar a policia.

— Pobres jovens, eu poderia leva-los, mas a chuva vai aumentar. Por que não esperam ela passar para irmos até lá? — ele se levantou fazendo um gesto com a mão para que nós entrássemos.

— Não vai ser incomodo?

— Claro que não. Venham, deixem suas mochilas aqui — o homem continuou indo para dentro e nós o seguimos.

Subimos alguns degraus e tiramos os calçados para prosseguir. Notei o lar aconchegante com uma fragrância suave no ar. Tinha uma bancada que separava a cozinha da sala e um tapete bonito logo na entrada. Sentamos em umas cadeiras oferecidas pelo anfitrião e Yoshi entregou nossos pertences a ele, para que fossem colocados em um canto.

— Ah desculpe a gente não se apresentou, eu sou Yamaguchi Yoshihiro — disse o lançando um sorriso e um aperto de mãos.

— E eu sou Ritsuko Kotori, prazer em conhece-lo — o cumprimentei de canhota.

— Eu sou Frederiksen, o prazer é todo meu. Vocês estão com fome? Precisam de alguma coisa?

— Teria gelo? Ou alguma bolsa com água gelada? — o garoto me lançou um olhar.

— Claro rapaz. Acompanhem-me, por favor — ele se levantou e nós fomos de atrás — Mas para que serviria isso?

— A gente foi sequestrado agora pouco e Kotori levou a pior, eles machucaram seu ombro já ferido — senti os dois me olhando. Não contrariei Yoshi, o desconforto físico que estava sentindo já não dava para aguentar.

— Como assim? — ele franziu o cenho enquanto preparava alguns cubos de gelo dentro de uma sacola plástica.

— É uma longa história, gostaria de ouvir? — o homem assentiu com a cabeça, me entregando o objeto frio.

Voltamos para os assentos e eu pousei a compressa improvisada no ombro inchado. Antes de começar a contar nossa jornada até ali Yoshi me ofereceu um dos comprimidos para dor e um anti-inflamatório que tinha conseguido com o dono da casa. Engoli os dois com muito esforço e prestei atenção nas palavras do garoto.

O Sr. Frederiksen ficou impressionado com a nossa situação, prometendo nos ajudar assim que a chuva acalmasse. Nós ganhamos um lanche e ele nos pediu licença para deitar um pouco, o remédio que tomava para controlar a pressão dava sono. Nós seguimos para a porta da frente e saímos na varanda, olhando as gotas do telhado molhando o chão.

— Sabe deu vontade de tomar um banho de chuva! Topa? — Yoshi convidou dando um largo sorriso.

— Não acho que seja apropriado — respondi sorrindo de volta.

— Ah vamos! — ele insistiu e me puxou para fora, no mesmo instante senti os pingos gelados chegando no meu rosto.

Nós começamos pular nas pequenas poças, feito duas crianças. Ficamos trocando sorrisos. Yoshi começou a correr atrás de mim e me derrubou sem querer, protegi o lado dolorido, ignorando o desconforto. Nossos rostos se encontraram e ele tomou a iniciativa me dando um beijo de leve no lábio. Eu ergui os cabelos da sua testa e dei continuidade ao beijo. Nós ficamos ali, até que a chuva começou a diminuir. Estávamos ensopados, Sr. Frederiksen apareceu na porta e mostrou um sorriso.

— Acho que vocês precisam de um banho agora, não? — sorrimos para ele e nos levantamos indo até lá.

— Pode ir você primeiro — o garoto ofereceu.

— Tudo bem — eu o empurrei de leve, mas ele tropeçou e acabou dentro de uma poça — Opa — disse com um sorriso.

Virei as costas para ele e segui para o banheiro depois de pegar minha mochila. Assim que terminei, Yoshi passou por mim ainda ensopado e tentou me puxar para um abraço, eu corri dele, mas óbvio que ele me alcançou e deixou minha roupa gelada. Afastei—o sorrindo e o mandando tomar banho, fiquei observando enquanto ele ia de costas até lá mostrando os dentes pra mim.

P.O.V. Yoshi

Nunca tinha beijado na chuva. Foi uma experiência muito legal e ainda por cima com a garota de quem eu gostava muito, posso dizer que iria se tornar uma das minhas melhores lembranças. Enquanto Kotori se arrumava eu fiquei plantado do lado de fora, encharcado, não precisava de um resfriado agora apesar de que estava quente. O único ruim era o vento forte que batia no meu corpo e me provocava arrepios.

Fiquei cuidando a porta do banheiro ali da onde estava mesmo, esperando que ela saísse logo. Assim que surgiu na cozinha com os cabelos molhados corri para dentro e molhei sua roupa a abraçando. Catei meus pertences e segui meu rumo. Depois do banho quente vesti minha bermuda e uma blusa solta. Coloquei minha roupa molhada junto com a de Kotori em um cesto de pano.

Logo que fui para sala, encontrei com a garota em um dos sofás e sentei com ela, ficamos assistindo um filme aleatório. Até que um som familiar soou em meus ouvidos. Procurei pelo toque e vi Sr. Frederiksen atender um telefone. Eu e minha parceira nos olhamos e trocamos aquele olhar com significado, do tipo “vamos pedi-lo emprestado e ir embora daqui de uma vez por todas”. Levantamos e esperamos ele encerrar a ligação, pelo jeito era uma filha ou algum parente.

— Vocês precisam de alguma coisa? — o homem perguntou nos vendo parados com os olhos arregalados.

— Nós podemos fazer uma ligação? Para policia? — retruquei.

— Claro que sim. Toma aqui — ele entregou o aparelho para mim. Disquei rápido e esperei alguns segundos.

— Alô? — disse uma voz grossa do outro lado da linha.

— Oi, aqui é Yamaguchi Yoshihiro o adolescente desaparecido!
— meu coração estava pulando.

— Como?! — o policial pareceu surpreso.

— Foi o que você ouviu, e estou com Ritsuko Kotori! — minha voz soava animada e eu estava empolgado.

— Ai meu Deus, seus pais estão loucos à procura de vocês. A onde vocês estão?

— Esse é nosso problema não fazemos a mínima ideia de onde estamos! — bom, estávamos em uma casa no meio da floresta pra ser mais preciso.

— Não se preocupem, vamos usar o localizador desse telefone. Fiquem aí, enviaremos o regate assim que pudermos, mas de amanhã não passa, entendido?

— Sim senhor. Muito obrigado!

— Por nada, é meu trabalho ajudar. Tchau!

— Tchau! — eu desliguei com o sorriso já estampado no rosto. Meus sentidos falaram mais alto antes de eu pensar duas vezes e eu pulei em Kotori envolvendo-a num abraço apertado — Nós vamos pra casa!

— Sérioo? — ela me olhou quase não acreditando. Depois que respondi um ‘sim’ ela enterrou a cara novamente no meu peito.

Quando ergueu a cabeça nossos olhares se encontraram e aí já viu, nossas bocas resolveram se achar também. Então lembrei que o Sr. Frederiksen estava na nossa frente, me afastei da garota contra vontade e sorri para ele que ficou feliz por nós também. Entrelacei meus dedos nos da menina e voltamos para o sofá.

A noite chegou e o homem nos cedeu uma cama até que a policia chegasse no dia seguinte. Jantamos massa instantânea e suco de laranja natural. Fazia tempo que eu não comia isso, lembrei-me das minhas refeições de criança.

— E da onde você consegue comida Sr. Frederiksen? — minha curiosidade estava me matando, pelo jeito não tinha um armazém com alimentos básicos ali por perto.

— Eu vou a cada um mês ao mercado e faço um estoque. Já as frutas e legumes eu cultivo.

— Ah, legal. Ao natural é sempre melhor — comentei bebericando um pouco do suco.

— Mas então, estão empolgados para voltar? — dava pra ver a resposta em nossas expressões e comportamentos.

— Com certeza! — Kotori foi mais rápida do que eu — Não vejo a hora de ter que arrumar meu quarto outra vez, limpar a louça ou quem sabe não fazer nada também. Eu recebi recomendação de não forçar muito por um mês — ela revirou os olhos e nós rimos. Lembrei do atestado que ela adquirira no hospital. Vi seu braço apoiado no colo.

— Ainda está doendo? — apontei para o ombro outrora inchado.

— Não muito.

Sorri sem mostrar os dentes e ajeitei um de seus fios para trás da orelha. Terminamos de comer e levamos os copos na pia. Como os potes das massas eram de plástico colocamos no lixo.

— Quer que eu lave essa louça? — me prestei para alguma coisa.

— Obrigado, mas não precisa. Pode deixar aí, vocês tem que descansar, tiveram um dia cheio. Eu vou preparar o quarto pra vocês — disse nos empurrando para fora da cozinha.

Nós fomos até um quarto no final do corredor, não parecia ser usado frequentemente, só tinha uma cama e um criado mudo do lado. Pelo menos o lugar era limpo, eu pensei que ele estivesse sempre esperando visita, quem sabe uma filha ou algum amigo que viesse de passagem. Foi muita sorte termos encontrado essa casa. Eu aposto que a estrada não deve ser muito longe, mas como nós viemos do meio da floresta, até parece que fica localizado no meio do nada.

Sr. Frederiksen pediu licença e voltou com uma coberta fina. Os outros apetrechos de cama já estavam sobre ela, como travesseiros e lençol de baixo. Ah eu esqueci de constar que o colchão era de casal. Nós levamos nossas mochilas pra lá e recebemos um ‘boa noite’ do homem, disse que já ia se recolher. Depois da garota, fui me escovar, ao voltar vi ela já deitada, de costas para a parede, usando uma camisa larga e um short. Nem me troquei só arranquei os tênis e me joguei na ponta.

— Tudo bem? — sorri para Kotori que fazia o mesmo para mim.

— Claro, olha — ela apontou para um ponto na parede.

— Que percepção das coisas simples não? — vi um pequeno pôster de um cachorro correndo solto pelos campos — Que amorzinho.

— Estou com saudade do Lufy — lembrei do seu akita, de pelo branco como a neve. Acho que fazia uns cinco anos que ele veio ainda filhote para a família dela. Bem na verdade eles o encontraram sozinho em uma caixa de papelão abandonada e o pegaram para arrumar um lar, mas acabou que a bola de pelos conquistou todos da casa.

— Também estou da minha — Kuri era uma husky, muito linda com aqueles olhos azuis e grande parte da pelagem cinza.

— Será que eles sentem nossa falta? — a garota perguntou deixando uma dúvida em mim também.

— É claro que sim — respondi depois de pensar alguns segundos, os bichos sabem quando são amados. O rabo abanando e a festa que eles fazem quando chegamos em casa são prova disso.

— Mas vem cá, por que estamos falando sobre cachorros?

— Foi você que começou então não pergunte para mim — sorri flexionando os ombros e entortando um pouco os lábios.

— Estou morrendo. Vamos dormir — ela se aproximou e me deu um beijo na bochecha — Boa noite — ela desejou e fechou os olhos, continuando virada para mim.

— Boa noite — deposei outro em sua testa e acompanhei sua respiração calma, passando o dedo em um interruptor na cabeceira da cama.

A escuridão tomou conta do lugar e eu fechei os olhos enquanto passava um braço pelas costas de Kotori, puxei a coberta até a altura das nossas barrigas e me deixei ser levado para outra dimensão.

CAPITULO 14

De volta pra casa

P.O.V. Kotori

Senti o cheiro de terra molhada logo ao amanhecer. Tinha grandes chances de irmos pra casa hoje e eu esperava que isso realmente acontecesse. Olhei para Yoshi ainda adormecido ao meu lado e sorri por ele estar ali comigo. Não senti o desconforto de ontem em meu ombro, fiquei feliz com o fato. Pela fresta da janela conseguia ver o céu, que não tinha mais aquelas nuvens negras, agora o sol prevalecia lá em cima.

O garoto abriu os olhos alguns minutos depois, desejando—me bom dia e esfregando as mãos no rosto. Sr. Frederiksen veio bater na porta logo após, dizendo para nós que o café estava pronto. Eu fui me trocar e aproveitei para lavar os dentes, me olhei no espelho não aguentava mais ver as mesmas roupas.

Depois de comermos começamos a juntar nossas coisas, mesmo que não tivéssemos espalhado elas por aí. O relógio marcava um pouco mais das nove, me fazendo ficar impaciente.

— Que horas ele disse que viria? — eu perguntei me lembrando de ontem, não tive tempo de questiona-lo sobre o que havia falado com o policial.

— Não disse, eu não perguntei — ele sorriu bobo — Mas garantiu que estaria aqui hoje. Eu espero que tenham conseguido encontrar nosso paradeiro pelo telefone, porque eu não sei onde estamos.

— Nem eu — pra falar a verdade estávamos no meio do nada em uma floresta, a casa pelo menos era bonita, considerando sua localização.

— Acredito que eles são de palavra — disse parecendo me deixar mais tranquila.

— A menos que tenhamos sido alvos de algum tipo de trote, de novo.

— Não, dessa vez eu tenho certeza. Não tem como eu ter ligado para outro número por engano, não acha? — o garoto arqueou uma das sobrancelhas.

— Confio em você — entrelacei meus dedos com os dele. Estávamos sentados na escada da porta da frente quando ouvimos o anfitrião chamar nossos nomes.

Nós seguimos a voz até os fundos, aonde vimos a horta da qual ele havia falado ontem na janta. Passamos dela e nos deparamos com uma casinha de madeira pintada de azul. Tinha uma silhueta lá dentro, Yoshi arriscou indo na minha frente.

— E aí jovens, já arrumaram todas as suas coisas? — Sr. Frederiksen estava ali de frente para uma máquina de lavar.

— Olha, acho que sim — o garoto pensou um pouco.

— Suponho que aquelas peças não sejam minhas — ele apontou para nossas roupas molhadas da chuva, penduradas num varal do lado de fora.

— Eu iria deixa-las! Obrigada — agradei indo até lá. Peguei-as, já estavam secas e cheirosas, provavelmente teriam sido lavadas ontem mesmo.

— Agora sim, não falta nada né — meu parceiro recolheu as dele também.

— Espero que sim — não seria nada legal esquecer algo importante por ali. É fácil deixar algo no amigo e no outro dia ir lá buscar, mas acontece que não teríamos como voltar caso isso acontecesse.

Nós seguimos para dentro da casa e colocamos nossos pertences dentro das mochilas. Deixamos elas encostadas na porta para ser de melhor acesso assim que o regate chegasse. Esperamos um pouco nas escadas e quando vi tinham se passado duas horas. Comecei ficar impaciente, não consegui ficar parada nem por um minuto. Yoshi ria do meu comportamento enquanto pedia para eu me acalmar, ele disse que já estava ficando tonto.

Almoçamos tranquilamente, quer dizer os meninos é claro, eu estava mais do que inquieta, não parei um minuto de batucar o garfo no prato. O garoto ao meu lado chamou minha atenção mais de quatro

vezes, mas sempre acabava rindo comigo. Fiquei ainda mais ansiosa à tarde, só consegui sossegar assistindo um filme nos braços de Yoshi.

A noite chegou e estávamos ajudando com a janta, mas antes que pudéssemos terminar a mesa ouvimos um som alto e as árvores ali em volta começaram a chacoalhar. Minha reação deve ter sido linda de se ver. Saí correndo como se tivesse cometido algum crime e pulei para fora. Sim, era um helicóptero tentando pousar ali. Chamei os meninos para fora num berro e eles já estavam a caminho.

Esperamos até que o pouso fosse completado e nos dirigimos até lá saudando os recém-chegados. Eram dois homens com o uniforme da policia, notei as armas na cintura. O piloto parecia ser mais novo, loiro de olhos azuis e o parceiro com a pele mais escura tinha os cabelos e olhos negros. Eu queria pular neles e agradecer, mas achei que talvez fosse um pouco desnecessário.

— Yamaguchi Yoshihiro e Ritsuko Kotori? — o mais velho perguntou assim que chegamos perto o suficiente.

— Eu, aqui — levantei minha mão, não conseguindo conter a minha felicidade. Arranquei um sorriso dos dois.

— Está na hora de voltarem pra casa, não acham? — disse o outro cruzando os braços.

— Com certeza! — Yoshi foi quem respondeu.

— Nós tivemos um pequeno problema em encontrar uma aeronave livre, não queríamos vir por terra. Tivemos que esperar para poder pegar este aqui.

— O importante é que chegaram — eu estava realmente feliz.

— Bom então o que estão esperando? Peguem suas coisas e podem subir — não acreditei que aquilo estivesse mesmo acontecendo, mas antes de eu me preocupar com meus pensamentos, saí apressada junto com o garoto para pegar nossas mochilas.

Eu tropecei na escada e meu coração acelerou mais ainda, eu ri junto com o menino, pra minha sorte não beijej o chão. Assim que voltamos os policia estavam conversando com o Sr. Frederiksen, a atenção voltou para nós. Vi os adultos trocarem uma palavra e se afastarem para nos receber.

— Acho que chegou a hora em que a gente se despede — o garoto se aproximou do dono da casa.

— É, eu também acho — ele sorriu colocando uma das mãos no ombro dele — Mas fico muito feliz por vocês. Quando forem contar essa aventura maluca, lembrem—se de mim — seu olhar compreendeu nós dois.

— Pode deixar, eu com certeza não vou esquecer.

— Sr. Frederiksen somos muito gratos a você, que nos ajudou e foi muito gentil em abrigar desconhecidos em sua casa — falei me aproximando deles.

Eu o abracei e Yoshi fez o mesmo. Seguimos para dentro do helicóptero abanando e eu desejei que ele não caísse. Eu ainda não havia superado o medo de altura e ainda por cima seria minha primeira vez viajando sobre as nuvens. Pelo menos teria um remédio para acalmar meus nervos: o sorriso lindo de um ser que tinha a mão junto da minha.

P.O.V. Yoshi

Quando ouvi o barulho de hélices baixando posso dizer que meu coração falhou uma batida. Vi Kotori correr que nem uma doida para fora e acompanhei-a. Ela não parava de saltitar e cantarolar enquanto esperava o veículo aéreo pousar totalmente. E lá estava, nossa salvação. Nos aproximamos e trocamos algumas palavras com os policiais, mandaram que pegássemos nossas coisas e depois de nos despedirmos do Sr. Frederiksen entramos na aeronave.

A garota não soltou minha mão, apertou-a ainda mais forte quando ligaram os motores para começar a subir. Se tinha algo que eu queria fazer antes de morrer, era tê-la beijado, claro que isso eu já tinha feito, em segundo plano seria cura-la do seu medo de altura. Eu iria tentar ajuda-la de alguma forma quando chegássemos em casa.

— Mas e aí o que aconteceu? — disse o policial voltando—se para trás, pedindo alguma explicação do nosso sumiço.

— É uma longa história que eu vou contar — eu comecei jogando o olhar para ele, me lembrando de gravar uma mensagem de voz para a próxima pessoa que quisesse saber.

— Continue — vi o piloto dar uma leve inclinada na cabeça para nos ouvir também.

A cada final de frase ele fazia uma pergunta e eu tive que ser bem

claro em todas elas. Até que chegamos no dia de ontem e eu mencionei sobre os caras que nos prenderam em um galpão abandonado.

— E qual a desses sequestradores? Sabem dizer como eles eram?
— uma caderneta surgiu em sua mão junto com uma caneta.

— Um era musculoso com uma trança no cabelo até o meio das costas, o olho era verde e a pele branca. Acho que ele tinha algum tipo de escrita no pescoço e o parceiro o chamou de Kentaro — tentei me lembrar dos pequenos detalhes, mas não estava pensando direito na hora.

— O outro era mais alto e gordo, careca, olhos castanhos, tinha uma tatuagem de naja cobrindo o braço direito. A barba longa compen-sava o que não tinha de cabelo — Kotori contou.

— São informações importantes, temos que investigar assim que chegarmos — comentou o policial para seu parceiro.

Continuei o resto que era pouco e esperei eles falarem alguma coisa.

— Mas enfim — ele continuou nos olhando — Como vocês estão em relação à saúde? — o tom de sua voz mostrava um pouco de curiosidade e preocupação.

— Admito que não me sinto cem por cento, mas estou melhor do que deveria — e realmente não me sentia tão mau — Acho que perdi alguns quilos e provavelmente preciso repor as energias.

— Eu também não sinto nenhuma sensação diferente. Só quero a comida da minha madrasta — a garota sorriu boba.

O homem que nos escutava se virou pra frente e fuçou em uma bolsa térmica, pegou algumas guloseimas e as ofereceu para nós.

— Vocês querem? Acho que não comem algo calórico faz umas semanas — ele disse mostrando os dentes.

— Eu quero e está certo, não vejo a hora de tomar um refrigerante bem gelado — eu necessitava daquilo. Na minha rua tinha uma daquelas máquinas de por moeda e pegar porcarias.

Minha parceira também aceitou, o policial anunciou duas garrafas d'água se quiséssemos depois e nós agradecemos. Percebi a tensão de Kotori e tentei acalma-la segurando sua mão, quando fiz isso senti sua cabeça invadir meu ombro e ficar por ali mesmo. Beijei o alto de

sua cabeça e sussurrei um ‘vai ficar tudo bem’, imaginando como o pessoal nos receberia de volta.

Não demorou muito para que ela caísse no sono e eu também. Eu acordei algum tempo depois, meio desorientado. Meus olhos pesavam e senti meus ouvidos levemente trancados.

— Só cochilou né? — o policial notou meu movimento.

— Quantas horas eu dormi? — quis saber.

— Nem foram horas, foi meia hora apenas.

— Nossa. Quanto tempo levaremos até lá? — imaginei que do lugar onde estávamos daria uma eternidade.

— Duas horas no máximo.

— Ah, imaginava mais, melhor assim.

O silêncio voltou e tentei dormir novamente. Pensei nas coisas boas daquele pequeno acidente e se tivesse que voltar eu faria tudo de novo só para ficar o mais perto possível da minha garota. Eu já tinha passado a noite na casa dela, mas junto com Misa e Yuuta, jamais imaginaria que dormiríamos na mesma cama, nem que eu tivesse que cuida-la. Foi difícil pegar no sono, mas acabei adormecido pelo meu devaneio.

Despertei com um bater de palmas, percebi que a garota fez o mesmo. Seus olhos estavam muito vermelhos, acredito que os meus também estariam. O homem à nossa frente nos olhou e sorriu.

— Nós chegamos! — tentei ver pela janela e lá estava nossa linda cidade, iluminando a escuridão da noite. Estávamos a poucos metros do chão.

— Não creio! Que feliz! — disse Kotori com a voz meio falhando.

Depois de mais alguns segundos começamos a descer na base da polícia de Fukushima. Aterrissamos na área para pouso e meu coração já estava na garganta.

Senti uma felicidade imensa quando coloquei meus pés em terra firme, talvez ela fosse maior no momento em que eu atirasse minha mochila no chão como de costume e me jogasse na minha cama macia cheia de roupas atiradas por cima. Sim, eu era um tanto desorganizado, mas só nas coisas de casa mesmo, tanto é que para me tornar capitão do

time de basquete não foi uma tarefa muito fácil, eu tive que me organizar para continuar com meu rendimento em aula e me concentrar nos treinos também.

— Bom eu já liguei pros pais de vocês, eles provavelmente devem estar aí esperando — sorriu o policial.

— É sério?! — Kotori virou—se rapidamente para ele.

— Claro — o homem pousou as mãos na cintura — Sigam-me vou leva-los até lá.

Nós andamos por uns cinco minutos e uma porta se abriu. E atrás daquela porta estavam as pessoas que me botaram na terra. Eu ignorei o resto do mundo e corri para eles, deixando a mochila no chão mesmo. Abracei—os ao mesmo tempo e ali nos braços deles todas as minhas inquietações se dissiparam.

— Eu estava com tanta saudade! — disse sorrindo mesmo estando virado para parede.

— Nós também estávamos! Não imagina o que passamos meu filho! — disse meu pai. Eu tinha quase certeza de que minha mãe estava chorando, era assim quando ela me abraçava por muito tempo. Acariciei seus cabelos de uma forma tranquilizante.

— É bom voltar — agora os encarava de frente, no momento suas expressões mostravam alegria, mas eu já estava pronto para ver aquelas caras bravas outra vez.

Sorri para Kotori do outro lado da sala. Não demorou muito para que nós fôssemos embora dali. Meu pai apanhou minha mochila e se dirigiu para o carro junto com sua mulher. A mãe da garota também já estava indo e eu fui me despedir dela.

— Agora é oficial, não precisamos mais buscar por nada — brinquei mostrando os dentes.

— A não ser pelos conteúdos e provas que perdemos — ela entrou no jogo, franzindo o cenho.

— Ah, para isso não vamos ter muita dificuldade — vi meus pais me apressarem do lado de fora — Bom a gente se vê amanhã então — eu a abracei forte e automaticamente nossos lábios se tocaram, como se fossem ímãs.

— Até — ela sorriu com as bochechas coradas e eu saí correndo dali.

Entramos no carro e a partida foi dada. Enfim estava indo para o meu lar, a ansiedade de ver meus colegas crescia cada vez mais. No momento eu precisava de um banho e de uma comida caseira.

— Eu vi aquilo mocinho — disse minha mãe virando para trás.

— Ah mãe, você sabe que eu estou apaixonado por ela faz um tempinho né — sorri meio bobo.

— Eu sei, mas me conte, tudo o que aconteceu.

— Tá legal — ela não seria a última a pedir isso, eu realmente precisava daquela mensagem gravada pra agora.

Segui o resto do caminho contando a história, tentando pular as partes em que eu beijava Kotori, mas minha mãe exigiu os mínimos detalhes. Não é muito legal contar como você beija uma garota, achei um tanto constrangedor.

— Então até que teve um lado bom nessa história toda não é mesmo? — ela me lançou um olhar malandro e eu fingi que não vi revirando os olhos.

Depois que chegamos subi correndo e larguei minhas coisas atrás da porta do meu quarto, logo depois coloquei meu celular carregar e liguei para Yuuta do telefone da casa. Na primeira chamada ele não atendeu, tentei mais duas e enfim consegui falar com ele.

— Alô?

— Yuuta! Sou eu! Consegui cara! Estou em casa já — falei um tanto empolgado de mais.

— Meu Deus! Não acredito, estava agora lembrando de vocês. E como é que tu tá? E a Kotori? E como foi só vocês dois sozinhos? — imaginei seu sorriso do outro lado da linha.

— É uma longa história, tem tempo?

— Então, eu sou um desocupado que fica descobrindo a senha dos WI-FI dos vizinhos. Deixe-me checar minha agenda pra ver se eu não tenho nenhum horário marcado com algum cliente — ele sussurrou alguns ‘uhuns’ fingindo verificar alguma coisa — Pra sua sorte eu tenho um tempo livre.

— Besta — eu ri — Já estava com saudade do seu senso de humor também.

Debatemos sobre a minha aventura louca e minha relação com Kotori.

— Nossa eu preciso te contar uma coisa — ele disse depois de acabarmos o assunto anterior. Eu pedi que prosseguisse — Meus pais não vão mais vender o mercado cara, nós conseguimos uns patrocínios com algumas empresas mais fortes — o tom da sua voz mostrava muita animação.

— Ah sério?! Nossa que bom! — fiquei feliz por ele, não queria que fosse embora.

Nós conversamos por cerca de meia hora e depois eu fui tomar um banho. Era um universo totalmente diferente gritar pra mãe trazer uma toalha, nas últimas semanas eu sempre tinha que pedir permissão para fazer coisas básicas. Aqui era só abrir a geladeira e pegar o que tivesse por exemplo.

Desci jantar quando me chamaram e depois aproveitei para rever minha Kuri. Antes de abrir a porta a vi deitada com as orelhas baixas, assim que me viu fez uma festa e eu acariciei seu pelo macio. Fiquei alguns minutos ali com ela e subi lavar as mãos. Já na cama, pousei a cabeça no travesseiro e enviei uma mensagem para Kotori. Posso garantir uma coisa: é muito bom viajar e conhecer novos lugares, mas não há nada melhor do que a nossa casa.

P.O.V. Kotori

Não deu pra segurar a emoção quando eu vi Amy escorada na parede, com o olhar perdido ao longe na janela. Pulei nos braços dela e senti as lágrimas invadirem meu rosto, tentei não derruba-las, só que nem meu corpo estava controlando mais. Não saí do abraço e deixei meu nariz enterrado no ombro dela.

— Kotori estava tão preocupada! Você não tem ideia das noites mau dormidas que eu passei pensando em você!

— É sério? — levantei a cabeça olhando—a nos olhos.

— Mas é claro que sim meu amor, fiquei pensando em tudo que poderia ter acontecido! Você é muito importante pra mim!

Me senti segura novamente, era um jeito único de sentir-se protegida assim como com Yoshi, mas com um vínculo mais forte. Acho que eu nunca tinha dado a chance para ela assumir o papel da minha mãe, pensei que esta deveria ser a hora.

— Eu estava morrendo de saudade, mãe! — eu falei com as mais sinceras palavras.

— Eu também estava minha filha — disse beijando minha cabeça já com lágrimas também.

Nós agradecemos os policiais e tomamos rumo para fora. Antes que eu pudesse sair vi o garoto dos fios rebeldes vir até mim. Despedi-nos e eu encarei seus buracos negros, não sei como eu o beijei na frente da minha mãe, mas beijei. Senti meu rosto quente e sorri boba para ele.

— Poxa, me esqueci de contar tem uma surpresa! — disse Amy já no carro.

— O que é? — me deixou curiosa.

— Você vai ver quando chegarmos em casa.

— Onde está o bebê? — dei falta do meu meio irmão assim que olhei para trás e não o encontrei na cadeirinha.

— Em casa.

— Com quem? — comecei a ficar confusa.

Amy só balançou a cabeça com um sorriso. Tentei imaginar as pessoas que conviviam conosco, mas minhas duas avós não moravam na cidade e acho que ela não deixaria Hiro com qualquer um. Afastei as perguntas e me concentrei nas ruas e lojas das quais eu já estava familiarizada. Só tinha bares e restaurantes abertos devido a hora.

Assim que chegamos vi um alguém parado na porta. Amy estacionou o carro na frente da nossa garagem e eu apanhei minha mochila descendo do carro. Não fiquei nem cinco minutos com ela em mãos, pois logo foi ao chão quando eu vi quem era o homem nos esperando.

— Pai! Ai meu Deus — eu corri o mais rápido possível e me surpreendi com minha velocidade, não deu tempo nem de parar, joguei-me com tudo em cima dele.

Ali junto a mim estava o exemplo masculino que havia desaparecido há um bom tempo. Abracei-o com todas as forças e milhares de perguntas invadiram minha mente, que ele provavelmente teria que responder mais tarde. As lágrimas secas ainda estavam por minhas bochechas até que novas começaram a rolar, só que não foram gotas, eu chorei, imaginando tudo que pudesse ter acontecido a ele.

— Parece até que cresceu enquanto estive fora — ele sorriu e eu ri. Eu batia no seu ombro e foi assim desde os meus quatorze anos.

— Mas enfim, você não deveria estar cuidando do Hiro?

— Ah ele acabou de adormecer.

Entramos e tomamos rumo para a sala, Amy tinha pego minha mochila e a colocou no braço do sofá. A mulher buscou biscoitos de aveia e chocolate que só ela sabia fazer e ofereceu para nós. É claro que eu comi com muito gosto, digerindo uns três por vez.

Eu contei o que havia acontecido e mencionei o envolvimento que eu e Yoshi tivemos durante esses dias. Fiquei feliz por eles me apoiarem e realmente esperava que eu continuasse tendo essa relação com o garoto que eu amava. Depois que eu terminei, exigi do meu pai a história dele.

— Bom meu bem, foi quase isso que aconteceu comigo, também me perdi, mas não me esqueceram não. Eu estava procurando novas espécies em uma caverna no mar, junto do meu colega. Alguma coisa me acertou na cabeça e eu apaguei, acordei cuspidando água, olhei pro lado e vi meu colega desacordado, provavelmente foi acertado pela mesma coisa, eu agi rapidamente reanimando-o. Nós dois ficamos sem saída não sabíamos pra onde ir, tínhamos perdido nosso barco e estávamos em um lugar desconhecido. Por sorte encontramos uma ilha onde tinha frutas e água de nascente. Até que um dia, vimos um navio passando por ali e nós gritamos que nem doidos, em vão devo dizer, porque ele não nos ouviu. Então meu colega louco pra sair dali começou a nadar com uma pedra na mão e foi o mais longe possível, eu não pensei que ele iria conseguir, mas o objeto acertou uma janela chamando a atenção do povo. E assim alguém avisou o comandante e pudemos voltar para casa.

— Eu avisei que ir por conta própria era perigoso, mas os homens não escutam as mulheres — Amy o jogou um olhar de reprovação.

— Nossa, mas ainda bem que o seu colega foi maluco o bastante para sair de atrás do navio — eu sorri imaginando a cena.

— É. Sou muito grato por estar lá comigo na hora e também se eu tivesse ficado sozinho, teria surtado na primeira semana.

— Eu te entendo perfeitamente.

Acabamos vendo um filme depois de colocar as conversas em dia e eu fui brincar com o Lufy assim que terminamos a comédia. Diri-

gi-me até os fundos onde estava meu akita, ele saiu correndo do canto que estava e me derrubou lambendo meu rosto, como senti falta daquela baba pegajosa. Era assim todos os dias depois da escola, ele me massacrava e depois eu ia direto para o banho.

— Que saudade de você garotão — disse passando a mão pela cabeça dele.

Eu o abracei sentando no chão e ele encostou a cabeça no meu ombro. Brinquei um pouco com ele e sua bolinha de borracha azul. Senti o cheiro de comida e resolvi bisbilhotar o que era.

— Eu vou lá pra dentro agora — me despedi lhe dando um beijo na testa.

Lavei as mãos e fui para a cozinha. A janta estava quase pronta. Enquanto esperava tomei uma ducha rápida e voltei para sentar à mesa. Percebi que Hiro havia acordado, ele sorriu pra mim com uma baba escorrendo, senti saudade daquela criança. Fiz um agrado rápido em sua cabeça e esperei a comida ficar pronta.

Depois da janta me despedi com direito a abraços e beijos, subi para meu quarto e sentei na beira da cama, percebi que havia deixado minha mochila na sala. Revirei os olhos e suspirei alto, sempre tinha que ir buscar algo que eu esquecia lá em baixo.

Enfim, quando finalmente cheguei no meu canto pus meu celular carregar. Assim que ele ligou e encheu a bateria com 10% liguei para Misa. Ela deu um grito logo que atendeu, parecia que estava sendo assaltada ou coisa do tipo, mas eu conhecia minha amiga e aquele berro era usado para ocasiões em que se sentia muito feliz. Ouvi a mãe dela perguntar o que tinha acontecido.

— É a Kotori mãe! — sua voz estava um pouco afastada do telefone — E aí tá tudo bem? O que aconteceu?

— Tá tudo ótimo, tudo foi incrivelmente ótimo! — sorri meio boba.

— Mas você foi deixada pelo ônibus, isso é bom? — percebi o tom de curiosidade do outro lado da linha.

— Não, eu quero dizer o que aconteceu durante esse tempo.

— Ah estou sabendo, você não se perdeu sozinha não é mesmo?! Pode me contar, quero saber tudinho!

— Tudo bem!

Esclareci todos os detalhes para Misa e depois começamos a falar assuntos aleatórios. Despedimo-nos e arrumei minha cama, no mesmo instante que deitei meu celular apitou. Bufei e o alcancei contra vontade, puxei a barra de notificações e tinha uma nova mensagem de Yoshi, meu coração acelerou.

“É meio estranho dormir sem você, já tinha me acostumado *u*. Vamos juntos pra escola amanhã ok?” — sorri com o pequeno texto e abri a foto que seguia logo em baixo. Era a que tínhamos tirado no sítio, comigo encostada em seu ombro e ele olhando pra mim, ambos sorrindo. Senti meus batimentos aumentarem ainda mais. Respondi rapidamente. Trocamos mensagens por cerca de uma hora e o sono foi chegando. Desejamos boa noite um pro outro e fomos dormir.

Às vezes eu pensava que nunca iria encontrar uma pessoa certa pra mim, mas podia ter certeza de que um amor eu tinha conseguido, daqueles que as pernas ficam bambas e o estômago embrulha só de pensar no alguém. É muito estranho quando se perde o assunto com quem mais se quer falar, ou no momento em que nossos olhos se encontram e rapidamente desviamos. Eu já havia imaginado inúmeras fantasias com ele, até sonhado acordada só que jamais imaginei que pudesse acontecer de verdade, mas estava enganada.

No dia seguinte depois de acordar, lavei o rosto e me arrumei com o uniforme da escola, limpo e cheiroso. Desci as escadas correndo e me delicieei com um maravilhoso asagohan junto com meus pais. Nada melhor do que comida de mãe. Terminei rapidamente e subi escovar os dentes, arrumei a mochila e estava prestes a sair de casa.

— Ei Kotori!

— O que é pai? — gritei já na porta da frente.

— Quer que eu te leve de carro? — ele ofereceu.

— Não precisa! Tchau, beijos, amo vocês — me apressei e saí, sem esperar resposta.

Minha mente estava concentrada no ser que provavelmente estaria me esperando do lado de fora. Dei uns pulinhos até o portão e lá estava o alguém que eu queria ver. Lancei-o um sorriso e me volvei para a fechadura, como de costume ela sempre emperrava.

— Vejo que está animada — disse reparando nos meus movimentos alegres, e eu por algum motivo estava mesmo.

— Estou! — acenei com a cabeça.

— Que bom, eu também estou — me virei para ele e nos abraçamos, coisa que nunca fazíamos antes.

— Então vamos? — puxei a frente rumo à escola.

— Claro!

Nós caminhamos mais rápido que o normal. Provavelmente ambos ansiosos para rever o pessoal. Foi muito louca a nossa chegada, pensei que só nossos colegas ficaram sabendo do nosso sumiço, mas pelo jeito a história se espalhou, porque quando chegamos todos olharam pra nós, ao longe vi Misa e Yuuta vindo correndo. Eles se atiraram em nós e o resto dos alunos se juntou à nossa volta.

Creio eu que isso chamou a atenção dos professores que logo vieram ver o que estava acontecendo. Assim que nos viram comemoraram com o resto da galera. Senti-me muito bem recebida e refleti no momento, eu nunca tinha imaginado uma situação dessas.

P.O.V. Yoshi

Acordei com o despertador e sorri ao lembrar que iria buscar a minha garota. Esperei alguns minutos deitado para não levantar tonto e arranquei o celular da tomada, antes de largar o carregador em qualquer canto coloquei-o direto na mochila. Troquei de roupa e desci comer um pão com manteiga. Meu pai estava se arrumando para ir trabalhar e minha mãe, quase que de certeza, ainda dormia.

Eu e meu velho conversamos enquanto tomávamos café juntos, ele me ofereceu carona, mas eu expliquei que tinha coisa pra fazer. Depois de escovar os dentes e dar um jeito nas minhas coisas tomei rumo para casa de Kotori. Dava quatro quadras e algumas curvas da minha até a dela, eu não achava uma distância muito longe, já estava acostumado com o caminho.

Não esperei nem por dez minutos e ela já apontou no portão. Sorri ao vê-la e ela fez o mesmo. O ar estava bom, apenas o vento estava um pouco forte naquela manhã, mas nada que não desse para aguentar. Cumprimentamo-nos e fomos até a escola.

Parecíamos artistas famosos ou algo do tipo, muita gente veio para perto perguntando como nós estávamos ou coisas do gênero. Sei que eram muitas pessoas falando ao mesmo tempo, eu me senti bem

vendo que outros se preocuparam com nós enquanto estávamos fora. Depois da crise das perguntas, subimos para as salas e os questionamentos não pararam por aí.

— Vocês tem que nos contar tudo, exatamente tudo o que aconteceu — disse Kirito sentando em cima da mesa onde eu estava.

— Então acho bom sentarem nos devidos lugares — disse Akihiko—Sama.

Por incrível que pareça todos encontraram um lugar vago perto de nós e ficaram mais quietos do que quando se é pra ter uma aula. Eu comecei a história e Kotori foi me ajudando, tentamos esconder o máximo que deu o nosso envolvimento, mas não queria mais fazer isso. Queria ser livre para beijá-la na frente de quem quer que fosse e eu pensei muito nesse assunto.

Nós quase não tivemos aula, a cada professor que trocava tínhamos que repetir tudo de novo, o que eu não achei tão ruim assim. O sinal para o intervalo tocou e nós descemos socializar. Puxei Yuuta para um canto e pedi alguns conselhos de amigo, estava cansado de esconder meus sentimentos com relação à Kotori. Eu planejei algo e pensei em voltar atrás inúmeras vezes, mas meu amigo não deixou. Nós furtamos uma rosa do jardim da escola e subimos quando estava na hora.

Pra minha sorte, a maioria já havia retornado para a sala, olhei para Yuuta um tanto apreensivo e ele me lançou um sorriso reconfortante. Coloquei o braço com a flor para trás e me dirigi à minha garota. Acredito que as meninas se deram conta do que eu ia fazer e começaram a se calar, mandando os outros fazerem o mesmo.

O que aconteceu foi que quando eu cheguei na frente da menina, meus olhos já tinham encontrado as suas safiras verdes, parecia que meu próprio corpo tinha tomado o controle. Senti os olhares em cima de nós assim como as câmeras dos celulares e tentei me concentrar no meu mundo paralelo onde só existia eu e Kotori. O sorriso já brotava no canto de sua boca e nenhum de nós falava nada, foi aí que eu fui me abaixando devagar e sim, o pessoal começou a gritar. A garota levou as mãos ao rosto, já corada.

— Olha, eu sou a pior pessoa para fazer isso, mas se eu não fizesse ninguém ia fazer por mim — arranquei risos dos outros — ou talvez ia. Acontece que antes mesmo da nossa pequena aventura juntos

eu já havia adquirido alguns sentimentos por você e agora não dá mais pra esconder. Então eu preciso saber se você aceita ser oficialmente, a minha garota — revelei a rosa e ela ficou ainda mais sem palavras, as outras garotas já estavam loucas.

— Pessoal! — disse Sugata chamando atenção, eu e a maioria não mexemos um músculo.

— Pera aí eles estão num momento muito importante — disse Misa.

— É claro que sim — a garota tomou o que eu estava segurando e se jogou nos meus braços, primeiro um abraço e depois o beijo.

Meu coração batia mais forte que as palmas naquela sala. Agora sim eu podia chama-la de minha para sempre, podia mostrar para o mundo que nós éramos um casal. Queria ver-me explicando isso para meus pais mais tarde, é claro que eles entenderiam numa boa, a parte não legal seria mostrar o vídeo que provavelmente alguém iria postar em algum lugar.

Sentei-me atrás de Kotori e ficamos de mãos dadas até o final da aula. Estava curioso para ver o que Nitori iria escrever no jornal da escola, porque com certeza ele deveria ter acompanhado isso. No final da aula Yuuta, Chiba, Misa, Kotori e eu, fomos almoçar num restaurante que ficava próximo dali. Não tinha aulas à tarde, aí resolvemos ficar pela cidade mesmo.

Passeamos pela praça, entramos numa loja de mangás só para perguntar os preços e por fim fomos à sorveteria da mãe de Misa, ela acabou ficando por ali para ajudar e Chiba e Yuuta se despediram indo para o outro lado. Sobrou eu e uma garota da mão pequena. Já era hora de voltar, eu a levei para casa, de mãos dadas o tempo todo.

Nós viramos um pro outro e eu ajeitei seu cabelo pra trás da orelha, reparando no brinco pequeno que usava. Toquei seus lábios de leve e em seguida a beijei com intensidade.

P.O.V. Kotori

Não, aquilo não estava acontecendo. Por favor, alguém me acorde que eu vou surtar. Então eu de boa sentada em uma das mesas e aquele ser com olhar encantador vem se declarar pra mim na frente de todos. Não consegui prestar atenção no que os outros faziam só nas

palavras que saíam da boca rosada dele. Yoshi me entregou a rosa e eu fiquei boquiaberta, não raciocinei por alguns instantes e logo me dei conta do que estava acontecendo.

Era impossível imaginar algo mais fofo do que isso, pelo menos para mim. Eu recobrei os movimentos e a consciência me jogando em seus braços, foi simplesmente incrível. Não consegui tirar meus olhos dele pelo resto da suposta aula, todos nós estávamos muito agitados, senti um pouco de pena dos professores.

A tarde foi melhor ainda, sair com os amigos e colocar o papo em dia. Ao entardecer Yoshi me levou pra casa e prometeu voltar no dia seguinte. Despedimo-nos com um beijo. Para mim não era só beijar, eu imaginava todos os sentimentos que trocávamos naquele simples momento. Era algo como confiar um no outro, se preocupar e cuidar do parceiro. Quando nos separamos os sorrisos eram imensos no rosto de ambos.

Fomos nos afastando devagar e eu não entendi o porquê de Yoshi atirar um papelzinho amassado na minha testa. Ao fazer isso saiu correndo e dobrou a esquina, rindo. Fiquei meio confusa e arrebatei a bolinha do chão. Percebi algo escrito, uma mensagem que eu jamais esqueceria a forma da escrita, nem o menino que me fez feliz.

“EU TE AMO”



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Estuda na instituição de ensino Faculdade de Medicina Veterinária - Universidade de Passo Fundo – UPF; escreve e posta seus trabalhos no Projeto Passo Fundo onde é Colaboradora; autora do livro "Devolta pra casa" - Back Home - seu primeiro romance.

“Depois de passar uma água no rosto, peguei uma escova na mochila e, com muito esforço, desembarcei um nó que estava me dando nos nervos. Quando saí do banheiro, não vi o ônibus no lugar de origem, aquilo fez meu estômago embrulhar. Rondei a região e não encontrei nada, nem Yoshi. Aí sim que minha cabeça começou a rodar, perguntas surgiram e me vi sozinha, esquecida na beira da estrada” - Kotori.

Dois jovens acompanham a turma em uma viagem, mas eles não voltam pra casa. Em um súbito momento de distração foram deixados para trás depois de uma pausa na rodovia. Sem nenhum meio de comunicação eles buscam por um abrigo e acabam presos em uma caverna. E isso era o de menos. Depois que conseguem se desvencilhar deste problema, enfrentam algo muito maior: achar o caminho para casa. Juntos, eles experimentam novas sensações e contam com a ajuda de novos amigos durante o trajeto.

O que você faria perdido com o amor da sua vida? Embarque nessa jornada onde a semente de um romance floresce.

A Autora



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

